REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTORES
PANDIA' CALOGERAS, AFRANIO PEIXOTO,
ALFREDO PUJOL e PLINIO BARRETO

REDACTOR-CHEFE
RODRIGO M. F. DE ANDRADE
Redacção e ad. — Rua Rodrigo Silva, 14, 1.º

NESTE NUMERO:

VOCAÇÃO E MARTYRIO DE JUNQUEIRA FREIRE . . . . AFRANIO PEIXOTO
POEMA DA RUA HUMAYTÁ RONALD DE CARVALHO
O LADO OPPOSTO E OUTROS LADOS . . . . . SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA
O FASCISMO (III) . . . . . CALÓGERAS

CORRESPONDENCIA INÉDITA DE MACHADO DE ASSIS

VIDA DE JOAQUIM NABUCO, POR SUA FILHA CAROLINA NABUCO

DIREITO PARLAMENTAR . NESTOR MASSENA
RECORDAÇÕES DE D. QUITERIA . . . . . JOÃO RIBEIRO
CRITICA DO GREGORIANO MARIO DE ANDRADE
QUESTÕES MILITARES E NAVAES . . . . . O M. M. e F. DE PAULA CIDADE

NOTAS POR GILBERTO FREYRE, MANOEL BANDEIRA, RODIGO M. F. DE ANDRADE, MARTINS DE ALMEIDA E EMILIO MOURA.

ANNO I — NUMERO 3 — 15 — OUTUBRO — 1926 — RIO DE JANEIRO

ANNUNCIAE NO

"Diario de Noticias"

de Porto Alegre - Rio G. do Sul

O grande matutino que conquistou pela sua feição moderna e justeza de opiniões a preferencia do publico riograndense, alcançando grande circulação em todo o Estado

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO:

RUA RODRIGO SILVA 14 - 2º

Teleph. Cent. 2478

Revista do Brasil

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 15 DE OUTUBRO DE 1926 — NUMERO 3

POLITICA

A VINDA do Snr. Washington Luis ao Rio serviu para demonstrar mais uma vez o erro crasso em que se obstinam os jornalistas de opposição, arguindo de "politicos profissionaes" os homens que se revézam aqui nas cadeiras parlamentares e nos cargos publicos. O discurso pronunciado pelo presidente eleito, no banquete que lhe foi offerecido pelas classes conservadôras, evidenciou, realmente, que aquella pécha de profissionalismo é de uma injustiça profunda, applicada a S. Ex. As graves questões financeiras abordadas pelo futuro chefe do Estado em sua oração resôaram, no salão do Club dos Diarios, como trechos de uma sonnata difficil de Beethoven interpretados por uma segundo-annista distincta do Instituto de Musica. Os veteranos da bolsa e a velha guarda do commercio e da industria, que ouviram o Snr. Washington Luis falar da estabilisação cambial e de outros problemas, applaudiram-n'o como a um amador muito esforçado e esperançoso. Mas, á saida, achando embóra indulgentemente que aquelle exerciciosinho sobre a québra do padrão tinha sido decorado na pontinha do dêdo pelo novo presidente, os velhos lobos das finanças confiaram uns aos outros as suas apprehensões acêrca da execução feliz da peça. O amadorismo do Snr. Washington Luis, tão interessante no discurso e tão applaudido pelas classes conservadôras, principiou a inquietar a praça, lógo após ao banquete. No dia seguinte, o cambio degringolou na razão directa das emoções por que passaram durante a noite os commensaes do presidente, empolgados ainda pela sua eloquencia financeira.

MAS não é somente o Snr. Washington Luis que nos apparece como desmentido cabal áquella insidiosa accusação de profissionalismo politico. Tambem as personalidades indicadas como de seus provaveis auxiliares de governo apresentam todas as caracteristicas de amadôres para as funcções que devem exercêr. Senão, vejamos os nomes divulgados nos ultimos dias como escolhidos para secretarios de Estado do presidente-eleito:

Justiça — Vianna do Castello.
Fazenda — Getulio Vargas.
Agricultura — Lyra Castro.
Viação — Victor Konder.
Exterior — Octavio Mangabeira.
Etc., etc.

Quer parecer-nos, á vista dessa organisação ministerial, que o mais exigente partidario do amadorismo politico não escolheria melhor.

ENTRETANTO, por uma circumstancia singular, pouca gente deu credito ás primeiras noticias que circularam sobre a constituição do novo governo. Até agora, com effeito, ha quem esteja ainda á espera de uma rectificação do nome de futuros ministros, feita pelo presidente eleito. A cada espectativa, podemos corresponder affirmando, *data venia* dos manes de Alphonse Karr e de outros que o futuro ministerio ficará assim organisado de fórma definitiva:

Justiça — Washington Luis.
Fazenda — Washington Luis Pereira de Souza.
Agricultura — Dr. Washington Luis P. de Souza.
Viação — Illmo. Snr. Dr. Washington Luis Pereira de Souza.
Exterior — Exmo. Snr. Dr. W. Luis P. de Souza.
Guerra — General Washington Luis.
Marinha — Almirante Washington Luis Pereira de Souza.

Isso, salvo pequenas alterações de ultima hora, que pódem consistir na substituição do general Washington Luis na pasta da guerra pelo Dr. Washington Luis Pereira de Souza, passando o primeiro para o ministerio da agricultura.

Foi *tão* imprevista a composição do novo ministerio, que se atribuiu ao actual presidente da Republica uma interferencia poderosa na escôlha dos auxiliares de seu successor. Lógo que se divulgaram os nomes dos futuros Secretarios de Estado, correu por toda parte o rumôr de que occorrêra com o Snr. Washington Luis o mesmo que se passára em 1914 com o Snr. Wenceslão Braz. Este ultimo, como é sabido, tinha desembarcado de Minas trazendo no bolso uma lista de personalidades mais ou menos illustres com que projectava ornar o seu governo. Chegára ao Rio nas vesperas de ascender ao poder, carregado de bôas intenções politicas e administrativas, accumuladas em quatro annos de retiro bucólico e piscoso em Itajubá. O general Pinheiro Machado, porém, conseguiu fazer com que o homem publico mineiro, ao fim de uma penosa conferencia realisada no hotel Metrópole, trocasse as suas intenções excellentes e os seus excellentes ministros por disposições e secretarios de outra sórte.

Agóra, segundo muita gente, o episidio se teria repetido entre o Snr. Arthur Bernardes e o Snr. Washington Luis. O presidente eleito mantinha acêrca da organisação de seu ministerio uma reserva que não se afigurava muito tranquillisadôra para os que desejavam a continuidade da actual orientação politica do governo. Effectivamente, pouco menos de um mez antes de tomar posse, o futuro chefe do Estado persistia numa discreção completa a respeito da escôlha de seus auxiliares e esse silencio obstinado se interpretava como indicio de que S. Ex. pretendia obstar qualquer intervenção extranha na composição do ministerio. Ora (dizia-se), se elle se precavém contra a ingerencia de terceiros nesse assumpto, é que pretende adoptar algum critério menos conforme ao gosto da facção partidaria dominante. Porque, contra a minoria, não tinha necessidade de precavêr-se. E, em vista dessas considerações e de outras, os personagens mais salientes do circulo do Snr. Arthur Bernardes mal podiam disfarçar as suas apprehensões.

O actual presidente, porém, conservava sempre uma calma imperturbavel. Sendo o mais interessado em que o futuro governo seguisse a impetuosa directriz politica que traçou no poder, o Snr. Bernardes não perdia, apezar de todos os rumôres que corriam, aquella tranquilla segurança de si mesmo, que é um dos aspectos mais caracteristicos de sua individualidade. Dir-se-ia que, para S. Ex., a organisação do ministerio do Snr. Washington Luis tinha uma importancia muito secundária.

Eis senão quando, um bello dia, surgem na Camara, triumphantes, os amigos enthusiastas do chefe do Estado, a lançar os nomes surprehendentes dos novos ministros. Estava ganha a partida. E contavam, então, em segredo, que o Snr. Arthur Bernardes chamára ao Cattete o seu successor e, com a maior tranquillidade, lhe solicitára que enumerasse os secretarios que havia convidado ou pretendido convidar. Ao que o Snr. Washington Luis se tinha submetido dôcemente, aceitando todas as objecções que o presidente lhe quiz fazer e acabando por deixar que este compuzesse ao seu sabor o futuro governo.

E ao que se diz, não teria parado ahi a ardilosa influência do actual sobre o futuro presidente. Continuando a manobra, parece que o Snr. Bernardes se interessou particularmente pela opinião e pelas intenções do seu successor referentes ao estado de sitio e á amnistia. Que lhe dissesse o Snr. Washington si realmente pretendia iniciar o seu governo com o levantamento do primeiro e a concessão da segunda, conforme se annunciava. Pois no caso affirmativo, a terem de ser tomadas taes medidas, de tão seguro effeito de popularidade, julgava-se o Snr. Bernardes com liquido e incontestavel direito de preferencia para executal-as. De outra maneira, poucos governos teriam, como o do Snr. Washington occasião assim propicia á facil e imediata conquista do favor publico, em

detrimento do seu antecessor. S. Ex. o Snr. Bernardes, porém, é que não vai na onda e ainda uma vez, com uma pequena pergunta, introduziu ligeiras modificações nos projectos politicos para o quadriennio proximo.

A proposito da recente estadia do Snr. Antonio Carlos no Rio e das probabilidades que tem o Snr. Vianna do Castello de ser um dos membros do futuro governo, contava-se ha pouco uma historia curiosa. Dizia-se que, ao abrir-se o problema da successão do Snr. Mello Vianna, o actual Secretario da Agricultura do Estado de Minas era o candidato do peito do Snr. Arthur Bernardes para a presidencia daquella unidade da Federação. Partidario fidelissimo e extremado do chefe da Nação, o deputado mineiro que exercia então com zêlo alvoroçado as funcções de leader da maioria terá tido ao seu alcance, segundo essa versão, o posto que veio a caber ao Snr. Antonio Carlos. Entretanto, por puro desinteresse pessoal e amôr á união da familia mineira, elle dissuadiu o presidente da Republica de empenhar-se por uma solução que talvez não fôsse muito do agrado do Snr. Mello Vianna. Dahi, a iniciativa da apresentação da candidatura do Snr. Antonio Carlos, emanada habilmente do Cattete, antes que pudesse ser lançada pelo palacio da Liberdade. Nessas manobras rápidas, o Snr. Vianna do Castello teria sido o conselheiro ardiloso do Snr. Arthur Bernardes, emquanto, em Minas, o Snr. Bias Fortes Filho haveria representado o papel de espirito-santo-de-orelha do Snr. Mello Vianna.

A moralidade dessa historia era edificante, segundo uma das pessôas que a referiam. O desvêlo e o desinteresse do Snr. Vianna do Castello, no caso da successão mineira, lhe teriam valido a indicação encarecida do seu nome, feita pelo Snr. Arthur Bernardes, para uma das pastas do proximo governo.

Referiram telegrammas de Hespanha, ha dias, que o general Primo de Rivera, chefe do gabinete e superintendente da politica e da administração daquelle reino, fôra ruidosamente vaiado, em lugar publico, por occasião de grande solemnidade official.

A noticia é das clasificadas de sensacionaes pela pessoa de que se trata e pelas circumstancias. Na ausencia de pormenores, de que o telegrapho é sempre avaro, não é possivel avaliar a gravidade do episodio, tendo o commentario de contentar-se em divagar mais ou menos philosophicamente, e um tanto á tôa.

A vaia não deixa de ser arma de uso frequente, embora deselegante, e já tem passado, de outras vezes, da platéa dos theatros e das archibancadas dos circos e das praças de touros, ao campo largo da politica.

Embora repugnante ás naturezas delicadas, por ser um recurso de guerra que póde ir do assovio e da gritalhada, com acompanhamento de tacões, até os mais impetuosos excessos de brutalidade, é, todavia, em dadas occasiões e circumstancias, o unico desafôgo, a valvula unica por onde pódem escapar os excessos de compressão e de vexame. Tanto a platéa que se sente ludibriada por um artista, um empresario de theatro, como a que acompanha o trabalho e manobras dos artistas e empresarios da politica, ainda mais frequentemente ludibriada, tem recorrido muita vez á vaia, como respiradoiro e desafronta.

Não ha atenuante para o odioso congenito da vaia, quando, por exemplo, é a turba de espectadores que assovia e grita e berra, lançando palavrões e ovos pôdres a um actor e, ainda mais, a uma actriz, abusando, covardemente, da sua superioridade, em numero, em armas e em forças. Muito atenúa, porém, o odioso de semelhante desforço, quando ha equivalencia dos recursos de ataque e de defesa, entre os dois campos, dispondo o vaiado de meios de reacção immediata e podendo tirar a sua desforra, por varias maneiras, como já se tem visto, em casos de vaias e assuadas de ordem politica, do povo contra a usurpação ou a tyrannia.

Fica, portanto, uma coisa pela outra e é essa compensação que torna a vaia de uso eterno, se eterna fôr a humanidade.

Terão, de certo, assim reflectido o commandante em chefe da Hespanha actual e os

outros agentes do poder e da autoridade, alvejados por semelhante manifestação publica de desagrado.

Anda muito na berra a representação da minoria, na proxima legislatura. Puzeram em fóco essa hypothese alguns governadores, de inteira boa fé, acreditamos nós, mas ha muito quem não acredite e pense que o que elles quizeram foi porem-se em fóco elles mesmos, na ingenua sympathia da platéa. A maldade humana é sem limites...

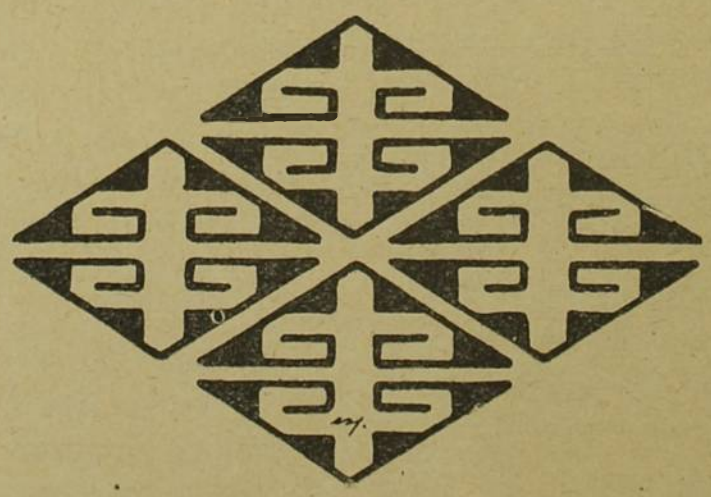
Entretanto, na apoucada capacidade que temos, ou presumimos ter, para julgar a gente e as coisas da politica, uma e outras tão difficeis de entender, valha a verdade, parece nos que a boa e louvavel intenção desses estadistas, ungidos de tamanha tolerancia e tão largo liberalismo, terá de esbarrar, inevitavelmente, nesta difficuldade insuperavel — não haver minoria a fazer-se representar, em quatro quintos da totalidade dos Estados desta federação democratica e liberrima, ao seu modo, bem entendido.

Fazendo esta reflexão e resolvidos, muito anchos de ter dado no vinte, a fixal-a em letra de fôrma, para regalo dos leitores destas notas, quizemos, entretanto, submettel-a ao juiso auctorisado de varios próceres da representação nacional.

Foi unanime a declaração de improcedencia da obrigação e todos, com a mais cortez boa vontade, foram solicitos em tirar-nos do nosso simplorio engano.

E explicaram que a falta ou ausencia de minoria ou opposição não é coisa que possa impedir ou, apenas, embaraçar um governador, que sabe o seu papel de suffragio popular, de fazer figura dando representação á minoria para gaudio da platéa e gloria do seu liberalismo e fidelidade ao regimen. O partido do governo, tanto da União como dos Estados, tem sempre gente de sobra para qualquer sacrificio, de sorte que não falta quem se preste, abnegada e estoicamente para figurar de opposição *ad hoc* e para o effeito de se deixar eleger deputado, como representação da minoria.

Tão simples!...



Vocação e martyrio de Junqueira Freire

I

Prisioneiros, dentro de nós mesmos, o mundo exterior, nossos mesmos semelhantes, só nos são sensiveis, e só nos importam, nas referencias á nossa propria personalidade, pelas nossas sensações, juizos, volições. O homem não é apenas a medida de tudo: cada um de nós refere a si e compassa o seu universo, convertido ao estalão, maior ou menor, do alcance de cada qual. Dahi a diversidade, a variabilidade, do gosto, do criterio, da acção, *quot capita, tot sensus*, da sabedoria popular.

Com taes fundamentos, certa theoria, ethica e esthetica, deve ter razão. Não é a primeira vez, e espero não seja a ultima, que a propago: aos homens desatentos já se aconselhou a unica efficaz figura de rhetorica ,a repetição. Antes desse, outro conselho, tambem sabio, dissera que o justo bem pode ser dito duas vezes.

A obra humana, de arte, de sciencia, de acção, é apenas o ephemero e relativo titulo individual que, dos contemporaneos e pósteros, reclama a attenção para o homem: elle é que deve fixar a curiosidade, o interesse, o enthusiasmo ou o horror da humanidade, exemplar humano que comparamos a nós mesmos, que não somos artistas, sabios, heroes. Passa uma obra de conversão da gentilidade, não passará mais S. Paulo, ou S. Francisco Xavier, ou Anchieta. O juizo do mundo e sua interpretação varia, mas Aristoteles, Bacon, Spencer ficarão. Que importam novos modos de sentir? Phidias, Raphael ou Beethoven terão gloria assegurada. Discordaremos de Cesar, de Torquemada, de Bonaparte, elles terão nossa perpetua curiosidade.

Suas obras, a dos santos, dos poetas, dos sabios, dos politicos, illustrarão suas vidas, reclamando para ellas o culto ou a aversão dos semelhantes. A celebridade é o direito que se adquire a impressionar os outros homens, a custo de sensibilidade, de intelligencia, de vontade. E ás vezes se verificará que essa vida é mais interessante do que a mesma obra, que reclamou a attenção para a vida...

Pode o caso de Junqueira Freire illustrar a lei e este seu corolario. Foi um menino, um rapaz, tonto como todos os outros, mais ainda extremado por doente, e maximé pela sensibilidade desregrada do tempo, a do romantismo. Sacrificou uma vida precaria e um talento precoce, de que deixou indicios, a propositos absurdos, isto é, apaixonados, portanto humanos: foi a obra que chamou a attenção para a vida, foi a vida que lhe fez perdurar a obra. Separados, talvez não conhecessemos a Junqueira Freire. Não teremos curiosidade pelos rapazes e raparigas despeitados que, todos os dias, ingressam nos conventos; pouco nos importam os versos mais ou menos faceis que os sujeitos arranjados e comedidos publicam por ahi, todos os dias. Elle teve talento, o que é sempre admiravel, e não teve juizo, o que, apesar de muito vulgar, é sempre curioso: adquiriu com isto direito á posteridade.

Do talento precoce ficaram provas. Nascido na Bahia a 31 de dezembro de 1832, primogenito de José Vicente de Sá Freire e de d. Felicidade Augusta Junqueira, doente na primeira infancia, foi com pausas que se pôde educar, na aula primaria e nos estudos secundarios. Cresceu demasiado para a idade e dahi, talvez, a lesão cardiaca, por hypertrophia do coração, que, anos depois, aos 23 apenas de idade, o havia de matar. Mas aos 17 já poetava, imitando a Horacio, que o estudo do latim lhe proporcionára, Nicolau Tolentino, cuja satyra lhe agradara á irreverencia da idade, Gonçalves Dias, proclamado o nosso maior lyrico romantico, e o Garrett da "Dona Branca", e o Alexandre Herculano da "Harpa do Crente", entre as jocosidades sem graça contra a vida monastica e a religião sem dogmas e sem ritos, de uma philosophia sem consistencia...

Essas incliniações dar-lhe-iam na poesia nacional uma nota original, que, na literatura portugueza, muito mais tarde, mais perfeita na forma, mas egualmente metaphysica, ia a ser a de Anthero de Quental. Este, como que reconhecia affinidades com o infeliz poeta brasileiro, sendo-lhe, por isso talvez, o melhor critico: compassivo, com a relatividade indispensavel, justo, portanto. E' Anthero quem delle diz, a um correspondente: "Junqueira Freire é de primeira ordem, um verdadeiro poeta... Era frade, frade por desgosto amoroso, e morreu aos (*sic*) 24 annos! Se não morre seria dos primeiros do seculo, que lhe sinto, no que deixou, elementos para isso. O que noto, em geral, nos brasileiros, é que não são *poetas literatos*, mas verdadeiros, apaixonados, arrastados por um fluxo intimo de sentimentos. Por isso são vivos, ainda quando imperfeitos como artistas, como são quasi todos. Mas ha nelles uma sinceridade de inspiração, uma verdade e frescura, uma graça natural de expressão, que me encantam..." (1) Nessa carta referia-se tambem, e expresamente, a Alvares de Azevedo e a Castro Alves, innegavelmente os dois genios de nossa poesia no seculo passado, um que se não realizou totalmente aos 21 anos, outro que aos 24, milagrosamen-

(1) Anthero de Quental — *"Im memoriam"*, Porto, 1896: Carta XVII, a Joaquina de Araujo, 3 de nov. 1880.

te, tinha realizado uma obra social e patriotica, perfeita, em versos admiraveis que ainda hoje lêem entre leitores e ouvintes, commovidos e enthusiasmados.

Junqueira Freire teve a sua nota particular. O seu lyrismo romantico envelheceu, pelos dois graves defeitos do tempo: o excesso verbal, incontinente, que afogava a rara idéa, no fluxo inutil das palavras, ou o pieguismo sentimental dos versinhos, para meninas e moças romanticas. Os seus modelos, a "D. Branca" e a "Harpa do Crente" podiam ser reduzidos a um quinto, tolhidos das dissertações inuteis, sem graça num, sem proposito no outro, e que os tornam hoje fastidiosos: eram do tempo essas demasias; a forma enxuta, concisa, sem excessos, perfeita, é de outra epocha. Os seus criticos transigem com o mau gosto do versinho sentimental, e citam todos uma de suas poesias mais conhecidas, "A orphan na costura", que exemplifica o genero:

"Minha mãe era bonita
Era toda a minha dita
Era todo o meu amor...

Não é esse o Junqueira Freire, digno ainda de ser lido hoje. Elle está, a meu ver, nesse delicado quadro, em que ha talvez uma reminiscencia de seu primeiro mestre, Horacio: pelo menos, podera ser uma traducção de ode sua, e que o honraria:

TEMOR

Ao gozo, ao gozo, amiga. O chão que pisas
A cada instante te offerece a cova.
Pisemos devagar. Olha que a terra
Não se sinta o nosso peso.

Deitemo-nos aqui. Abre-me os braços
Escondamo-nos no seio um do outro:
Não ha de assim nos avistar a morte,
Ouk morreremos juntos.

Não falles muito. Uma palavra basta
Murmurada, em segredo, ao pé do ouvido.
Nada, nada de voz, — nem um suspiro.
Nem um arfar mais forte...

Falla-me só c'o revolver dos olhos.
Tenho-me affeito á intelligencia delles.
Deixa-me os labios teus, rubros de encanto,
Sómente p'ra os meus beijos.

Ao gozo, ao gozo, amiga. O chão que pisas
A cada instante te offerece a cova.
Pisemos devagar. Olha que a terra
Não sinta o nosso peso.

E' delicadamente epicurista, horaciano, e está ao sabor do tempo, de todos os tempos, pois que sempre haverá delicados espiritos ironicos que prefiram enganar as ideias tristes da vida, e dellas a mais triste, a da morte, com o gozo discreto do momento que passa:

Pisemos devagar. Olha que a terra
Não sinta o nosso peso.

E se um ciumento destino no-la mandar, a morte, que venha; como os sabios da philosophia antiga a recebe-la-emos sorrindo:

MORTE

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o termo
De dous fantasmas que a existencia formam,
—Dess'alma vã e desse corpo enfermo.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o nada,
Tu és a ausência das moções da vida,
Do prazer que nos custa a dôr passada.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és apenas
A visão mais real das que nos cercam
Que nos extingues as visões terrenas.

Amei-te sempre: — e pertencer-te quero
Para sempre tambem, amiga morte.
Quero o chão, quero a terra, — esse elemento
Que não se sente dos vaivens da sorte.

Para tua hecatombe de um segundo
Não falta alguem? — Preenche-a commigo:
Leva-me á região da paz horrenda,
Leva-me ao nada, leva-me comtigo.

Myriadas de vermes lá me esperam
Para nascer de meu fermento ainda,
Para nutrir-se de meu succo impuro
Talvez me espera uma plantinha linda.

Vermes que sobre podridões refervem,
Plantinha que a raiz meus ossos ferra,
Em vós minha alma e sentimento e corpo
Irão em parte aggregar-se á terra.

E depois, nada mais. Já não ha tempo,
Nem vida, nem sentir, nem dor, nem gosto.
Agora o nada, — esse real tão bello,
Só nas terrenas visceras deposto.

Facho que a morte ao lumiar apaga,
Foi essa alma fatal que nos aterra.
Consciencia, razão, que nos affligem
Deram em nada ao baquear na terra.

Unica idea ou a mais real dos homens
Morte feliz — eu quero-te commigo,
Leva-me á região da paz horrenda,
Leva-me ao nada, leva-me comtigo...

Entre Byron e Baudelaire, que a um não conheceu, talvez, e a outro não poderia conhecer, está mais um poeta "damné", e esse accento é novo e insolito na poesia brasileira. Alvares de Azevedo, contemporaneo do nosso, mas que elle não chegou a ler, tambem menosprezou a morte, mas protegeu-se de "humourismo", que é o disfarce comico da sensibilidade dolorida:

Que noiva! e devo então dormir com ella?
Se ella ao menos dormisse mascarada...

Nosso poeta, não; pede e chama a morte, conforto e consolação, "pensamento gentil de paz eterna", ao nada tranquillo e feliz, sem mais dor, nem razão. Esse nihilismo só trinta anos mais tarde teria um éco sublime em Madame Ackerman. Nossos poetas nunca o ousaram e os criticos prudentes, senão religiosos, nem sequer o comentaram. Creio que ha apenas uma palavra, sem insistencia, e a outro proposito, em José Verissimo.

Dahi, á rebeldia luciferiana, havia apenas um passo: Junqueira Freire não vacilou em dá-lo, num poema, talvez o mais bello dos seus, pois que é um grito de desespero: como um Job, que se fizesse réprobo.

DESEJO

Se além dos mundos esse inferno existe
Essa patria de horrores,
Onde habitam os tetricos tormentos,
As ineffaveis dores.

Se alli se sente o que jamais na vida
O desespero inspira
Se o suplicio maior, que a mente finge,
A mente alli respira.

Se é de compacta, de infinita braza
O solo que se pisa:
Se é fogo, e fumo, e sulphur, e terrores
Tudo o que alli se visa;

Se alli se goza um genero inaudito
De sensações terriveis;
Se alli se encontra esse real de dores
Na vida não possiveis;

Se é verdade esse quadro, que imaginam
As seitas dos christãos;
Se esses demonios, anjos maus, ou furias,
Não são uns erros vãos;

Eu — que tenho pisado o collo altivo
De vária e muita dor;
Que tenho sempre das batalhas della
Surgido vencedor;

Eu — que tenho arrostado immensas mortes
E que pareço eterno,
Eu quero de uma vez morrer p'ra sempre
Entrar emfim no inferno.

Eu quero ver se encontro alli no abysmo
Um tormento invencivel,
— Desses que achá-los na existencia toda
Jámais será possivel!

Eu quero ver se encontro alguns supplicios
Que o coração me domem;
Quero lhe ouvir esta palavra incognita:
— Chora por fim, — que és homem!

Que, de arrostar as dores desta vida,
Quasi pareço eterno!
Estou cançado de vencer o mundo
Quero vencer o inferno!

E' possivel, aqui e ali, um deslise de forma, peccado aliás romantico; é possivel uma repetição de idéa, tambem intemperança romantica: não conheço grito de desespero mais ousado e que exceda a quanta hyperbole, de Byron a Esponceda, de Baudelaire a Carducci, o genio poetico rebelde e delirante tenha atrevido. E, nessa nota geral, que bastaria para consgrar um poeta, duas outras que marcam uma sensibilidade pervertida, mas independente. Um, é o sadismo das "ineffaveis dores", do "goso de sensações terriveis"; outra, é a sobranceria do genio, combatido, mas não vencido, "pisando o collo altivo da dor", "arrostando immensas mortes"... E entrar no inferno, para vencer o inferno, é empresa divina, a que se arrouba o poeta: um tal delirio marca, fatidicamente, um poeta de genio. O de Junqueira Freire teve alguns desses raros clarões e se abysmou, em busca da morte, na vida e nas contradições da vida.

(*Continúa*) AFRANIO PEIXOTO.

Poema da rua Humaytá

Brincam as crianças na tarde quieta,
pelas folhas dos morros os aromas brincam . . .

O dia tão lindo que passou

o dia tão lindo!

Brincam as crianças . . .
Quentura de mãos dadas
sabor de leite e fruta
gostos acidos
bocas humidas
linhos cheirosos, babados, fitinhas . . .

Os morros são berços que embalam as folhas.

As crianças brincam na tarde quieta.
Rodar
balançar
rodar

balançar . . .

A noite que chega!

Torpor . . .

No céo todo azul brincam as estrellas.

RONALD DE CARVALHO.

O lado oposto e outros lados

Qualquer pessoa que compare o Brasil intelectual de hoje com o de ha dez anos, não pode deixar de observar uma divergencia apreciavel entre os dois "momentos", não só nos pontos de vista que os conduzem como ainda mesmo nos individuos que os esprimem. Não quero insistir na caracterisação dessa divergencia, que me parece profunda, nem vejo em que poderia ser util mostrando o motivo que me leva a preferir um ao outro.

Está visto que pra mim os que esprimem o momento actual neste âno de 1926 contam muito mais do que os de 1916. A gente de hoje aboliu escandalosamente, graças a Deus, aquele cepticismo bocó, o idealismo impreciso e desageitado, a poesia "bibelô", a retorica vazia, todos os idolos da nossa inteliguentzia e ainda não é muito o que fez. Limitações de todos os lados impediam e impedem uma acção desembaraçada e até mesmo dentro do movimento que sucitou esses milagres têm surgido germens de atrofia que os mais fortes já começam a combater sem treguas.

E' indispensavel para esse efeito romper com todas as diplomacias nocivas, mandar pro diabo qualquer forma de hipocrisia, suprimir as politicas literarias e conquistar uma profunda sinceridade pra com os outros e pra comsigo mesmo. A convicção dessa urgencia foi pra mim a melhor conquista até hoje do movimento que chamam de "modernismo". Foi ela que nos permitiu a intuição de que carecemos, sob pena de morte, de procurar uma arte de espressão nacional.

Não se trata de combater o que já se estinguiu, e é absurdo que muitos cometem. Mesmo em literatura os fantasmas já não pregam medo em ninguem. O academismo, por exemplo, em todas as suas varias modalidades — mesmo o academismo do grupo Graça Aranha-Ronald Renato Almeida, mesmo o academismo de Guilherme de Almeida — já não é mais um inimigo, porque êle se agita num vazio e vive á custa de heranças. As figuras mais representativas desse espirito academico e mesmo as melhores (como é o caso dos nomes que citei) falam uma linguagem que a geração dos que vivem esqueceu ha muito tempo.

Alguns dos seus representantes — refiro-me sobretudo a Guilherme de Almeida e a Ronald de Carvalho — graças a essa "intelligencia aguda e subtil" que foi o paraizo e foi a perda da geração a que êles pertencem, aparentarem por certo tempo responder ás instancias da nossa geração. Mas hoje logo á primeira vista se sente que falharam irremediavelmente. O mais que êles fizeram foi criar uma poesia principalmente brilhante: isso prova que sujeitaram apenas uma materia pobre e sem densidade. De certo modo continuaram a tradição da poesia, da literatura bibelô, que nós destestamos. São autores que se acham situados positivamente "do lado oposto" e que fazem todo o possivel para sentirem um pouco a inquietação da gente da vanguarda. Donde essa feição de obra trabalhada conforme esquemas premeditados, essa ausencia de abandono e de virgindade que denunciam os seus livros. *Toda a America* e *Raça* seriam talvez bem mais significativos para a gente si não fosse visivel a todo o momento a intenção dos seus autores de criarem dois poemas geniais. Essa intenção é sobretudo manifesta em *Toda a America*. E' um dos aspectos que tornam mais lamentavel e pretencioso o movimento inaugurado pelos nossos academicos "modernisantes". Houve tempo em que esses autores foram tudo quanto havia de bom na literatura brasileira. No ponto em que estamos hoje *eles não significam mais nada para nós.*

Penso naturalmente que poderemos ter em pouco tempo, que teremos com certeza, uma arte de expressão nacional. Ela não surgirá, é mais que evidente, de nossa vontade, nascerá muito mais provavelmente de nossa indiferença. Isso não quer dizer que nossa indiferença, sobretudo nossa indiferença absoluta, vá florecer por força nessa espressão

nacional que corresponde á aspiração de todos. Somente me revolto contra muitos que acreditam possuir ela desde já no cerebro tal e qual deve ser, dizem conhecer de cór todas as suas regiões, as suas riquezas incalculaveis e até mesmo os seus limites e nos querem oferecer essa sombra em vez da realidade que poderiamos esperar deles. Pedimos um aumento de nosso imperio e êles nos oferecem uma amputação. (Não careço de citar aqui o nome de Tristão de Athayde, incontestavelmente o escriptor mais representativo dessa tendencia, que tem pontos de contacto bem visiveis com a dos academicos "modernisantes" que citei, embora seja mais consideravel).

O que idealisam, em suma, é a criação de uma élite de homens inteligentes e sabios, embora sem grande contacto com a terra e com o povo — é o que conclúo por minha conta; não sei de outro geito de se interpretar claramente o sentido dos seus discursos —, gente bem intencionada e que esteja de qualmodo á altura de nos impor uma hierarquia, uma ordem, uma esperiencia que estrangulem de vez esse nosso maldito estouvamento de povo moço e sem juizo. Carecemos de uma arte, de uma literatura, de um pensamento enfim, que traduzam um anceio qualquer de construcção, dizem. E insistem sobretudo nessa panacéa abominavel da *construcção*. Porque para êles, por enquanto, nós nos agitamos no cáos e nos comprazemos na desordem. Desordem do que? E 'indispensavel essa pergunta, porquanto a ordem perturbada entre nós não é decerto não pode ser a *nossa ordem;* ha de ser uma coisa ficticia e estranha a nós, uma lei morta, que importamos, senão do outro mundo, pelo menos do Velho Mundo. E' preciso mandar buscar esses espartilhos pra que a gente aprenda a se fazer apresentavel e bonito á vista dos outros. O erro deles está nisso de quererem escamotear a nossa liberdade que é, por enquanto pelo menos, o que temos de mais consideravel, em proveito de uma detestavel abstração inteiramente inoportuna e vazia de sentido. Não me lembro mais como é a fraze que li num ensaio do francez Jean Richard Bloch e em que ele lamenta não ter nacido num paiz novo, sem tradições, onde todas as esperiencias tivessem uma razão de ser e onde uma espressão artistica livre de compromissos não fosse ousadia inqualificavel. Aqui ha muita gente que parece lamentar não sermos precisamente um paiz velho e cheio de heranças onde se pudesse criar uma arte sujeita a regras e a ideais prefixados.

Não é para nos felicitarmos que esse modo de ver importado directamente da França, da gente da *Action Française* e sobretudo de Maritain, de Massis, de Benda talvez e até da Inglaterra do norte-americano T. S. Eliot comece a ter o apoio em muitos pontos do esplendido grupo "modernista" mineiro da "A Revista "e até mesmo de Mario de Andrade, cujas realisações apesar de tudo me parecem sempre admiraveis. Eu gostaria de falar mais longamente sobre a personalidade do poéta que escreveu o "Noturno de Bélo Horizonte" e como só assim teria geito pra dizer o que penso dele mais á vontade, pra dizer o que me parece bom e o que me parece mau na sua obra — mau e sempre admiravel, não ha contradição aqui — resisto á tentação. Limito-me a dizer o indispensavel: que os pontos fracos nas suas teorias estão quasi todos onde elas coincidem com as ideias de Tristão de Athayde. Essa falha tem uma compensação nas estupendas tentativas para a nobilitação da fala brasileira. Repito entretanto que a sua actual *atitude* intelectualista me desagrada.

Nesse ponto prefiro homens como Oswald de Andrade, que é um dos sujeitos mais estraordinarios do "modernismo" brasileiro; como Prudente de Moraes, neto; Couto de Barros e Antonio de Alcantara Machado. Acho que esses sobretudo representam o ponto de resistencia necessario. indispensavel contra as ideologias do constructivismo. Esses e alguns outros. Manuel Bandeira, por exemplo, que seria para mim o milhor poéta brasileiro si não ezistisse Mario de Andrade. E Ribeiro Couto que com *Um Homem na Multidão* acaba de publicar um dos três mais belos livros do "modernismo" brasileiro. Os outros dois são "Losango Cáqui" e "Pau Brasil".

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA.

O Fascismo

III

O profundo desassocego resultante dos resentimentos italianos no theatro internacional ia poderosamente influir em um meio no qual lavravam intensas perturbações oriundas de causas outras.

Conquistada pelo *risorgimento*, a unidade fôra o triumpho de uma minoria pensante, na qual visão de homens de Estado e energia de patriotas integralistas haviam vencido as tendencias separatistas e dispersivas que, desde a quéda do Imperio Romano, tinham retalhado a peninsula em uma pulverisação de soberanias minusculas.

Finda a campanha, os germens de individualismo excessivo invadiriam outro terreno.

Intangivel a obra de 1870, na disputa partidária do governo se manifestaria a vitalidade combativa dos politicos. E, entre a multiplicidade de grupos que então surgiram, se estabeleceu verdadeiro páreo de *surenchère*. Naturalmente, a reacção dos elementos conservadores manteria o equilibrio; não tanto, comtudo, que lograsse impedir a progressiva preponderancia das soluções socialistas, de programmas negativistas, de internacionalismo inquietador.

Nisto explodiu a guerra.

Como ao sopro do vendaval ruem comoros de areia inconsistente, arrasaram-se as construcções mentaes sem base na realidade humana. Sentiu-se, por toda a Europa, o irresistivel e dominador poder da tradição, da noção de patria ;ser moral a unir, no presente, o passado e o futuro; conjuncto de glorias, de soffrimentos, de realisações e de esperanças; ideal sempre vivo a symbolisar a familia, as crenças, o lar, a raça, suas victorias e seus anseios.

E num silencio sem gestos theatraes, acto de contricção viril, mais augusto e eloquente em sua simplicidade do que as mais alcandoradas phrases, foram socialistas de todos os paizes em lucta occupar na fileira os logares designados. Esvaira-se o sonho. Restava, cruento e superior, o dever nacional. Ao appello da Patria, ninguem faltou.

O terrivel cadinho, que foi a longa batalha de quatro annos, apurou essas qualidades másculas. A solidariedade intima que o combate géra entre os soldados; o alvo commum pelo qual pelejavam; a méta superior que os alentava a soffrer e morrer; tudo agiu com indescriptivel auctoridade para consolidar a mentalidade nova, forjando no sacrificio e no heroismo as velhas nações, que surgiriam renovadas da provação sem par.

Do ponto de vista patriotico, a frente em fogo era uma forja de refino, depuradora da alma nacional. Exigindo a dadiva integral de todas as vidas, a subordinação do individuo a um movel supra-humano, o desprendimento total e o altruismo absoluto, era um seminario de martyres em exaltado e purissimo ambiente de fé. Sentiam e sabiam esses homens que eram os actores reaes do drama, nessa desmedida epopéa.

A acção purificadora, porém, não se estendia ao resto do paiz. Era de ver o despreso com que, nas linhas de batalha, se acolhiam visitantes a procurarem, com o minimo de riscos, breves minutos de innocua emoção guerreira; ou repercutiam as empoladas tiradas daquelles que haviam permanecido á retaguarda, a salvo, e, ao perigo ingente, ás feridas e aos mortos, distribuiam suas louvaminhas de rhetorica balôfa ou decerniam ridiculas corôas de tropos.

Combatentes na lama e no sangue em atmosphera de morte, exigiam mais respeito por parte dos *embusqués;* e, no animo simplista da tropa, eram taes quantos se achavam no interior, longe das ameaças e dos perigos. Consideravam offensivas as piéguices e as phrases feitas dos distribuidores de epithetos e de recompensas, pontificando, ao abrigo, sobre os heroismos dos que baqueavam no campo da lucta.

Bourreurs de crâne, rude e energicamen-

te qualificou-os a eloquencia espontanea e indignada das trincheiras, em França.

E assim nasceu, se desenvolveu e cristallisou a funda hostilidade entre os que se batiam e os que, prudentemente, se haviam acoutado em serviços tranquillos, ou em funcções burocraticas ou politicas do interior, fujões e despresiveis como eram considerados.

Toda desmobilisação acarreta immensas difficuldades, technicas e economicas. Imagine-se, após o armisticio, ao voltarem os exercitos, a mortificação experimentada!... Esses homens, convencidos de que os nimbava a cada qual um halo de gloria, ainda ouviam louvores e preitos de admiração. Mas, em realidade, esbarravam com toda a situação economica e politica creada pela guerra, e que sua volta vinha desorganisar... Os heróes viravam intrusos e indesejaveis...

Augmentaram odios e accusações contra os politicos e advogados do Parlamento, que, aproveitando a situação, tinham lucrado com a guerra e alcançado posições e proventos, e deixavam abandonados e na miseria aos vencedores, sacrificados mas reaes, da lucta.

Ainda si houvessem conseguido para o paiz o premio de seus inauditos sacrificios, apresentariam certa attenuante ou consolo para a desillusão dos soldados. Mas, era o que se via: os ideaes internacionaes da Italia malbaratados e vencidos, quando não chasqueados; as terras não redimidas, no fundo do Adriatico; o paiz, ainda não integralisado, ferido em suas aspirações raciaes...

Na fogueira já accêsa, novo combustivel se juntava.

Havia mais.

A Italia, insufficientemente aproveitada do ponto de vista agricola, e pobre em carvão mineral, exigia vultuosas importações para manter a alimentação normal de seus habitantes. A guerra, impondo larga utilisação das frótas para transportes bellicos, forçosamente restringiria a vehiculação de hulha e de meios de subsistencia, em maior escala trazidos por navios extrangeiros, quer neutros, quer belligerantes. Os torpedeamentos reduziam ainda as disponibilidades em tonelagem mercante aproveitavel.

O conjuncto de taes factores produzia, na peninsula, verdadeira crise de sub-alimentação. Talvez, dos paizes alliados, tenha sido o reino mediterraneo o que mais gravemente soffreu de restricções dessa natureza, apesar da simplicidade de vida e da notoria sobriedade de seus filhos. Dahi, consequencias numerosas que reflectiam na economia de cada lar, empobrecendo-o e minguando-lhe a resistencia vital. Faceis de conceber, os soffrimentos physicos e moraes decorrentes de tal situação, soffrimentos que se prolongarem muito além do armisticio.

A essas familias depauperadas, a desmobilisação fez voltar seus chefes ausentes, e acostumados a passadio menos restricto; pois, como era natural, todos os sacrificios se accumulavam sobre a população não combatente, para manter assegurado o estalão de vida mais alto do soldado. Cessou esta orientação, quando suspensas as hostilidades. Voltava, portanto, o homem da frente, já amargurado e desilludido por outros motivos, para uma casa em que a privação era a regra.

Em todas as grandes commoções politicas ou sociaes, diz-nos a historia de todos os povos e de todos os paizes, baixa o nivel moral dos costumes.

Ante as ceifas sombrias que a guerra exige na flôr da população, nas camadas mais jovens e cheias de esperanças, apodera-se de todos uma ansia de viver, de gosar, de aproveitar intensamente o pouco de vida que lhes resta antes de tombarem nos prélios.

A nação inteira como que repete o "*morituri te salutant*" dos gladiadores antigos, e, como elles, vive sem freio. Não é méro desvario de sentidos. Nelle ha um fundo de generoso esquecimento de si-proprio por parte do elemento feminino, que não ousa negar-se, nem regatear seu proprio sacrificio, áquelles que, amanhã, talvez sejam immolados *pro aris et focis*.

Caracterisa a guerra moderna o não mais ser feita por profissionaes: a sociedade inteira se mobilisa, uns nas fileiras; outros nos serviços de retaguarda compativeis com edade e forças dos que ficam; as mulheres vão, nos campos, nas cidades, e nas fabricas, preencher os vacuos deixados pelos homens válidos em armas.

Dahi, para o sexo feminino, novos habitos de liberdade, novas frequentações, que lhe alteram profundamente a mentalidade. Masculinisa-se nos costumes, nas relações sexuaes, na intensidade e na grosseria da concurrencia economica. Quanta vez, a esposa ou filha, que se deixou guardando a casa, se transformaria para peior?

Nesse meio voltava o pae, o marido, o irmão, o filho ou o noivo. Quanto desespero, por vezes, a accrescer ás demais amarguras?...

Nem siquer lhe eram sempre asseguradas as boas-vindas.

O operario que tornava, para a mulher que o havia substituido em sua faina costumeira, significava o emprego perdido ,a volta á pristina subordinação familiar, o abandono dos costumes novos a que se havia afeito. Para innumeras *déracinées* creadas pela guerra, foi este periodo um dos mais duros de sua existencia. Não é de admirar que muitas, definitivamente, se desclassificassem.

Em vez de festivo, o regresso representava maguas e desillusões e desesperos.

Vencedores desgraçados, ao voltarem do campo da victoria só encontravam ingratidões, esquecimentos e dôr...

Porquê? Quaes os responsaveis por tão immerecido castigo, após as promessas rutilantes de 1915?

Olhavam em torno de si. Nas relações internacionaes, a Italia ludibriada e mal defendida, diziam elles. Na vida interna, o governo não soubéra attenuar a crise terrivel da guerra e da paz, proclamavam ainda.

Politicos e Parlamentos, egualmente fulminados de ataxia, nada faziam nem impediam. Nas assembléas, debates e resoluções gyravam em torno de mesquinhos interesses pessoaes ou partidarios. Dos problemas nacionaes, ninguem cuidava.

Era esse ,accrescentava a opinião generalisada, mal ingenito das turbas deliberantes.

A Polonia antiga, em grande parte victima do *liberum veto,* havia desapparecido. Na Hespanha, a instabilidade do poder legislativo e dos partidos, fábrica continua de revoluções e de motins militares, tinha eliminado a noção de governo e de firmeza dos rumos politicos. Na Allemanha, incapazes de pensarem politicamente, partidos e Reichstag deixavam o antigo Imperio naufragar na bancarrota, nas desordens e nos erros injustificaveis em que se basearia a occupação franco-belga da Ruhr, e ante o sossobro as Camaras se agitavam, paralysada qualquer acção operante. Na França, o esforço de Poincaré, na presidencia do Concelho, mal conseguia equilibrar-se ante o embate das facções e dos grupos pessoaes; dentro em breve, a renovação do Poder Legislativo daria logar ao triumpho dos extremistas da esquerda republicana, abrindo a éra dos gabinetes-phantasmas, que se organisavam apenas para serem immediatamente derrubados, mantida sómente certa unidade nos rumos da politica externa pelo prestigio individual e pela influencia de raros homens de Estado, quasi inamoviveis em suas pastas, no kaleidoscopio parlamentar das mutações ministeriaes.

A Inglaterra, excepção unica, mantinha a apparencia, mas méra apparencia, de um governo de gabinete. Ahi mesmo, com o advento dos trabalhistas e dos partidarios do entendimento com a Russia, rude golpe fôra vibrado nos partidos tradicionaes da Grã-Bretanha.

Desde cedo, entretanto, fôra comprehendida a falha do systema, a instabilidade das assembléas deliberantes. Para obviar ,ao grave senão de um governo de multidões mais ou menos numerosas, havia sido adoptado, nas leis não escriptas do apparelho politico, um methodo peculiar.

Dous partidos já seculares a se revesarem por cyclos. Determinantes do momento da mutação, as livres manifestações eleitoraes de uma opinião publica escleracida e activa. Dentro em cada periodo, a dictadura do primeiro ministro, systematicamente apoiado por maiorias submissas, nas quaes a éthica partidaria e parlamentar não tolerava discrepancias, que, entre *gentlemen,* seriam inadmissiveis. Dictaduras successivas e alternadas, rotativas, pois, conforme os pronunciamentos evidentes e não coactos dos eleitores.

A precariedade do artificio teria de se evidenciar nos grandes conflictos politicos,

moraes, internacionaes, em que a Inglaterra viu periclitar seu systema de governo parlamentar, quebrados os velhos moldes partidarios: no *home-rule;* na lucta entre os regimes fiscaes, de liberdade e de protecção; na socialisação de certos encargos e iniciativas.

Nas Americas, espectaculo analogo se lhes deparava. Os mais sérios problemas externos, a propria assignatura dos Estados-Unidos, no tratado de Versalhes, pasto de competições partidarias internas. Uma paz separada, solução manca de uma tarefa de caracter collectivo, á qual Woodrow Wilson tinha apposto seu sello em nome da grande Republica.

Nos demais paizes, Executivos preponderantes de modo esmagador, a demonstrarem a exacta observação de Bluntschli sobre constituirem o poder primario por excellencia. Nelles, a actividade das Camaras não passava de méra agitação verbal, de maior ou menor insignificancia.

A Italia inteira, cançada e aspirando á regularisação e á efficiencia de seu governo, via prolongar-se a esteril anarchia de suas instituições legislativas. Aos seus problemas essenciaes, directamente ligados á sua existencia de grande potencia, ás suas mesmas necessidades internas da vida diaria, respondia o Parlamento com a nihilidade de sua acção, a futilidade das disputas pessoaes, o escandalo de mesquinhos conflictos partidarios.

Já as organisações anteriores á guerra não entendiam as massas profundas da população. Não comprehendiam a renovação mental e sentimental trazida pela grande prova cruenta. Socialistas de matizes vários ainda pensavam no plano internacional, quando a terrivel lucta havia consolidado alvos puramente nacionaes. Ainda propugnavam alguns chefes retardatarios soluções desintegradoras, ao passo que seus antigos soldados haviam pelejado e morrido pelo ideal da concentração das energias nacionaes, italianas, em torno da mesma Italia. E assim se revelou o extranho espectaculo de tropas que renegavam seus commandantes, porque estes não tinham entendido, e mesmo trahiam, aos impulsos motores vitaes dos interesses collectivos superiores da nacionalidade resurgida.

Emquanto taes chefes, com rhetorica ôca e bracejamentos no vácuo, em ambiente em que não mais encontravam écho nem correspondencia, brandiam conceitos peremptos e fórmulas já antiguadas, os portadores dos conceitos novos, apóstolos de uma verdade outra, baptisada por quatro annos de guerra e de experiencia dos males causados pelas passadas directivas; homens novos na politica italiana, cheios de fé, de ardor e de enthusiasmo, organisavam pelo reino inteiro os elementos de combate com que contavam vencer, no ataque formidavel que se ia levar aos processos avelhantados, já sem valor.

No Sul da Italia, a repercussão foi menor. A agitação manifestou-se principalmente da Apulia para Norte.

Os conservadores temiam triumphos illimitados do socialismo, quaes os exigiam os representantes parlamentares do partido; por isso viam sem antipathia a corrente nova que proclamava a necessidade de combater todas as forças desintegradoras do paiz, e de fortalecer a tradição, as conquistas dos maiores, e de solver favoravelmente as grandes questões das terras irredentas e do patrimonio colonial.

Os socialistas tentaram reagir. Defrontaram largas tropas de seus antigos adeptos, inteiramente transformadas pela guerra, com o culto do ideal italiano e do fortalecimento dos valores proprios do paiz. Entibiaram.

De um a outro extremo da peninsula, ao appello de chefes infatigaveis, magnetisadores das massas, organisadores peritos, sabendo falar aos sentimentos profundos das turbas, formaram-se as legiões dos combatentes pela renovação da Italia.

Fundiram-se em um unico e gigantesco grito de assalto, os brados de miseria, de angustia, de desespero e de revolta de um povo que se julgava ludibriado e expoliado. Encontrou cabeças dirigentes, audazes, conhecedoras das aspirações collectivas, destemidas e enthusiastas.

O fascismo, nascente e já victorioso, não foi motim nem rebeldia. Foi uma revolução, sahida do soffrimento e dos anseios nacio-

naes de desilludidos, movido por innumeras victimas da politica partidaria da Italia antes e durante a lucta. Agiram em meio da neutralidade sympathica, sinão da propria cumplicidade, do paiz inteiro.

Era a solução nacional forçada, pelo momento, do problema de governo, ante um parlamentarismo desprestigiado, sem forças, exgottado, incapaz e morto.

Tinha de vencer.

E, em phase propicia, se iniciou a marcha sobre Roma.

(*Continúa*). CALOGERAS.

Correspondencia inédita de Machado de Assis

As cartas que se encontram abaixo fazem parte da vasta correspondencia de Machado de Assis a Mario de Alencar, de 1895 a 1908. Nesse archivo absolutamente inédito ha documentos de grande interesse humano e literario, que desvendam aspectos mal conhecidos da personalidade singular do autor das "Memorias Postumas de Braz Cubas".

Devemos a sua divulgação á extrema generosidade de Jorge de Alencar.

Rio, 20 de Novembro de 1902.

Meu caro Mario,

Muito obrigado pelas suas felicitações á Secretaria; é um modo delicado de achar em mim qualidades que, a existirem, a idade as terá levado ou diminuido. Quanto ao abraço cá fica como prova de amisade. Tambem fica o livro, de versos, presente e lembrança, cuja primeira pagina acabo de ler e é a melhor porta que podia dar ao edificio; adivinhei a pessoa que a inspirou e saboreei o sentimento que exprime. Tambem adivinho que o livro corresponderá á carta em que a valia do dizer se forra de tão doce modestia. Vou lel-o como merece o seu talento. Ainda uma vez obrigado. Acceite um abraço do

Velho amigo,

Machado de Assis.

---

11 de Dezembro de 1902.

Meu querido Mario,

Cá recebi a sua carta, e vejo que adivinhou a autoria da noticia da *Gazeta*. Sim, é minha; disse em poucas palavras o que sinto dos *Versos* e do autor. Juntando o seu nome ao de Magalhães de Azeredo, comprehendo bem que seria agradavel a ambos.

Estimo que as animações que alli puz achem no seu espirito culto e fino o necessario effeito, e folgo de haver acertado. Tem a idade, tem os estimulos, e destes, além dos que lhe podem dar os vivos, contará sempre o do nosso grande morto. Tem já o respeito da arte, que é muito.

Adeus, até á primeira.

Am.º Velho,

Machado de Assis.

Nova-Friburgo, 10 de Fevereiro de 1904.

Meu caro Mario,

Dato esta carta de Nova-Friburgo, donde pretendo descer no dia 25 ou 26 deste mez. Escrevo-lhe especialmente para que me diga, se é possivel, o que ha relativamente á casa da Academia Brasileira. O *Jornal do Commercio*, referindo-se antehontem, creio eu, ao complemento do edificio da Lapa, diz que se não sabe ainda o destino que elle terá. Penso que sobre isto ha já decisão do Sr. Ministro do Interior. Houve acaso alteração, excluindo a Academia? Confie-me o que ha, se não ao Presidente da instituição, ao seu amigo particular e grato. Ponha-lhe a nota de *reserva*, se fôr precisa.

Escrevi ha dias ao J. Verissimo, pedindo-lhe que dê lembranças a todos os companheiros da Garnier. Repito-lhe aqui as suas particularmente. Que ha de versos? Que ha de prosa? Os nossos respeitos a sua familia, e um abraço apertado do velho amigo

Machado de Assis.

3 de Outubro de 1904.

Meu querido Mario,

Hontem li a reli o seu artigo ácerca de *Esaú e Jacob*. Pela nossa conversação particular e pela sua cartinha de 26 sabia já a impressão que lhe deu o meu ultimo livro; o artigo publicado no *Jornal do Commercio* veiu mostrar que a sua boa amizade não me havia dito tudo. Creio na sinceridade da impressão, por mais que ella esteja contada em termos altos e superiores ao meu esforço. Vi que penetrou o sentido daquellas paginas, que as leu com amor e sympathia, e desta ultima parte nasceu dizer tanta cousa bella, mais ainda para quem já vae em pleno inverno. Ainda bem que lhe não desmereci do que sentia antes. Se houvesse de compor um livro novo, não me esqueceria esta fortuna de amigo, que aliás cá fica no coração. Adeus, um abraço e até breve.

Machado de Assis.

Rio de Janeiro, 26 de Dezembro de 1906.

Meu querido amigo,

Recebi hontem a sua carta de 24, e escrevo-lhe hoje sem saber se terá partido sempre para a fazenda. Creio que esta carta já lá o encontre. O que lhe succedeu na viagem era natural; eu chegaria do mesmo modo. Agora é seguir e descançar, vendo as cousas novas e interessantes, com que areje a alma e fortaleça o corpo.

Vejo que a esposa, a mamãe e os filhos chegaram sem novidade. As duas levaram o melhor viatico, o desejo de o ver bom e a confiança na acção da roça. Todos nós aqui partilhamos a mesma esperança e contamos vel-o tornar restaurado para a familia, para os amigos e para as lettras.

Eu tenho passado sem novidade. Agora estou bastante cançado, particularmente do pescoço, que me doe, visto que hontem gastei todo o dia curvado a trabalhar em casa. Para quem já havia trabalhado todo o domingo, (nos outros dias tenho a interrupção das tardes), foi realmente demasiado. Mas eu não me corrijo.

Aqui nenhuma novidade. O Arthur Orlando mandou-me carta apresentando-se candidato á Academia na vaga do Loreto; já a levei ao Rodrigo Octavio para que publique a noticia e guarde a carta. Ainda não recebi do Assis Brasil. Não sei se teremos outros candidatos, mas é possivel. A Academia pegou, como dizem alguns, e parece que sim.

Adeus, meu querido Mario, até a proxima. Apresente os meus respeitosos ás suas queridas companheiras, lembranças aos pequenos, e um grande abraço para si do

Velho e grato am.º

Machado de Assis.

Rio, 18 de Março de 1907.

Meu querido amigo,

Respondo á sua carta de 14, que me trouxe excellente impressão, confirmando a que o Leo me tem dado. Faz bem em alternar os livros com os quadros naturaes. Ao cabo, tudo concorre para a completa cura. Não é preciso dizer o gosto que me deu affirmando que entre as leituras figuram alguns versos meus, *Musa consolatrix*. Eu já me não sinto com o vigor que possa transmittir a alguem, a não ser que a pessoa beneficiada não tenha em si a disposição de me acceitar algumas velhas lembranças; em tal caso, a maior e melhor parte do remedio está no proprio enfermo. E' o nosso caso.

Estou curado da *grippe*. O corysa vae a bom caminho, e posso crer que só me resta a parte que arrasto commigo ha annos.

Estes meus ultimos dias tem sido de enfado, e naturalmente não é assumpto que procure o papel. Falaremos quando voltar. Contente-se por ora, de ir lendo o que lhe mandar este pobre amigo.

Não sei se alguem lhe disse já que o Magalhães Azeredo e a senhora embarcaram ou vão embarcar com destino ao Rio de Janeiro. Veiu hontem no *Jornal do Commercio*. Justamente agora que eu ia responder á carta que elle me mandou ha dias. Não me falou nella da viagem; dizem-me que o motivo pode prender com a morte do sogro. Vá relevando esta letra execravel, cada vez peor que a do costume.

Porque não me escreve alguma cousa? Ideias fugitivas, quadros passageiros, emoções de qualquer especie, tudo são cousas, que o papel acceita e a que mais tarde se dá methodo, se lhes não convier o proprio desalinho. Eu confesso-lhe que estou agora inteiramente parado no que quizera fazer andar.

Meus respeitos ás doces companheiras da sua vida, abraços para as creanças e um para si do am.º velho,

Machado de Assis.

---

28 de Março 1907.

Meu querido amigo,

Ante-hontem mandei-lhe uma carta, e hontem á tarde recebi outra sua; cruzaram-se. A sua foi-me entregue no Garnier, aonde foi levada em mão por um moço que o empregado não conhece.

Li-a logo e entristeceu-me naturalmente. As noticias que eu tinha eram boas, estavam longe do desanimo que me manifesta agora. Tudo o que eu lhe possa dizer contra esse desanimo sei que é inutil, mas o proprio texto me faz esperar que o remedio virá por si. Quando me diz que, já aborrecido da versão de Eschylo, sente comtudo desejo de recomeçal-a, revella nisso um estado de espirito vacillante, mas não prostrado de todo; e para o mal do espirito basta que elle vislumbre alguma cousa. A paysagem não dará tudo, o ar tambem não, e as musas (digo assim, pois que trato das antigas) fazem pagar caro os seus favores. Não importa; lá tem os filhos que lhe querem e merecem, a Esposa que não menos merece e quer, e a Mãe, que vale por todos e sente por todos.

Amanhã, — não, — depois de amanhã, sabbado, hei de estar com o Miguel Couto, e opportunamente lhe direi o que houvermos conversado.

O meu trabalho teve uma interrupção de dias; não sei se lhe disse isto. Eu começo a desconfiar que alguma das minhas cartas não lhe terá chegado. Agora quero ver se acabo a leitura e faço o remate. Li o que soube do Graça; é o que tambem ouvi ao Tasso Fragoso, mas é cousa diversa do seu caso.

A Academia vae cuidar de recomeçar as suas sessões. A eleição é em abril. Ficaremos sem o Rodrigo Octavio, que embarca para a Europa domingo, e só voltará em julho. Adeus, meu querido amigo, recommendações aos seus doces anjos da guarda e abraços para as creanças e para si.

Velho amigo agradecido,

Machado de Assis.

Rio, 11 de Abril de 1907.

Meu querido amigo,

Recebi a sua carta de 8 hontem á tarde, de maneira que só agora posso responder-lhe. Li o que me diz ácerca do seu mal-estar e outros phenomenos. Qualquer que tenha sido a causa dessa aggravação, vejo que está melhor, e ainda bem. Eu, que tenho mais direito a enfermidades, não lhe digo se não que as vou espiando com olhos cançados. O muito trabalhar destes ultimos dias tem-me trazido alguns phenomenos nervosos; nem por isso deixo de lhe mandar cá debaixo as animações necessarias, por mais enfadonhas que lhe pareçam.

O Magalhães de Azeredo só uma vez desceu de Petropolis, e eu apenas o vi de passagem; ficou de tornar um dia destes. Já lhe contei o nosso encontro no dia seguinte ao da chegada da Europa. Não terá havido estravio das duas cartas que lhe escreveu agora?

Não sei se leu hontem que hoje ha sessão na Academia para cuidar da proxima eleição e de outros assumptos. Acabo de ler que hontem falleceu o Teixeira de Mello. Desapparecera, ha muito, preza de um mal cruel; é mais uma vaga na Academia.

Li o que me diz do *Registro* que o Bilac escreveu acerca da Academia. Em França ha muito quem attaque ou diga mal da Academia, mas são os que estão fora della; os que a compõem sabem amal-a e prezal-a. Aqui a propria Academia acha em si mesma a opposição.

Adeus, meu amigo; acabo já por faltar tempo. Estive sabbado passado na rua de Olinda, com os seus amaveis sogro e cunhados, e passei uma bôa hora de conversação. Lá falamos, é claro, a seu respeito, e a impressão que me deram é boa. Adeus; recommendações á sua Mamãe e á sua Baby, e os abraços do costume para as creanças e para si.

Am.º velho,

Machado de Assis.

---

22 de Dezembro de 1907.

Meu querido amigo,

Confiando-lhe a leitura do meu proximo livro, antes de ninguem, correspondi ao sentimento de simpatia que sempre me manifestou, e em mim sempre existiu, sem quebra nem interrupção de um dia; não ha que agradecer este acto. Queria a impressão directa e primeira do seu espirito culto, embora certo de que aquelle mesmo sentimento o predispunha á boa vontade.

Assim foi; a carta que me mandou respira toda um entusiasmo que estou longe de merecer, mas é sincera, e mostra que me leu com alma. Foi tambem por isso que achou o modelo intimo de uma das pessoas do livro, que eu busquei fazer completa sem designação particular, nem outra evidencia que a da verdade humana.

Repito o que lhe disse verbalmente, meu querido Mario, creio que este será o meu ultimo livro; faltam-me forças e olhos para outro; além disso o tempo é escasso e o trabalho é lento. Vou devolver as provas ao editor, e aguardar a publicação do meu "Memorial de Ayres".

Adeus, meu querido Mario, ainda uma vez agradeço a sua boa amizade ao pobre e velho amigo

Machado de Assis.

Cosme Velho, 21 de Janeiro 1908.

Meu querido amigo,

A sua carta de 17 chegou-me hontem, 20, e só agora de manhã lhe respondo.

Não cuidei que a causa da ausencia destes dias

fossem nervos; agora o sei e creio. Já nos habituou a esses sujeitos, maus inquilinos, que quando se mettem a proprietarios effectivos abusam desapiedadamente da casa. Felizmente parece que estes vão cedendo; apezar disso, a sua resolução de obter descanço ou licença para se tratar de vez e seguidamente, é bôa. Por mais que me custe a ausencia estimo saber que caminha para o total restabelecimento. Lá tem comsigo, na familia, o melhor viatico do coração.

Tem ainda o do espirito, esse Prometheu que o atrae e para o qual toma notas e collige ideias. Sobre o verso solto em que pretende fazel-o não pode ter senão os meus aplausos. Sabe como aprecio este verso nosso, que o gosto da rima tornou desusado; é o verso de Garrett e de Gonçalves Dias, e ambos, aliás, sabiam rimar tão bem.

Agora, ao levantar-me, apezar do cançasso de hontem, meti-me a reler algumas paginas do "Prometheu" de Eschylo, atravez de Lecomte de Lisle; hontem entretive-me com o "Phedon" de Platão, tambem de manhã; veja como ando grego, meu amigo. Oxalá possa chegar a ver, parte que seja do seu trabalho. E folgo muito que ponha nelle a paciencia das obras perfeitas.

Escrevi ha dias ao Magalhães Azeredo, que se queixava do nosso silencio; disse o que cumpria em resposta a tão bom amigo. Ha dias tambem escrevi ao Nabuco, mas a carta só partiu hontem.

Ha algumas outras noticias que interessariam contadas, mas não dão para escriptas. De mim vou bem, apenas com os achaques da velhice, mas suportando sem novidade o peccado original, deixe-me chamar-lhe assim. Creio que o Miguel Couto me trouxe a graça.

Um dia destes o Léo esteve commigo no Garnier, e, falando-me a seu respeito, disse-me que se o visse lhe dissesse ter aqui nas mãos do Jacintho umas cartas; provavelmente já lá foram.

Adeus, meu querido am.º, recommende-me a D. Helena, a Mamãe e a todos os seus meninos. Creia-me sempre

Seu do coração

Machado de Assis.

Cosme Velho, 8 de Fevereiro de 1908.

Meu querido amigo,

O tom da sua carta de ante-hontem revela bastante melhora. E talvez esta venha tambem das tristes noticias que lá chegaram, donde verá que ruins ou excelentes, as noticias distraem e ajudam a combater o mal. O mal não é tão grande como parece; é agudo, porque os nervos são doentes delicados, e ao menor toque retraem-se e gemem. Eu sou desses enfermos, como sabe, e, como sabe tambem, doente sem medico.

Gostei de ler tudo o que me diz a proposito do Heitor; mostrei as suas palavras á baroneza e ao barão. Não tenho visto a viuva, que não foi á missa publica, mas a outra particular e sua na Gloria, mas sei que está muito abatida. Tambem gostei de ver o que pensa no caso de D. Carlos I; é o que naturalmente devem pensar todos. De accardo com o seu juiso sobre palavrões e ambições pessoaes.

A minha saude não vae mal, excepto o que lhe direi adeante, e não é a "ausencia" que senti hontem, esta foi rapida, mas tão completa que não me entendi ao tornar della. Dahi a pouco entendi tudo, e deixei-me estar. A excepção prende com o seu conselho de não sair por baixo de agua. Cá tenho o reumatismo de que me fala, é no pé esquerdo, desde bastantes dias. Não sei que lhe faça, nem se ha que fazer. Vou andando, mal ou bem, a principio mal, mas depois domino-me um pouco.

Ainda bem que trabalha e pensa no *Prometheu.* Firme-se ahi; o vaso é digno do pensamento, e não impede os *Cantos Brazileiros.* Fico á espera dos versos que me annuncia haver escrito a pedido de sua irmã.

Sobre o meu livro, nada; talvez na semana proxima venha a resposta, e diz o Lansac que provavelmente o livro chegará no meiado de Março; espero. Aproveito a occasião para lhe recommendar muito que, a respeito do modelo de Carmo, nada confie a ninguem; fica entre nós dous. Aqui ha dias uma senhora e um rapaz deixaram-me ter ouvido que eu estava *publicando* um livro; elle emendou para *escrevendo;* eu neguei uma e outra cousa. Pouco antes em um grupo no Garnier perguntando-me alguem se tinha alguma cousa no prelo, outro alguem respondeu: Tem, tem... Podia ser conjectura, mas podia tambem ser noticia. Talvez não valha a pena tanto silencio da parte do autor.

Hontem estive com o Léo e D. Chiquita na Candelaria, á missa do Heitor; pedi noticias suas, mas não sabiam nada. Agora dê noticias minhas aos seus, cumprimentos ao Gil pelos annos, e lembranças aos meninos. Registro a promessa da descida em breve. Com o Bandeira e o Moacyr tenho falado a seu respeito. Até breve.

O velho amigo,

Machado de Assis.

Cosme Velho, 23 de Fev.º 1908.

Meu querido amigo,

Hoje de manhã, chegando a casa pensei em escrever-lhe um bilhete de simples lembrança, e achei a sua carta de 20. Lá se foi a ideia do bilhete, e aqui vae a resposta á carta.

Esta é quasi toda de explicações e mostra a impressão que lhe deu a minha á cerca do *Memorial de Ayres*. Agradeço-lhas, mas não valia a pena, já porque a divulgação não viria de sua parte, já porque, dado viesse, seria ainda um signal da afeição que me tem. Não, meu querido Mario, o que lhe contei na ultima carta fil-o por lhe confiar estes incidentes, e foi bom que o fizesse, visto o que me recordou agora desde a minha resposta ao Pinheiro Machado até ás confidencias ao Graça e ao J. Verissimo. Quer saber? Na mesma data da sua carta (20) communiquei ao J. Verissimo a noticia do livro, como se fosse inteiramente nova; é certo que elle não se deu por achado. Acrescentei-lhe a primeira ideia de confiar aos quatros (o Magalhães de Azeredo não podia entrar por estar em Roma) a publicação do manuscripto, caso eu viesse a falecer. Repita tudo isso comsigo e diga-me se ha nada mais indiscreto que um autor, ainda quasi setuagenario, como eu. E diga-me tambem, pois que leu as provas, se o livro vale tantas cautelas e resguardos.

A segunda e menor parte da sua carta é a seu mesmo respeito, incomodos e o resto; nada de escritos ou só negativamente. O mal-estar de espirito a que se refere não se corrige por vontade, nem ha conselho que o remova, creio; mas, se um enfermo pode mostrar a outro o espelho do seu proprio mal conseguirá alguma cousa. Tambem eu tenho desses estados de alma, e cá os venço como posso, sem animações de esposa nem risos de filhos. Veja se exclue todo o presente, passado e futuro, e fixe um só tempo que comprehenda os tres: *Prometheu*. A arte é o remedio e o melhor delles.

Comprehendo que o mal de seu sogro o impressione. Estive ante-hontem com elle na Avenida; elle ia para casa e demoramo-nos pouco, porque a tarde vinha caindo e elle tinha de se recolher cedo por causa da bronchite. Ainda assim falámos uns cinco minutos. Tambem eu o achei abatido, mas admirei a força de resistencia ouvindo-lhe contar serenamente as noites que tivera. Sorria como de costume. Ha uma nota elegante que elle nunca perde. Não o achei desfigurado.

Eu vou emagrecendo, e o trabalho neste trimestre adicional cresce e cança. Estive com o Miguel Couto naquelle dia, ouviu-me e receitou-me um remedio novo, que não existe aqui, nem no Werneck, nem no Silva Araujo, nem no Rangel. Ficou de entender-se com o Werneck para mandar buscal-o; depois disse-me que era melhor ver se o preparava aqui mesmo, e eu continuo a tomar os que me dera antes.

O mais á vista. Papel não comporta tedios. Lembranças a todos os seus, e para si receba um abraço do

Velho amigo,

Machado de Assis.

---

20 de Abril de 1908.

Meu querido amigo,

Não ha que desculpar o papel em que me escreve; a carta era já de mais. Agradeço-lhe os seus cuidados e explicações e guardo-os entre as outras lembranças suas.

Hoje fui á Camara (eram 11 e meia) e não o encontrei; escrevo-lhe esta aqui na Secretaria e irei leval-a ao Correio quando sair, contando que chegue á Tijuca amanhã cedo. Recebi a sua no Cosme Velho, hontem, domingo.

E' preciso sacudir esses nervos despoticos, que fazem da gente o que querem. Bem sei que somente conselhos não valem para taes casos, mormente no que lhe sucedeu quarta-feira pelo acrescimo da tragedia da Avenida; mas a prova de que o seu estado é já para melhor está na impressão que me dá e tem dado a outros amigos (Capistrano, por exemplo); achamol-o mais senhor de si. Com esforço e tempo ficará totalmente restabelecido. Convem saber que o desastre da Avenida abalou a toda gente. Relendo as linhas anteriores devo explicar que o seu melhor estado e a impressão que dá aos amigos referem-se aos ultimos tempos.

Eu cá vou andando com os meus tedios. Agora sinto-me um pouco melhor, a despeito de algo que me aconteceu hoje mesmo. O que faço é não me mostrar a todos tal qual ando; muitos me acharão alegre, e ainda bem. Agora, com as suas palavras de amizade e simpatia verdadeira, recebo outra consolação e animação. Esta frase da sua carta: "sinto a sua tristeza como a minha e talvez por isso é que a não sei aliviar", é só exata na primeira parte; na segunda, não.

Adeus, meu querido amigo. Vou ler e informar papeis de Secretaria. Cá o espero quarta-feira. Peço-lhe que apresente os meus respeitos a sua Esposa e a sua Mãe, e vivos carinhos aos filhos. Recommende-me tambem ao velho Prometheu, a quem dirá que o espero inteiro e humano, ainda que em outra lingua; todas são cabaes para o suplicio. Em duas palavras, busque o remedio na Arte. Retribuo-lhe o abraço e assigno-me

Velho amigo do peito,

Machado de Assis.

---

25 de Abril de 1908.

Meu querido Mario,

Umas das melhores reliquias da minha vida literaria é aquelle galho de carvalho de Tasso que J. Nabuco me mandou ha tres annos por intermedio do Graça Aranha, e este me entregou em sessão da nossa Academia Brasileira. O galho, a carta ao Graça e o documento que os acompanhou conservo-os na mesma caixa, em minha sala.

Perguntei-lhe ha tempos se queria dar destino

a essa reliquia, quando eu falecesse; agora renovo a pergunta. Talvez a Academia consinta em recolher o galho como lembrança de tres de seus membros e da sua propria bondade em se reunir para completar o obsequio de Nabuco e de Graça Aranha. Peço-lhe tambem que se incumba de o saber oportunamente. Caso não deva ser ali guardado, estou que haverá em sua casa algum recanto correspondente ao que sei possuir em seu coração, e onde elle possa recordar-lhe a saudade de um velho amigo desaparecido.

Receba deste um apertado abraço, e até breve.

Machado de Assis.

Meu querido Am.°,

Cheguei hontem bem e hoje não sai por causa da humidade, como bem viu. Ao receber a sua carta, porém, estou afrontado do estomago; é do jantar; cuidando de me alimentar parece que excedi um pouco a medida.

Muito obrigado pelo que me conta da conversa que teve com o Verissimo e pelas boas palavras que acrescenta acerca da vinda daquella gente que está lá tão longe e dos cuidados que me dará. Virão elles? Minha sobrinha Sára tem aqui um irmão, a quem vou mandar chamar amanhã para lhe falar da autorisação do Ministro e da restrição posta.

Meu querido amigo, hoje á tarde reli uma pagina da biographia de Flaubert; achei a mesma solidão e tristeza e até o mesmo mal, como sabe, o outro...

Adeus; recommende-me a todos os seus, e com um abraço do

Velho am.°

Machado de Assis.

---

1 de Agosto de 1908.

Meu querido amigo,

Muito obrigado pelas boas novas. Vou ler o artigo do Alcindo e escrevo esta para não demorar a resposta. Folgo de saber o que o Felix e o João Luzo lhe disseram, e ainda bem que o livro agrada. Como é definitivamente o meu ultimo, não quizera o declinio. O seu cuidado, porém, mandando uma boa palavra a esta solidão é um realce mais e fala ao coração.

A garganta está no mesmo ou um pouco mais dolorida. Vou aplicar o bochecho que me diz. Não escrevo mais por causa dos olhos. Até segunda-feira.

Recommende-me a todos e creia-me

Velho am.°

Machado de Assis.

6 de Agosto.

Meu querido amigo,

Agradeço-lhe a visita e restituo-lhe o abraço que me mandou. Passei pouco melhor, mas emfim melhor. Antes da carta tinha já resolvido aqui em casa, hontem, não tomar o tri-brometo. Sinto que tambem não esteja bom, e tenha um dos seus filhos doente; é o que sucede a quem os possue, para compensar a felicidade de os ter. Desculpe o desalinho da carta. Estou passando a noite a jogar paciencias; o dia passei-o a reler a "Oração sobre a Acropole", e um livro de Schopenhauer. Mto. obrigado. Não sei se irei amanhã á cidade; se fôr, até amanhã. Adeus.

Do seu

Machado de Assis.

---

9 de Agosto de 1908.

Meu querido am.°,

Agradeço-lhe mto. a sua visita. Esta molestia é lenta e custa a sair das costas; passei a noite mal e o dia pouco melhor; vou ver a noite que passo. Tomei os seus remedios (a *calcarea* — principalmente) e outros, alem dos bochechos. Desde hontem á tarde a m.ª alimentação é puro leite. Não sei se amanhã posso ir á cidade; espero ir depois.

Não posso escrever m.to mais. Sinto o incomodo de seu filho; não pense em pulmões; a idade é propria de crises. Peço-lhe que apresente as m.as recomendações a todos os seus, e receba para si as m.as saudades.

Do velho am.°

Machado de Assis.

P S.

O *Egoist* conto acabal-o amanhã.

M. de A.

Meu querido am.°

Obrigado pela sua carta. Não tenho passado bem hoje e limito a m.ª resposta a estas duas linhas. Agradeço a carta do Carlos Peixoto, e todo o zelo que me tem mostrado. Até amanhã se eu fôr á cidade.

24 de Agosto.

Todo seu

Machado de Assis.

Vida de Joaquim Nabuco

Por sua filha Carolina Nabuco

ACADEMIA

Aos dezeseis annos, a Academia é para Joaquim Nabuco a sensação deliciosa da independencia, "desde os primeiros dias, em que senhor absoluto de mim mesmo, sem supervisão que receiar, comecei a comprar os moveis, a louça, a roupa para minha installação com tres dos meus collegas.

São Paulo era então uma cidade quasi exclusivamente academica. Não existiam ainda estradas de ferro; vinha-se de Santos a cavallo. A pequena população vivia atraz das rotulas e não se mostrava na rua. Os estudantes eram reis; a tendencia, propria da classe e da idade, de se considerarem arbitros de todas as questões não encontrava opposição.

"No nosso tempo, diz uma carta de Nabuco recordando na velhice essa phase de mocidade, a bohemia e as rapaziadas não eram mais de moda e predominava o prestigio intellectual e o da elegancia". De *sport* ainda não sonhavam. Pertencendo a uma geração que não se preocupava com exercicios physicos, Nabuco nunca os praticou e não lhes deveu sua conformação de athleta e suas boas côres. Era em torno das letras, das artes, e sobretudo da politica, que se agitava e fervia a actividade intellectual de sua geração; as redacções dos jornaes, os gremios literarios e politicos os attrahiam em massa. Nabuco, nascido com qualidades de chefe e com predicados para chamar a admiração, tornou-se desde o principio um dos *leaders* da vida cheia e alegre de estudante.

Seu amigo e collega de anno em São Paulo e no Recife, Sancho de Barros Pimentel, recordou numa carta já publicada alguma coisa desse tempo dizendo que Nabuco "desde os seus primeiros annos da Academia, revelou-se um talento feito para a vida exterior, para a politica, destinado a ser um homem de acção, para viver em um meio que o applaudisse e o elevasse. Naquelle tempo tomava-se muito interesse pelo que se passava na vida publica e na Academia havia liberaes e conservadores. Si houve partidos, foram esses. Ora, logo no 1.° anno, Joaquim Nabuco appareceu na imprensa e na tribuna das associações academicas como o leader dos primeiros, — se posso me servir de uma expressão que a força de usada, já perdeu o cunho. Dois jornaes elle creou, *Tribuna Liberal* e a *Independencia*, ambos politicos. A iniciativa do jantar offerecido a José Bonifacio depois de 16 de julho foi toda sua, foi elle quem reuniu, no salão da Concordia, não sómente os liberaes da Academia, como as grandes figuras do partido em S. Paulo."

A esse precioso testemunho de quem de tão perto acompanhou a Nabuco, permittio-me o Dr. Barros Pimentel acrescentar o que delle ouvira directamente: "A impressão que eu guardo do desabrochar da intelligencia de Nabuco, da sua entrada na vida, é de deslumbramento."

Eram essas as actividades que enchiam a vida de Nabuco. Como estudante não era dos mais assiduos, mas além dos seus trabalhos nos jornaes e á testa do partido liberal academico, estreiava-se no pamphleto com uma defesa do crime politico a proposito de Charlotte Corday, e collaborava no *O Ypiranga*, que não era, como os outros, folha academica, mas o principal jornal da cidade. Era dirigido por Salvador de Mendonça e por Ferreira de Menezes que, embora não fosse mais estudante continuava um dos chefes da mocidade.

Algumas vezes tambem faz defesas em jury para se exercitar na palavra; um retalho de jornal que guardou sem indicação de data ou de nome noticia com certo sabor uma dessas occasiões: "Hoje as galerias deram signal de vida: ia defender o Sr. Nabuco... e o povo da capital já se afreguezou com a sua rhetorica... Filho de peixe sabe nadar..."

E' chamado a presidir o *Atheneu Paulistano*, a antiga associação de estudantes, em cuja directoria houve nesse anno uma nota curiosa, que o passar do tempo tornaria ironica: Ruy Barbosa, como segundo orador. Chamava-se Moreira o primeiro. Ruy Barbosa, ao contrario de Nabuco, cursára os dois primeiros annos no Recife, e não tivera provavelmente tempo de se fazer conhecer. Já no fim do anno, partindo Nabuco para o Recife, será elle o presidente. Na nova mesa o orador é Castro Alves.

* * *

Castro Alves, esse, era mais que um simples *leader* academico. Chegára tambem em S. Paulo para cursar o terceiro anno, mas já conhecendo a gloria, que cerca os grandes poetas. Reunia tudo que o publico romantico sonha num poeta: talento, mocidade, belleza, paixão, tristeza. "Não quiz elle ser outra cousa no mundo sinão um poeta. Amar e cantar — eis o ideal de sua mocidade, ideal com que morreu", escreveu Joaquim Nabuco, no seu

primeiro artigo sobre Castro Alves. "Vimo-nos durante um anno quasi dia por dia e nunca o vi dar um momento de attenção ás realidades da vida nem ás ambições da mocidade."

Mesmo a morte prematura, que não permittiu ao seu talento chegar á perfeição definitiva, veio completar a aureola do romanticismo que envolve sua existencia. Bem podia Castro Alves acreditar que havia realizado seu unico sonho, nas palavras de Nabuco, "ser um poeta glorioso; tambem não ser nada mais", quando, bello rapaz como era, recitava com sua voz quente de barytono as proprias poesias perante um auditorio que o acclamava, convencido de antemão da immortalidade do que ia ouvir.

"Quem visse Castro Alves, continua seu collega, em um desses momentos em que se inebriava de applausos, vestido de preto, para dar á physionomia um reflexo de tristeza, com a fronte contrahida como si o pensamento o opprimisse, com os olhos que elle tinha profundos e luminosos fixos em um ponto do espaço, com os labios ligeiramente contrahidos de desdem ou descerrados por um sorriso de triumpho, reconheceria logo o homem que elle era: uma intelligencia aberta ás nobres idéas, um coração ferido que procurava esquecer-se na vertigem da gloria." "Eu nunca vi, diz outro collega, Barros Pimentel, na carta acima citada — um auditorio ser levado ao delirio como o do theatro S. José quando Castro Alves recitava uma das suas poesias. J. Nabuco esteve sempre entre os que mais applaudiam."

Annos depois, em Setembro de 1884, falando em prol dos escravos nesse mesmo theatro, Nabuco dizia: "Não me poso impedir de ver em torno de mim não o auditorio de hoje, mas a geração do meu tempo, dentre a qual me parece ver se destacar daquelle camarote a figura do maior de todos nós, do poeta dos escravos, de cujas estrophes eloquentes esta sala deve guardar o éco".

A turma dos terceiro annistas é nesse anno de 1868 provavelmente a mais notavel de que se póde orgulhar qualquer escola no Brasil. Para só falar em nomes nacionaes figuram nella além de Nabuco, Ruy Barbosa e Castro Alves, dois futuros presidentes da Republica, Rodrigues Alves e Affonso Penna.

Mas nas reuniões puramente mundanas, cujo centro era a "Concordia Paulistana", salão onde as jovens paulistas da sociedade iam dansar com os estudantes, quem triumphava negligentemente sobre os chefes espirituaes e as notabilidades futuras reunidas no seu anno, era Arthur de Carvalho Moreira, dandy e admiravel valsista. Nessas occasiões o filho do Barão de Penedo, primeira figura da nossa diplomacia, tinha sobre os condiscipulos a vantagem de sua educação nas côrtes européas. Era o amigo mais chegado de Nabuco e um dos mais finos espiritos do grupo.

José Bonifacio, o moço, era professor da Faculdade e exercia sobre essa brilhante mocidade o prestigio das suas tradições de familia e do seu proprio talento esplendido. Poeta, orador, estadista, expoente de todas as idéas progressistas, perpetuamente jovem de espirito, não podia deixar de inspirar a taes discipulos especial admiração. Para os liberaes, e todo o grupo era ardentemente liberal, o enthusiasmo chega ao auge com a celebre moção de 17 de Julho de 1868. Quando José Bonifacio volta a S. Paulo, depois do golpe de estado, é recebido como um heróe. Castro Alves saúda-o á chegada, como tambem Nabuco, que o abraça em nome do povo. No grande banquete que lhe offerece o partido, Ruy Barbosa faz o seu primeiro discurso politico, cujo jubileu em 1918 será tão gloriosamente celebrado. Affonso Penna, Castro Alves, Barros Pimentel, discursaram tambem. Nabuco, que foi o primeiro a falar, começa com essa phrase onde já se encontra a cadencia caracteristica de sua eloquencia: "Em nome da mocidade, porque não são moços os que não têm no peito a febre das idéas liberaes, venho saudar um homem que é uma idéa, uma data que vale uma historia, um partido, que é um povo: o conselheiro José Bonifacio, o dia 17 de Julho, o partido liberal."

A mocidade tinha realmente a José Bonifacio como um idolo e é o que faz tão feliz o aparte, imprevisto e exacto de Ferreira de Menezes nesse banquete: José Bonifacio dizia em seu discurso: "O presente e o passado pertencem aos combatentes de hoje, o futuro é da mocidade. A mocidade é o sol que nasce, as mariposas que vão em busca da luz (a luz *é V. Ex.* apparteiou Ferreira de Menezes) as andorinhas em busca da primavera."

Outro acontecimento importante de 1868 é para o mundo academico a primeira representação de *Gonzaga*, o drama de Castro Alves. Joaquim Nabuco tambem estreia-se nesse anno como escriptor dramatico, com *Os Destinos*, tragedia de que não restam vestigios. Pouco indulgente para suas obras de mocidade, deixou-a cahir propositalmente. As criticas trazem, porém, o enredo, um dramalhão.

A primeira representação foi a 2 de Abril pelos actores Furtado Coelho e Ismenia. "O sr. Nabuco foi mais de uma vez chamado á scena e estrepitosamente applaudido", diz o *Correio Paulistano*. Salvador de Mendonça escreve no *Ypiranga* sobre a peça um folhetim elogioso e banal. A noite da representação dos *Destinos* foi a despedida em S. Paulo da companhia que a 12 do mesmo mez estreava com esse drama no Theatro Gymnasio do Rio, onde o Imperador o vio uma noite.

* * *

A volta de Nabuco ao Recife em 1869, para cursar o quarto anno, exerceu sobre seu futuro uma influencia decisiva. Vinha ao encontro do seu destino, como seu primeiro avô brasileiro, quando alli desembarcára trezentos annos antes. Sem esta estada na terra dos seus avós e do seu nascimento ella talvez não fosse em sua vida senão o quadro encan-

tado de suas primeiras recordações. Nunca, provavelmente, a teria representado no Parlamento, nem existiria essa ligação indissoluvel que o fez dizer: "Se por uma dessas terriveis fatalidades que eu daria a ultima gotta do meu sangue para evitar, esse magnifico territorio fosse quebrado ao meio ou em pedaços, eu pensaria tanto em não ser Pernambucano, como hoje penso em não ser Brasileiro."

Virá depois a considerar essa mudança de escola como um dos factos principaes de sua vida, um desses acontecimentos que a dividem nitidamente em periodos de dez annos e dão uma curiosa importancia aos annos terminados em 9.

Recife havia lhe dado a sua primeira impressão de uma grande cidade. Lembrava-se de a ter atravessado quando, aos oito annos, deixou o engenho em que fôra creado, "uma cidade inesquecivel, sobretudo para quem a vio ao luar, branca como um Campo Santo, com suas pontes, suas torres, os mastros dos seus navios, apertados uns contra os outros e ancorados dentro da cidade na agua dos rios que a cruzam." Guardára dessa noite de sua infancia a lembrança não só desses navios "descançando na propria cidade, como tambem de um convento com grandes escadarias e longos corredores revestidos de azulejos, que representavam a vida de S. Francisco de Assis." Recife, acrescenta em outras notas, "como Veneza, é uma cidade que sahe dagua e que nella se reflecte, é uma cidade que sente a palpitação do oceano no mais profundo dos seus recantos", desse oceano, que vem se "quebrar diante della num lençol de espuma e se ajoelhará ainda por seculos perante a graça fragil dos coqueiros."

Joaquim Nabuco quando volta ao Recife aos dezenove annos guarda ainda a esbelteza da adolescencia apezar da altura descommum. Um simples buço sobre os labios cheios prenuncia os fartos bigodes que elle nunca havia de raspar e que a moda de seu tempo achava bellos. O nariz forte, recto, e o queixo firme são admiravelmente talhados. Traz os cabellos atirados para traz, em largas ondas que deixam livre a testa nobre. Graças aos olhos, grandes e castanhos, que lhe reflectem a intelligencia, une á belleza classica dos traços a belleza humana da expressão. . A natureza fôra prodiga.

"Muito lisongeiado fiquei com a noticia de teres sido ahi muito obsequiado", escreve-lhe seu pae em 16 de Maio. O Jovem academico fôra, com effeito, acolhido com carinho, como o neto dos morgados do Cabo, de volta á terra. Era mais ou menos apparentado com todas as antigas familias de Pernambuco, sempre ligadas entre ellas por uma infinidade de casamentos, e os Cavalcanti, os Paes Barreto, os Sá e Albuquerque, toda a gente de sua mãe mostrou lhe um interesse verdadeiro, que elle logo poz á prova, adoecendo gravemente.

A febre typhoide poupou-lhe a vida, mas obrigou-o a perder o anno na Faculdade do Recife. "O teu requerimento, escreve-lhe o Senador Nabuco, na primeira carta em que se mostra tranquillo quanto á saude do filho, chegou e está em andamento na Camara dos Deputados: a decisão, porém, não será breve... Seria bom que empenhasses todos os esforços para que sejão poucas as faltas e tudo se arranje com os bedeis." Faltavam-lhe, porém, presenças demais para ser admittido a exame, e a unica solução estava no requerimento em questão. Nelle pedia autorisação especial por lei para prestar durante as férias, em S. Paulo, exame vago das materias do quarto anno. Graças a essa distincção excepcional que lhe foi logo concedida, começou o quinto anno no Recife, sem atrazo.

Não encontrara na cidade natal uma vida academica tão brilhante como a de S. Paulo. Sobre os lentes da Faculdade, comparando-os talvez a José Bonifacio, e resalvando, é verdade, algumas "honrosissimas excepções" — escreveu num artigo essas palavras intolerantes: "A mocidade pertence ao partido da liberdade, elles ao do poder; a mocidade tem sêde de sciencia, de eloquencia e elles são poços de aguas estagnadas da idade media, e como poços têm echo, mas não têm voz."

Como em S. Paulo, frequenta reuniões politicas e preside uma associação literaria, magnificamente installada em um dos melhores predios de Pernambuco; as sessões solemnes da *Arcadia* eram verdadeiras reuniões mundanas, a directoria trajava casaca e as senhoras traziam a gala de sua presença.

Nesse tempo as leituras eram grandes acontecimentos em sua vida. Seu espirito em formação absorvia avidamente uma immensa variedade de obras, mas no album em que transcrevia as passagens que mais o interessaram e impresionaram o pirou-lhe tambem o primeiro livro, escripto no Reassumpto que predomina é a escravidão. Ella inspirou-lhe tambem o primeiro livro, escripto no Recife entre os estudos.

Esse trabalho, *A Escravidão*, nunca foi publicado, mas honraria um espirito mais maduro do que era o seu naquella epoca. Vibra de odio e de desprezo pela instituição que elle culpa exclusivamente pelo atrazo do Brasil, a instituição que "entorpece o adiantamento da civilisação, o saber das artes, das sciencias, das letras, dos costumes, dos governos, dos povos: o progresso emfim.

"Cada força social, e as forças sociaes são as idéas, — soffreo com a escravidão um abalo profundo." Mais adiante dirá: "Não vemos na humanidade, a Inquisição exceptuada, nenhum crime tão complexo, mas aquelle, se era mais tragico era mais digno: procedia em nome do fanatismo, o que é menos humilhante para o algoz do que proceder em nome do interesse, e dava a morte o que é menos humilhante para a victima do que a sujeitar ao captiveiro." E ainda: "Da moral a escravidão fez duas moraes: uma para cada classe, Jano bifronte que olha para a oppressão sorrindo, para os opprimidos colerico."

Das tres partes enumeradas no indice, sómente duas, *O Crime*, uma, *Historia do crime*, outra, figuram no manuscripto do autor. Mesmo incompleto o trabalho não é pequeno. São duzentas e trinta paginas de letra miuda.

"A historia poderá em sua simplicidade, da mesma forma que chama aos livros sagrados o livro — chamar a escravidão *o crime*", escreve o autor ao terminar a primeira parte. "O que não queremos, escreve ainda, é que se diga que a escravidão já está julgada entre nós como um facto moral; não está. A geração actual não tem consciencia de sua posição em relação aos escravos; se tivesse não a acceitava." A physionomia do autor está toda nessa primeira parte, que é principalmente de descripções. Os quadros de senzala são faceis de caracterisar com côres vivas e de carregar de emoção; mas é na segunda parte que se concentra o maior esforço. Ahi, paciente e seguro, invocando sempre autoridades, percorre toda a *Historia do Crime* desde que surgiu na infancia da humanidade até o trafico moderno e sua abolição, com tudo o que se fizera até então no Brasil.

A terceira parte, *A Reparação do Crime*, não sobreviveu, ou não chegou a ser escripta. Nabuco tinha, porém, idéas formadas sobre a questão. Ha desse anno uma carta a seu pae, escripta do Recife, que mostra os meios radicaes que o autor advogava para tudo remediar:

"Meo querido pai.

"Escrevo esta a Vm. para communicar-lhe que gozo de saude, q. estudo mto. e que vou bem, salvo o habitual *spleen*.

"Por aqui recebeo-se o *Programma* que promoveo geral enthusiasmo, bem assim a carta de Vm. sobre a emancipação.

"Ha uma gloria unica que eu sonho para Vm. neste paiz. Quero que seo nome esteja abaixo do decreto que acabar com a escravidão. Se Vm. fôr chamado ao ministerio acceite-o por dous dias para *dictatorialmente* extinguil-a. Para isso cito aqui as palavras de uma *conferencia* ultima de Agostinho Cochin sobre Abraham Lincoln. Fallando da proclamação de 1 de Janeiro de 1863: *Eu não vos contarei em detalhe a historia dessa proclamação immortal, que colloca para sempre Lincoln na classe dos maiores bemfeitores da humanidade. Eu quero somente pensar comvosco na alegria que innundou esse coração cortado de tantas amarguras! Que sopro de ar puro e fresco sobre essa fronte vergada e banhada de suôr! Dizei-me, ha nos longos annos da historia, nos dias sem numero da vida dos homens na terra, alguma cousa tão bella como esse minuto, esse segundo sagrado, em q. esse filho do operario, esse homem de bem, nutrido com a vida de Washington e da Biblia, esse christão, poude collocar seo nome no fim de uma pagina que emancipava de repente quatro milhões de creaturas humanas! Não, eu não creio q. haja um conquistador, um triumphador, um fundador de imperio que tenha tido em sua vida um acto e um momento comparaveis ao acto e ao momento que levarão até a mais remota posteridade o nome de Abraham Lincoln, o libertador dos escravos!*

"Eu não sonho para Vm. outra gloria senão a de Abraham Lincoln!!!

"Será o maior dia de minha vida esse em que seo nome estiver abaixo de uma outra proclamação de 1 de Janeiro.

"Queira Vm. abençoar-me, e pedir á m.ª mãe q. me abençõe tambem.

De Vm. F.º obed. — *Joaquim.*

Não encontrára no Recife uma athmosphera tão favoravel ao assumpto como em S. Paulo. Entre seus collegas não havia nenhum elemento como Castro Alves, por exemplo, "o poeta que lavou a parte mais elevada da consciencia nacional dessa horrivel nodoa de sangue" e que electrisava seus companheiros com a leitura do *Navio Negreiro*. "O sentimento invencivel que elle tinha contra a escravidão, testemunha ainda Nabuco falando de São Paulo, é o mesmo que dominava a todos os que o cercavam na Academia."

Em Pernambuco, capital essencialmente conservadora, o ambiente é outro. A aristocracia assucareira a que elle pertencia, tinha principios muito positivos sobre a necessidade da escravidão. Toda a riqueza da provincia e dos individuos baseava-se nella e na cana de assucar. Nabuco vivia num meio onde cada um a defendia com mais ardor porque os interesses e as convicções se uniam e juntos eram irreductiveis.

* * *

Affrontando os principios da sua epoca e da sua roda, Nabuco se apresentou perante o jury do Recife para defender um escravo assassino e "lutar corpo a corpo com a escravidão e a pena de morte", como disse no livro que estava a escrever. Entre os casos com que nessa obra inedita illustrára e profligára o *Crime*, não esqueceu o desse preto rebelde, cujas façanhas acabavam de revolucionar a cidade. A culpa tinha todos os agravantes.

O escravo Thomaz, para se vingar de ter sido açoitado na praça publica, havia morto premeditadamente com um tiro á queima roupa a autoridade responsavel pela humilhação. Defendeu-se depois ferozmente contra os que o queriam prender. Foragido e armado trouxe a cidade em sobresalto por algum tempo. "Não era mais um homem, era um tigre", reconheceu o proprio advogado. O preto terrivel pela sua força physica e pela sua violencia selvagem, foi preso com difficuldade. Depois, matou ainda, numa tentativa de evasão, o guarda que lhe resistiu.

O tribunal de Olinda já o havia, antes dessa segunda façanha, condemnado á morte. O juiz do

Recife, porém, appellára e é com a culpa acrescida pela morte do guarda que Nabuco o veio defender nessa cidade.

Seu crime era dos que estavam de antemão julgados. A pena de morte, que existia ainda no Brasil, era justamente para taes casos. Embora o Imperador a commutasse invariavelmente em prisão perpetua, abstinha-se nesses casos. A clemencia real nunca ousava se manifestar quando se tratava de um escravo, assassino do feitor ou do senhor, porque a classe dos proprietarios exigia então um exemplo estrondoso.

Os fazendeiros, levados na maior parte pela amizade ao advogado, estavam bem representados na assistencia no dia em que foi julgado o notorio facinora. A noticia de que o jovem Nabuco o defenderia não afastara delle a sympathia, e o nome que elle trazia augmentava ainda o interesse e a curiosidade pelo processo de Thomaz, cujos successivos crimes indignaram Pernambuco. Parecia incrivel que alguem apparecesse para defender um tão revoltante accusado. Fazendo-o, Nabuco creou um escandalo local que logo se transformou no seu primeiro triumpho oratorio. Sua propria narração do caso na obra *A Escravidão*, permitte reconstituir o teor do discurso que desde o principio enthusiasmou a assistencia. A suppor que estivesse, como é provavel, de accordo com o seu livro, Nabuco começou apresentando Thomaz como um modelo de sua classe, circumspecto, humilde, economico, consciencioso. Educado como livre e julgando-se tal possuia tambem o brio, qualidade a que captivos não têm direito. Respeitado até então no logar, tratado mesmo por *Tio* Thomaz, não se pode resignar ao castigo na praça publica deante de um ajuntamento de curiosos. Desse dia transforma-se em féra. "Na origem desse processo, escreveu então Nabuco n'*A Escravidão*, e deve ter dito da tribuna, ha "dous crimes sociaes. Havia a escravidão, havia a pena de morte. Fôra a escravidão que levára Thomaz a praticar o primeiro crime, a pena de morte que o levára a perpetrar o segundo." Para o segundo crime o brilhante e apaixonado defensor encontra desculpas de sobra: "Obrigado pela lei natural a conservar uma vida que não era da sociedade, mas de Deus, tentava evadir-se quando quizerão prendel-o de novo para o cadafalso: foi então o seu segundo crime; ou por medo invencivel ou por vindicta atroz, aniquilou elle esse homem que o agarrava pelas costas para sujeital-o á pena da lei e isso quando elle estava a entrar no gozo da liberdade pela fuga." Perante o Jury Nabuco exclamou: "Não commetteu um crime: removeu um obstaculo!" e ao ouvir essa phrase de moral tão discutivel e que não figura no livro, a sala toda vibrou de enthusiasmo. E' prova bastante de que elle possuia já então a qualidade principal do orador, o poder magico e impalpavel de levar as massas não tanto pelas palavras que pronuncia quanto pela força e seducção da personalidade toda.

A testemunha a quem devo a informação dessa phrase e do seu effeito, Dr. Sancho de Barros Pimentel, então collega e companheiro de casa de Nabuco, destacou num artigo alguns traços caracteristicos de sua oratoria, — suas qualidades de improviso verdadeiramente notaveis, a propria altura, que lhe podia, na falta de outra, servir de tribuna, "a voz clara e um pouco metallica que se fazia ouvir sem esforço até ás extremidades das galerias; o porte airoso; o gesto, expressivo e sobrio. Na physionomia, porém, é que se concentra toda a vida do orador, e antes mesmo das palavras ella interpreta pelo brilho do olhar, pelo movimento dos labios e pelas côres com que se tingem as faces, as emoções que se lhe apoderam da alma."

O réo foi condemnado a galés perpetuas. Era o melhor que se podia esperar e o discurso de Nabuco entrou logo no ról dos acontecimentos que passariam á tradição.

Do seu tempo de academico no Recife sobreviveu ainda a lembrança de outro exito oratorio, em julho de 1869. Esse foi puramente politico e teve por scenario o Club Liberal do Recife. Naquelle tempo, o desanimo do ostracismo pesava sobre o partido. Os conservadores estavam no poder, com Itaborahy, e fortissimos. Em Pernambuco os liberaes se haviam deixado dividir em duas secções que pareciam no momento inconciliaveis. A reunião no Club Liberal era para a eleição do directorio central da provincia. Nabuco chegára tarde como simples observador e achou uma concurrencia importante. A discussão durára já horas sem que os dissidentes, que eram os membros do Club Radical, se deixassem convencer. Recusavam-se a concorrer para a organisação do directorio, por divergir em absoluto do programma da maioria. Os presentes, desanimados, começavam a dispersar-se quando do alto de um banco que elegera em tribuna, um esbelto estudante clamou: "Quo vadis!" Era a voz de Nabuco que se fazia assim ouvir inesperadamente e não lhe faltava enthusiasmo para emprestar nem suggestões para propôr. A reunião prolongou-se para ouvir o seu discurso e o partido finalmente sahiu consolidado.

O Barão de Villa Bella, um dos grandes chefes locaes, contava no dia seguinte por carta ao seu parente e amigo, o Senador Nabuco, o exito de seu filho: "Suppunha-o moço de talento notavel; mas não sabia que era dotado de dons oratorios tão eminentes. Dominou o auditorio, que o applaudia calorosamente e fez calar os taes radicaes." E o Senador Nabuco, bem informado por diversos lados, communicava com emoção ao Joaquim o seu prazer: "Meu caro filho do coração recebe os nossos abraços e felicitações pelas brilhanturas que ahi tens feito e pelas quaes tens alcançado grande reputação e renome. E's o meu orgulho; és o futuro de tua familia e a esperança da Patria."

CAROLINA NABUCO.

Direito parlamentar

No ultimo numero da "Revista do Brasil" o sr. Nestor Massena, director dos serviços de contabilidade da Secretaria da Camara dos Deputados, publicou um estudo sobre o "quorum" parlamentar entre nós, de que as linhas abaixo são seguimento.

Prosegue MICELLI, na obra citada: "O *quorum* pode ser ainda fixo ou variavel. E' fixo quando é, de uma vez por todas, determinado em algarismos. E, nesse caso, pode ser determinado arbitrariamente ou em proporção ao numero de membros de que se compõe a assembléa. E' variavel, quando é estabelecido em relação constante com o numero legal dos membros, ou dos membros effectivos. Por exemplo, quando o *quorum* é prefixado na metade, mais um, elle se desloca, si pela formação de novos collegios eleitoraes, ou, em geral, pela juncção de novos membros, a assembléa augmenta de numero; ou, si pela reducção dos collegios, ou por qualquer outra disposição da lei, a assembléa se torna, ao contrario, menos numerosa.

A segunda especie de *quorum* variavel se verifica quando se tem por base o numero dos membros effectivos, isto é, daquelles de que a assembléa se compõe e que intervêm ou estão em condições de poder realmente intervir em suas sessões. Nesse caso, a variabilidade do *quorum* é bem maior, pois que é então sujeito a todas as causas de oscillação que podem, momentaneamente, augmentar ou diminuir o numero de membros: mortos, mudados, eleições duplas, falta de validação, etc. Entre nós, por exemplo, o *quorum* das assembléas se desloca sempre, pois que, em virtude da interpretação que prevalece, é fundado sobre o numero effectivo: ao passo que na Belgica, ou no Reichstag allemão, torna-se invariavel até que uma nova lei venha accrescer ou diminuir o numero de membros".

Entre nós o *quorum* do artigo 18 da Constituição pode ser variavel em relação á Camara dos Deputados, cujo numero de membros é modificavel conforme os §§ 1.° e 2.° do artigo 28, mas é fixo referentemente ao Senado, cujo numero de membros é invariavel, segundo os artigos 30 e 90, § 4.°, salvo a hypothese do artigo 4.°

Quando a nossa Constituição falla em "maioria absoluta dos seus membros", em relação a cada uma das Camaras do Congresso Nacional, no artigo 18, não precisou si essa maioria absoluta é mais da metade da totalidade legal ou de facto de cada Camara, mas o regimento interno da Camara dissipou qualquer duvida a respeito fixando em 107 essa maioria absoluta e o do Senado o fixa em "metade e mais um" (artigo 92), quando o numero de senadores sendo impar era mais correcto dizer mais da metade.

Pode-se suscitar duvidas sobre si o *quorum* para as deliberações do Senado como tribunal de justiça e o necessario para aceitar a proposta de reforma da Constituição se referem á totalidade legal ou de facto das Camaras do Congresso.

MICELLI prosegue, ainda, na obra a que nos reportamos: "Emfim, o *quorum* pode variar segundo o numero de membros presentes á sessão. Assim, nos Estados Unidos, no New-Hampshire, o *quorum* da Camara é constituido pela maioria "mas si menos dos dois terços se acham presentes, é necessario o voto de dois terços para cada acto ou operação que a Camara deve realizar". Nós desconhecemos nas nossas Camaras do Congresso Nacional esse *quorum* assim variavel em relação ao numero de presentes ás sessões.

Salvo o caso de não ter assistido á discussão, o regimento do Senado não permitte ao senador abster-se de votar, prohibindo, porém, de modo absoluto, que vote o senador que tenha interesse individual no assumpto em deliberação, permanecendo, em ambos os casos, o senador no recinto. Dahi poder a deliberação ser tomada com menor numero de votos totaes do que o exigido para esse fim.

Segundo os habitos das nossas casas legislativas, não se consideram projectos de interesse individual os que determinam creditos para pagamentos em virtude de sentença judiciaria, ou os que se refiram ás classes ou corporações a que pertençam os congressistas.

Em sessão de 25 de Setembro de 1891, suscitou-se, a proposito do voto de um senador que, sendo governador eleito do Estado de Alagôas, tomara parte na votação do decreto vetado pelo presidente da Republica, sobre incompatibilidades eleitoraes, entre as quaes as de senador e de governador a questão de ser ou não computado esse voto, tendo sido resolvido, na sessão do dia seguinte, por 23 contra 21 votos, que não devia ser contado, resultando dahi a approvação do veto, cuja rejeição fôra antes proclamada.

Affonso Penna assim commentou este incidente parlamentar:

"Parece ter influido para essa decisão o ardor das paixões politicas do momento; tanto assim que, posteriormente, tem prevalecido no Senado outra intelligencia a respeito do que se deve considerar *interesse individual* do Senador. Esta ultima interpretação está de accordo com a pratica americana, em cujo parlamento existe prohibição egual á do nosso Regimento.

"Were proposed legislation affects a class as distinct from individuals, it has always been held that a member has a right to vote. It is for the member himself and not for the Chair to decide

as to the right of a member vote in case the question arises". (SMITH: *Constitution and Digest v.° interested,* pag. 377).

Dando sua opinião sobre um caso questionado no parlamento inglez, o Speaker Abbot assim se pronunciou:

"A regra é muito clara. Se os deputados abrissem seus diarios a encontrariam estabelecida, ha duzentos annos; fallando-se della como de uma antiga pratica, que o interesse pessoal incapacita a um membro para votar. Porém esse interesse, além disso, se entenderia que devia ser um interesse pecuniario directo, pertencente separadamente ás pessoas cujos votos eram impugnados, e não em commum com o resto dos subditos de Sua Magestade ou em assumpto de politica de Estado. Assim aconteceu sobre o projecto de lei para um canal, que uma pessoa, cujo nome estava inscripto como subscriptor, não poude votar". (MAY, pag. 353).

Resumindo as regras resultantes dos precedentes da Camara dos Communs, que cita, CUSHING (§ 1.846) assim se pronuncia:

"Resulta dos anteriores e de outros casos — primeiro, que, achando-se pendente uma questão, o direito ou dever de um membro a votar nella póde ser sustentado por elle proprio, ou por outro membro, e regulado pela Camara antes de votada a questão; segundo, que se alguma questão desta natureza é suscitada depois de começada a votação e antes de annunciado o resultado, cabe ao Speaker resolvel-a peremptoriamente, como questão de ordem, ficando sujeita á futura revisão da Casa; terceiro, que as partes nomeadas no bill individual ou collectivamente com outras, são excluidas de votar no mesmo, qualquer que possa ser seu interesse; quarto, quanto a membros, que não estão mencionados como partes, deve-se provar que tem um interesse pecuniario em um bill, para que se os possa impedir de votar sobre o mesmo; quinto, que, se esse interesse é de natureza a poder ser abandonado, é sufficiente fazer-se assim, antes ou depois de uma votação, para justificar o seu voto na questão; sexto, finalmente, que o interesse de um membro para excluil-o de votar deve ser separado e distincto, e não gozado simplesmente, em commum com seus concidadãos."

Não basta, para incapacitar um membro de votar contra um bill, que tenha interesse pecuniario directo, em uma empreza rival. (MAY, pags. 354 e seguintes).

A exclusão de voto sob motivo de interesse pessoal é restricto aos casos de interesse pecuniario e não se estende ás occasiões em que o cuidado do respeito proprio e do respeito devido á Casa aconselha ao membro de abster-se de tomar parte na votação. (MAY, pag. 359).

Os membros interessados não podem tomar parte nos trabalhos das Commissões encarregadas do exame do bill, que lhes aproveita. (MAY, pagina 357)".

A verificação da votação, no Senado, ou na Camara dos Deputados, póde ser requerida, desde que se levante duvida sobre o resultado annunciado pela Mesa. E' preciso, porém, que se faça o requerimento (verbal) logo depois desse acto, antes de se ter iniciado qualquer outro assumpto.

Na verificação da votação admitte-se o voto do Senador que entrou para a sala, depois de proclamado o resultado. (Decisão da Mesa do Senado, em 10 de Outubro de 1891).

A pratica do Parlamento inglez, das Assembléas americanas e das Camaras belgas é contraria: não se admitte tomar conhecimento de voto de Senador ou Deputado, que estava fóra do recinto quando foi proclamado o resultado do escrutinio, havendo duvida sobre este. (CUSHING, §§ 394 e 1.812 — VANDENPEEREBOM, t. II, pag. 397 — WILSON: *Digest of Parliamentary Law,* § 1.928).

O *quorum* pode ser, expresso ou implicito, pois que sendo elle, pelo menos, egual ao total dos membros, dos votos, do *quantum* com que uma materia é acceita, é approvada, si se fixa o numero de votos necessarios á adopção de uma proposição esse numero implica o *quorum* minimo com que ella pode ser considerada, isto é, julgada, deliberada, votada. E' assim que, dispondo a Constituição da Republica não poder uma proposta de reforma constitucional ser aceita ou approvada, por menos de dois terços dos votos em cada uma das Camaras, ou nas duas Camaras, do Congresso Nacional, o *quorum* deliberante é ahi implicito, é, no minimo, egual ao *quantum* exigido para a aceitação, a approvação, da proposta, isto é, dois terços do Senado, 42 votos, dois terços da Camara, 142 votos, dois terços do Congresso, 184 votos.

Na pratica parlamentar, registram-se, geralmente, as decisões das assembléas, pela expressão — a casa deliberou, ou decidiu, e, por extensão, a assembléa, a Camara, o Senado, ou o Congresso, em logar de casa, dizendo-se tambem, — não ha casa — para consignar a falta de *quorum.* Dahi a synonimia resultante das expressões *quorum* e casa.

Sobre a base juridica do *quorum,* escreveu o professor MICELLI no seu já citado trabalho:

"A base primitiva do *quorum* deve ser pesquizada em dupla ordem de exigencias. Em primeiro logar, é mister ter em conta a necessidade de uma garantia contra as surprezas das pequenas minorias e contra as combinações possiveis do lado dos pequenos grupos de membros activos, intrepidos e emprehendedores. Si não se estabelecesse para a validade das sessões ou das votações a presença ou a intervenção de um certo numero de membros, cada pequeno grupo desses poderia se attribuir a faculdade de realizar por si só as funcções da assembléa e de validar, como representantes dessa ultima, actos que a grande maioria não teria aceito.

Mas o *quorum* não constitue apenas uma garantia contra as sorprezas de pequeno numero; é, tam-

bem, uma garantia para os mais diligentes e os mais expeditos. E' preciso estabelecer formalmente qual deve ser o numero necessario para fazer *uma Camara*, afim de que os membros pontuaes saibam com precisão quando podem e devem começar a funccionar como assembléa, sem incorrer em alguma responsabilidade em face dos outros membros ou sem que possam ser accusados de ter agido em nome da assembléa, não tendo recebido dessa qualquer autorisação.

Temos, pois, duas especies de garantia; uma, a favor da assembléa (ou, para melhor dizer, da maioria) defronte de uma pequena parte de membros; a outra, a favor dos membros diligentes, ou que se acham em condições de intervir, em face dos que não intervêm.

Essas duas ordens de garantia não têm o mesmo valor e a mesma importancia. As garantias a favor da maioria podem adquirir grande valor, quando se trata de maiorias indolentes e pouco assiduas ás sessões, pois que então ellas têm necessidade de achar no *quorum* essa tutela, que ellas não sabem procurar por si mesmas. Mas, quando as maiorias são assiduas e absolutamente conscientes de seus deveres e dispostas a observal-os, não têm necessidade de procurar na regra a garantia contra as sorprezas da minoria, porque nesses casos taes sorprezas não são possiveis.

Ora, si é justo que as regras de direito sirvam para defender os interesses legitimos das pessoas, não é justo que ellas tenham por escopo defender, mesmo indirectamente, a indolencia. Com isso não queremos affirmar que as maiorias não tenham direito a qualquer defesa; queremos, simplesmente, pôr em relevo que, nesse caso, a importancia dessa defesa, sob o ponto de vista juridico, não é tão grande que pudesse apparecer em primeiro plano.

Muito mais importante é a segunda ordem de garantias. Com effeito, não é razoavel que os que intervêm com diligencia nas sessões e que se acham dispostos a empregar toda a sua actividade para os fins que a assembléa se propõe, sejam constrangidos a perder o seu tempo para attender os collegas retardatarios e indolentes, e sejam obrigados á inacção por causa da pouca diligencia dos outros, e de certa maneira punidos pela sua actividade. Considerada sob esse o ponto de vista, a regra que estabelece o *quorum* não pode mais ser invocada para defender a indolencia, mas deve constituir como o "premio do zelo dos mais activos".

NESTOR MASSENA.

Recordações de Dona Quiteria

Entre tudo o que a "Revista do Brasil" publicou em sua primeira phase, nada mais interessante do que o romance do Sr. João Ribeiro, intitulado "Recordações de Dona Quiteria". Tratava-se de um genero literario em que o illustre autor das "Paginas de Esthetica "ainda não se havia ensaiado, mas onde o seu talento poderia revelar-se mais completo e mais livremente que nunca. Ter-se-ia, ahi, toda probabilidade de encontrar, expostas com a precisão e a franqueza que só lhe permittiria uma obra de ficção, as idéas que formasse sobre a vida o espirito mais cultivado, mais agil, mais inquieto e mais complexo dos nossos escriptores contemporaneos. Por isso mesmo, as "Recordações de Dona Quiteria" despertaram curiosidade intensa e generalisada, que cresceu á medida que appareciam os capitulos, excedendo de muito á espectativa mais optimista formada em torno do trabalho.

Infelizmente, porém, a publicação interrompeu-se, quando apenas se editára a primeira parte das "Recordações de Dona Quiteria". Agóra, a instancias nossas, o Sr. João Ribeiro concedeu á "Revista do Brasil" o privilegio honroso de dar a conhecer integralmente o admiravel romance. E' essa publicação que iniciamos abaixo e proseguirá nos proximos numeros.

— Oh! por aqui, snr. Matos?

— E' verdade. Venho dar-lhe uma boa noticia. Vou casar-me.

— Sente-se. Parabens.

O Matos sentou-se a meu lado. Interrompi a leitura que fazia de uns versos obscuros de Horacio:

per angustam tenuis vulpecula riman...

Que absurda essa imagem da *vulpecula* em tão ajuizado poeta!

— Como que você falou em absurdo?...

— Não. Estava a pensar nos versos de Horacio...

— Ah! isso é outra coisa.

O meu velho amigo Matos, contou-me então a sua aventura de um terceiro casamento.

Não era um barba-azul; mas, emfim, (dizia jovialmente) é cousa triste envelhecer na solidão... Não acha?

Approvei os seus terceiros planos de felicidade e, ao despedir-me, lembrei-me de lhe dar a lêr um manuscripto que o acaso de um leilão de livros velhos puzera em minhas mãos.

— Sei que você é grande ledor de antigualhas, e veja se esse manuscripto vale alguma coisa.

Na verdade, como editor, que sou, tinha hesitações a respeito daquelles papeis. O Matos poderia talvez resolver as minhas duvidas que eram mais da falta de tempo que do exame do manuscripto.

Eis que, passados uns quinze dias, recebi esse bilhete do meu amigo:

— *Restituo o manuscripto. Se não acreditasse na sua velha amizade, teria cortado as relações.*

Coisa grave! Perdi um amigo. Mas já agora o livro será uma compensação. Vou edital-o.

Puz-lhe o titulo de — *Recordações de Dona Quiteria.* Nada sei a respeito da mulher que o escreveu, a não ser esse inexplicavel incidente do velho amigo Matos, que parece estar ligado a qualquer sentido equivico do manuscripto. Será assim?

São estes os papeis revoltos que ordenei, como pude, em capitulos. Conto que haverá por ahi muita insomnia a reclamar esse toxico literario.

I

Nasci na estação da Piedade, a cem passos da Estrada de Ferro. Meus paes eram pobres e a pobreza os havia tangido para os confins da cidade, como cidadãos fronteiriços, incommunicaveis e quasi selvagens.

A casinha alvejava collada á floresta; ainda outro dia fui vel-a só para conhecer o torrão onde germinei e onde abri os olhos á luz da vida. Sinto em mim aquellas arvores e creio que ainda hoje só vejo por aquellas janellas: Ficaram-me nalma.

Todos nós temos as nossas paizagens ingénitas, como se foram as sombras perpetuas do espirito.

Quando nasci, houve em casa uma pequena decepção. Esperavam que eu fosse macho.

O commendador Torresão, que havia de ser meu padrinho, costumava dizer á mamãe:

— Este ha de ser o presidente da Republica!

Todos sorriam contentes das possibilidades infinitas da democracia.

Que esperança!

Nasci mulher e mulher eu sou desconsoladamente.

Meu marido, o desembargador Cantidiano, acostumado ás subtilezas do fôro, não tem opinião muito segura ácerca deste ponto.

— Sim, disse-me elle ainda hontem, seja como fôr, tu devias ser macho. O influxo magnetico do commendador Torrezão não te fez homem, mas aleijou-te a vida. Essas tuas literaturas e caraminholas literarias que te consomem o tempo, são proprias de barbados. Pragas de padrinhos são peiores que maldição de pae.

— Então, sou acaso macho?

— Não digo isso, mas...

Taes contendas eram infindaveis. O desembargador só admitte duas literaturas domesticas e proprias do sexo: a do rol da roupa e a do caderno da venda.

Quando tenho rusgas pequeninas com o Cantidiano (e graças a Deus nunca as tive grandes), costumo timidamente lembrar as opiniões do "defunto".

Falo do meu primeiro marido, já se entende. O desembargador "dá o desespero" e elle que não crê em almas d'outro mundo tem incoercivel horror ao defunto.

Depois que eu descobri esse argumento baculino, melhorei muito a minha vida literaria. O homem muda de côr, pega do chapeo e desapparece.

Fico só, e então escrevo, e dou largas á phantasia sem estorvo.

Se essas recordações merecerem, algum dia, a doçura de um premio academico, tudo será devido ao defunto providencial e opportuno que é o Deus dos meus ocios e faz milagres depois de morto.

O velho Cantidiano com o ser santo e vivo, jamais os faria...

II

Não poderia eu agora proseguir sem falar da minha cara metade. Não quero ser vista de perfil, sem o outro lado que me completa.

O desembargador Cantidiano, meu segundo marido, homem grave e edoso, foi em verdade não digo o meu primeiro amor, mas o meu primeiro namorado.

Eu era pequenina e insignificante, e fazia-me elle festas, batia-me nas bochechas e promettia casar mais tarde, tempo adeante, quando me fizesse moça.

Eu não entendia, e nem podia entender cousa alguma, desse antecipado mysterio. Os outros, porém, entendiam por mim: minha santa mãe pensava que um marido deve ser um verdadeiro pae e qualquer homem é sempre mais jovem vinte annos que uma mulher da mesma idade.

De todas essas combinações longinquas o que me vem á memoria neste momento são os confeitos, os *bonbons* e mil coisinhas agradaveis.

Quando cresci, já o Dr. Cantidiano havia migrado para o norte. Sem traição nem infidelidade, amei o meu querido Paulo, tão cedo roubado ao meu amor.

E nunca mais ouvi falar em Cantidiano. E creio até que lhe esqueci o nome. A vida desenha-se mais com a esponja que com as linhas.

Eis senão quando um acontecimento vulgar veiu avivar-me a memoria.

Dizem que os insectos voejam levando o pollen de uma flôr para outra. Que encontros felizes não lhes prepara, ás esquecidas flores, esse instinto mysterioso!

Quando eu emmurchecia na viuvez, desenganada e triste, chegou Cantidiano.

Vinha num transatlantico, como sobre as azas de aço de um coleoptero.

Vinha para mim, sequioso, a cumprir aquella distante e alongada promessa. Quem m'o mandava?

Vinha feito Sr. desembargador, grave, mas elegante e casquilho. Parecia moço, com furta-cores de juventude; verifiquei mais tarde que esses reflexos fugitivos de mocidade eram de natureza chimica, quando achei no fundo de suas malas uma frascaria numerosa de nitratos e de "Juventude Alexandre".

Casamo-nos.

Pouco me importa agora a sua certidão de idade.

Só lhe censuro uma pequenina fraude; por mera visinhança matrimonial, quando lhe tomo um anno emprestado, este vale dez.

Para o desembargador, eu ando ahi pelos quarenta.

— Não era! — digo eu.

O Dr. Cantidiano estudou em Coimbra, mas veio de lá português ferrenho, de quatro costados, e actualmente é um terrivel "approximador".

Elle quer (ou quere, como costuma dizer) a approximação luso-brasileira.

Não estou inteiramente convertida, e por vezes divirto-me a contestal-o suavemente. Emfim, a terra portugueza tem attracções invenciveis; e, por que é que todo o brasileiro, uma vez lá, perde o orgulho de americano?

Talvez o ambiente europeu reconstitua os fragmentos ancestraes apagados pelo tempo, e a alma emigrada do americano volte á consciencia das antigas estirpes.

Não sei. A verdade é que Cantidiano quasi que só é brasileiro por favor, officialmente.

A minha engommadeira, a Bernardina, beiròa de lingua solta, e que não se compraz em hypotheses atravessadas, disse-me ess'outro dia:

— Não creia nisso, minha senhora. São artes das ciganas de Coimbra.

— Ciganas?

Ella o disse, e com o sotaque embrulhado que tem. Pareceu dizer tziganas, mas eu ouvi claramente tricanas.

Não conheço essa gente, nem os seus feitiços diabolicos.

Seja como for, o Cantidiano é legitimo luso-brasileiro.

Agora mesmo, ahi vem elle trauteando o Fado Robles:

Na folha da hera em verde
O teu nome eu escrevi...

Como é lamentoso, triste e providencial! Chut! Guardemos o manuscripto.

III

Ciumes, não; mas uma leve pontinha de despeito, levou-me a inquirir do desembargador Cantidiano o sentido daquella exquisita allusão das tricanas.

E desfechei-lhe o golpe:

— Com que então ha tricanas em Coimbra?

Mulher de juiz, estou um tanto familiarizada com os segredos e as tricas da investigação judiciaria.

Expuz a questão aos poucos, com indiferença *maieutica* como dizem os philosophos. Bastava allegar a metade, summariamente. O resto da armadilha viria depois.

— Isso deve ser mentira (disse-me gravemente). Tricanas ha, pois não ha? existem cá tambem as mulatinhas que enfeitiçam e explicam desvios de conducta. Mas fui sempre rigido, austeramente infenso a derriços baratos.

Entretanto percebi que o homem ficara perturbado. Estava elle a folheiar autos e papeis que enchiam a mesa. Era evidente o enleio que o tornára perplexo e aturdido.

Quasi me arrependi da provocação. Os meus instintos felinos, entretanto, compraziam-se nesse tormento.

Cantidiano levantou-se e caminhou para uma estante, talvez por buscar um eclipse e me voltar as costas. Mexeu e remexeu ao acaso alguns livros, mas tão desordenadamente que um delles, enorme, e que devia ser a obra de um velho praxista, escapou-lhe das mãos e veio esborrachar-se-lhe aos pés com o fragor de quatro seculos de jurisprudencia.

Juno ciumenta, mas discreta, rompi a nuvem daquella poeira manuelina e colhi o volumoso tratado — "*De noxalibus actionibus*" — que não sei o que é, e o fui repôr na prateleira.

— Obrigado — murmurou o desembargador. Mas rapariga, quem te metteu pelo ouvido essas historias de tricanas? Ora, dá-se... ha coisas...

— Ninguem, respondi. Falei por falar. Sem intenção. Magoei-te com isso?

Houve um pequeno silencio. O desembargador, um pouco atarantado, sentou-se á escrevaninha e fingiu ler.

Não lia, entretanto, que não era ler aquelle caracolar do dedo em helice a gesticular obscuros pensamentos.

— Elle é assim! murmurou.

Dahi a pouco tossiu, para encher o silencio; emfim, não se conteve. Voltou-se para mim e perguntou-me de subito:

— Falaram-te alguma coisa, Quiteria?

— Absolutamente. Não tratemos mais disso.

— Não, pelo contrario. Insisto devéras. Tu sabes que a minha vida foi sempre pautada sob o dever. Fui creado dentro de severos e rigidos principios...

Deixei desfallecer e apagar-se aquella conversação incommoda, que lhe vinha estorvar o deleite e a companhia dos velhos praxistas.

Novo silencio.

Simulei uma retirada. Mas Cantidiano embargou-me o passo e, com suave carinho, falou-me, emfim:

— Minha Quité, (é o *nom de caresse* que me dá nas horas mais intimas). Em tudo ha sempre um fundo de verdade. A unica coisa que poderiam dizer-te é que tenho um afilhado ahi pelo Mondego.

— Estás a confessar-te, e, por essa historia de afilhados, parece que o padre confessor és tu.

— Tenho um afilhadinho, (e acentuou o diminuitivo como attenuante). Dei-lhe a benção, criei-o. Isso não é crime, é caridade.

Peguei-o. Como é facil pegar um homem consagrado a endireitar os tortos!

Devem estar consolados os coxos e os mentirosos.

Para mim, a consolação maior era a de saber que Cantidiano talvez levasse á pia muita gente christã, á moda camoneana "dilatando a fé e o imperio."

Eis ahi.

(Interrupção do editor)

Esses papeis de Dona Quiteria foram por mim occasionalmente numerados e divididos em capitulos com o cuidado paciente e escrupuloso que estavam a reclamar as folhas revoltas do manuscripto.

Creio, porém, que entre o 4 e o 5 capitulo desta narrativa se interpõe evidente lacuna. Como sou inimigo de ou-

sadas interpolações nada accresci ás paginas do original.

Parece que na supposta lacuna Dona Quiteria abriu largas ensanchas para maldizer á vontade do Cazuzinha. Conheci esse rapaz que não era feio nem barrigudo. Os epigrammas que fazia deram-lhe a fama de genio.

Toda a gente sabe que os poetas de vinte annos são genios por aquella phrase feita applicada ás mulheres de agual edade.

Todos elles teem o "genie du diable".

Era, pois, o Cazuzinha um genio razoavel ,e, se quizerem, diabolico. Essa questão concerne á historia literaria.

Desculpem os leitores a digressão que de boa justiça é sempre tempo opportuno.

IV

Devo começar do principio; entretanto, que posso eu dizer dos primeiros annos da minha vida? Toda ella está escripta na uniformidade dos seres elementares que apenas vivem e nada mais.

Recontaram-me tolices e disparates de que não tenho a menor lembrança e não sei até onde as glosas compromettem o texto. Dizem-me que eu era aggressiva e difficil de agradar; deve ser a verdade porque ainda hoje o sou, bravia e indocil.

As mulheres mansas, todavia, são perigosas; e tenho que a mansuetude é já uma traição á animalidade. O espinho ou o amargor é uma arma de defesa, como é a doçura a primeira vertigem de perdição.

Reparem, eu digo o espinho e não o veneno.

Comtudo, vou relatar um facto diverso, sem consequencia, e que me ficou em farrapos na reminiscencia daquelles tempos.

Lembra-me, e foi o caso que o Cazuza, um menino tão pequeno como eu, mas vivo e esperto, numa volta de "cabra-cega", e por brinquedo, deu-me um beijo.

Mas não era um beijo, que muitos beijos conhecia-os eu dos labios da mamãe. Era qualquer coisa de infernal, um gesto longo, diabolico a concentrar furias terriveis que lhe vinham dos olhos languidos, quebrados e cheios de vontade de morrer.

Senti que Cazuzinha queria desapparecer em mim.

Desvencilhei-me, rejeitei-o para trás e, com uma rija bofetada, fiz-lhe as ventas espirrarem sangue.

A "cabra-cega" terminou em tragedia.

Minha mãe desde aquella occasião não permittiu mais que eu entrasse em semelhantes brinquedos. Os meninos da vizinhança apavoraram-se e o "Rato Branco", como chamavam ao Quinquim, que morava defronte, temendo egual sorte, quando me via passava ao largo.

Foi a primeira debandada dos meus amigos.

Fugia-me a sociedade, mas, em compensação a esse deserto que me cercava, nasciam dentro em mim personagens varias que dialogavam no mundo melhor e mais intimo em que me ensimesmava. Assim, desabotoaram os meus primeiros fantasmas, companheiros e socios da minha melancholia. Diminuiam os circumstantes, mas crescia-me a alma. Desde então comecei a ouvir a pergunta:

— Estás triste?

A melancholia não é por vezes senão um outro mundo espectral que nos absorve. Eu sentia-me andar fóra de mim mesma nas horas longas de exilio voluntario da alma.

— Estás hoje triste! Sim. E dessa tristeza é que eu vivia, cheia de ausencias que a minha distancia creava e affagava.

A' parte o caso tragico da "cabra-cega" terminada em sangue, não me lembra outro.

E', aliás, coisa facil esquecer ou occultar os defeitos proprios.

Mas sustento que essa é virtude, que nos ensina a ser temidas e respeitadas.

As mulheres são flores que é preciso sentir, de longe ou perto, mas sempre a qualquer distancia; não são fructos para ser trincados e esbagoados nos dentes do primeiro gargantão.

O Cazuzinha ficou meu inimigo até hoje. E' actualmente "sapo" da Prefeitura e vinga-se dos desaffectos com multas e mais multas.

Ficou feio e ventrudo como os seus peccados. Com a sua barriga que arqueia quatro toneis, vive a fazer epigrammas licenciosos.

Qualquer dia me lançará em desespero,

quando souber que escrevo e contravenho as licenças por erro profissional.

— "Sangue é *danaro*", como se diz no Brás.

V

A outra lembrança dos annos infantis (e esta mais profunda, impressiva e dolorosa), foi a de deixarmos a casinha branca da Piedade, onde nasci.

Foi como se minguassem e descascassem, por assim dizer, a minha pessoazinha, porque tudo aquillo, a casinha, o arvoredo, a egrejita, os longes azulados estavam em mim. Eram como os meus vestidos, o meu burel, o meu uniforme, a minha pelle. Deixando-os, senti cair o cortice e o alburno, e envergonhei-me da minha nudez.

Eu disse já que aquella paisagem nativa ainda vive em mim e me acompanhará toda a vida, como uma nevoa envolvente.

Vejo ainda agora o arvoredo que me falava pelo biquinho dos passaros no campo verde que parecia escutal-os e a egrejinha no oiteiro, alta e branca, quasi lua perenne e suave. Por vezes, ainda sinto no ouvido o fragor e o estrondo do trem expresso que passava de noite fumegante lançando grandes retalhos de luz sobre a campina adormecida.

Dizem que duas mudanças valem um incendio; essa, despiu-me da meninice. Recolhi para dentro d'alma os destroços das arvores e da campina que me arrebatára o terremoto.

Entretanto, todos estavam alegres com a mudança.

Foi o caso que meu pae, até então empobrecido em litigios longos e difficeis, ganhára a demanda e ficára rico, subitamente, da noite para o dia.

O commendador Torresão, meu padrinho, foi o primeiro a dar-me os parabens e a olhar desvanecidamente para a afilhada.

Só eu, triste e aggressiva, não comprehendia aquella evaporação de todas as coisas que me deram a primeira noção do mundo. Minha mãe entresorria e chorava, e apertava-me ao seio.

— E' a felicidade, dizia-me ella. Não pódes comprehendel-a.

Deixamos a casinha da Piedade e fomos habitar junto ao mar em Copacabana, num casarão que me pareceu complicado e enorme.

A alegria de meu pae era immensa e ineffavel. Ainda não saiamos da Piedade e todos que passavam, saudavam-no: — Commendador!

E elle não o era. Mas, fez vida grandiosa e fidalga, deu esmola e aliviou a pobreza de muita gente. Mandou dinheiro grosso para a santa terrinha, berço nativo, a aldeia de Portella, na Beira, onde se adora por um anachronismo ingenuo e poetico o menino Jesus no collo de N. Senhora do O'.

Nada fez por vaidade, mas por devoção e alegria. Morreu barão, sem o querer e sem o pedir.

Quando ha pouco tempo, com o desembargador, visitei a Europa, não esqueci a risonha aldeia que pertence ao *aro* de Viseu e que é, depois da Piedade, a mais donosa paisagem que tenho visto.

Quando não, devia elle, como eu, sentir o desamparo do berço nativo, em busca do mar cheio de trahições e de insidias!

E que compensação podia dar-nos o dinheiro?

O dinheiro trouxe-nos a entrada subita no high-life.

A nata, o escól ou a elite (como diz aquelle celebre academico da lingua) é uma estilisação social do dinheiro. Apenas alguns pobres vaidosos a ella se aggregam através das casas de penhores, porque se contentam e se engasgam com o cheiro ou talvez por algum proveito catalitico.

Contava com graça meu pae um dia que certo follicularío de elegancia apontava como coisa do bom tom trazer pendurado pelo dedo um pacotinho, segundo o vezo mundano do shopping tão commum em Londres. Era allusão discreta ao embrulho de café que, com ser barão de Portella, meu pae trazia todas as tardes.

Não sei se a moda pegou. E' provavel.

(*Continúa*).

JOÃO RIBEIRO.

Critica do Gregoriano

Preeminencia da melodia no Gregoriano. — Na Grecia tudo tinha de concorrer em harmonia pra realizar o cidadão helenico cujo conceito era inseparavel do do Estado. Todas as especializações eram por isso dissolutorias do ideal de cidadão grego e foram desconhecidas lá a não ser no periodo de declinio. Quem trouxe a idéa prática do homem-só, destruindo a base em que organizaram-se as civilizações da Antiguidade foi Jesus passeando a Sua imensa divindade solitaria sobre a Terra. E com isso um ideal novo de civilização ia nascer provindo não mais do conceito de Sociedade porêm do de Humanidade. Porquê só mesmo a realidade do individuo, que o exame de consciencia cristão evidenciava, traz a idéa de Humanidade ao passo que a eficiencia do homem-colectivo de dantes despertava só a de Sociedade, o que não é a mesma coisa. Os homens antigos possuiram noção nitida e agente de socialização porêm tiveram ideas imperfeitas quasi sempre, vagas e divagantes sobre o que seja humanização e igualdade humana.

O homem-só e concomitantemente humanizado do Cristianismo ia tender pra uma fase nova da evolução musical, a fase melodica, em que os sons não têm mais como base fundamental de união a relação durativa que entre eles possa existir porêm a relação puramente sonora. Era mudança bem grande na concepção musical e no emprego da musica que em vez de interessar agora pelos efeitos fisiologicos, pelas dinamogenias mais imediatas e fortemente compreensiveis que o ritmo cria, principiava querendo interessar a parte mais recondita dos nossos afetos e comoções. Enfim a musica deixava de ser sensorial pra se tornar sensitiva.

Otto Keller (Geschichte der Musik) exprime com felicidade que "enquanto os povos antigos tinham concebido o som em si mesmo como meio sensitivo perceptivel, o Cristianismo o empregou como meio pelo qual a alma comovida se exprime em belas formas sonoras, melodias agradaveis". Tambem o rev. H. Frere no artigo sobre cantochão (Grove's Dictionary of Music)observa que o valor do modo de cantar criado pelos cristãos está em que êle representa "a evolução da melodia artistica". Peter Wagner verificando a extraordinaria riqueza de expressão melodica do gregoriano, acha que sob esse ponto de vista talvez a gente não encontre nada de comparavel a êle na evolução da musica.

A gente deve notar, entretanto, que essa diferenciação caracteristica entre a musicalidade grega e a cristã não provêm duma criação inteiramente original do Cristianismo, porêm, nasce apenas do desenvolvimento dado pelos cristãos á maneira hebraica de praticar o canto. O coral gregoriano é positivamente o intermediario entre a musica oriental (pelo que inda traz em si de teorias gregas e de práticas hebraicas) e o conceito tonal e harmonico moderno de que já apresenta os germens.

Conceito monodico absoluto do gregoriano. — Numa variedade muitas vezes desconcertante de notações se conservaram até nós as melopeas cristãs. Cantos simples ou ornados elas não oferecem a uma critica profunda complexidade grande de linha melodica e muito menos de ritmo. São geralmente verdadeiras ondulações de poucas notas, circundando a *tenor* que fazia mais ou menos o papel de dominante modal e que nem o quinto grau em nossas tonalidades. Eram essa *tenor* e a nota final que davam as relações harmonicas da peça. E' sabido que não pode ter melodia compreensivel sem que os sons com que ela é construida tenham entre si relação harmonica. A melopea cristã que nem a grega, era essencialmente monodica. Se contentava da plastica linear sonora e se bastava a si mesma. Não comportava, pois, nenhum acompanhamento, nenhuma harmonização concomitantemente concebida. A unica realidade harmonica que possuia eram essas relações imprescindiveis dos sons do modo com a final (tonica) e a *tenor,* sons dirigentes da evolução melodica. E essas relações eram por vezes muitissimo subtis e a determinação do modo muitas vezes ficava indecisa até pros teoricos do tempo. Ora, pois, qualquer acompanhamento, qualquer harmonização, sobretudo tonal, á moderna, ajuntada á monodia gregoriana, é absurdo que não só frisa a incompreensão do instrumentista como destroi na essencia mais pura dela a boniteza sublime do cantochão.

No entanto, mesmo durante o periodo aureo do gregoriano (sec. VI-sec. VIII) muitas vezes o canto continha uma segunda parte... Texto célebre de Sto. Agostinho comentando um salmo afirma a existencia ao menos de duas partes simultaneas. Estamos, pois, ainda diante dum costume tradicional dos gregos, provavelmente vindo através de influencia bisantina. Com efeito a gente sabe que já no sec. IV se praticava em Bisancio o *ison,* que consistia em sustentar um som modal importante (tonica, dominante)ao passo que a outra voz executava a melodia. Tradição grega e possivelmente judaica tambem, conforme texto do sec. III... Em seguida, principalmente depois do aparecimento das Scholae Cantorum, formando artistas habeis, se desenvolveu o costume de fazer um contracanto quasi sempre paralelo evoluindo uma quinta acima da melodia dada. E a gente deve inda lembrar que a prá-

tica dos coros mixtos levava fatalmente ao redobramento em oitava que existe de natureza entre a voz do homem e a das mulheres e crianças. Hoje está provado historicamente que tudo isso se deu embora repugne ao actual conceito crítico do gregoriano e pareça prejudicar o valor de artistas desses homens que nos legaram as mais belas melodias puras.

Porêm a gente carece de notar que a existencia dessa segunda voz (*vox organalis*, voz instrumental, o que poderá indicar que ao menos de primeiro essa parte ajuntada era instrumental) com que se realizava essa polifonia então chamada de *Organum* não altera absolutamente a realidade monodica do gregoriano. A não ser o *ison*, pedal harmonico como a gente fala hoje, cujo conceito embora rudimentarissimo é deveras harmonico, tanto uma segunda melodia como o redobramento na quinta ou na oitava ajuntados a üa melodia nada tem de conceitualmente harmonicos. Ficavam melodias distintas ou ecoantes ajuntadas. E tão independentes uma da outra que mesmo os tratadistas modernos mais argutos e que sabem olhar êsses conjuntos sob o ponto-de-vista polifonico não o fazem de maneira absoluta como careceria fazer, isto é, duas melodias que não têm nenhuma relação harmonica entre si mas apenas relações euritmicas de similitude modal melodica e ritmica. D'aí classificarem de intoleraveis tais *harmonizações*. No entanto eram chamadas de "dulcissimas "nos tempos de dantes... O conceito polifonico-harmonico de polifonia é posterior ao gregoriano que foi criado no periodo da melodia absoluta. Não é possivel julgar essas successões de quintas paralelas e ás vezes, como comenta Emmanuel (*Histoire de la Langue Musicale*) de intervalos inda mais rudes como encadeamentos intervalares simultaneos, como realizações harmonicas, enfim. A' melodia monodica gregoriana se ajuntava uma outra monodia porventura imitante da primeira, porêm que quando realizada era por completo independe desta. As sensibilidades evoluem e com elas as maneiras de olhar, de ouvir... Esses homens cristãos não tinham sensibilidade harmonica no sentido intervalar simultaneo da palavra. O proprio gregoriano o prova sem restrição. Esse *órganum* devia de ser executado no mais intrinseco e livre sentido de polifonia: duas melodias ajuntadas euritmicamente por meio dos seus arabescos monodicos. Dessa prática é que surgiria o conceito polifonico-harmonico seguinte e dêste enfim a harmonia. Assim: si ás vezes a primeira idade musical usou de melodias simultaneas não resta duvida que as peças gregorianas eram conceitualmente monodicas. O unissono coral representa a realidade exata do cantochão.

O criador tem normas e o repetidor teorias. — Através duma luta longa de dez seculos o gregoriano estabelecendo, conhecera periodo aureo com o seculo de Gregorio Magno e seguintes. Perdurava ainda e até o sec. XIII será cultivado. Porêm já desencaminhava pra complicações e preciosismos depois que não tinha mais Roma como foco principal mas se deesnvolvia na escola franco-alemã desde o sec. IX. Nesta, embora preciosa e acrobatica iria surgir a criação admiravel dos tropos e sequencias. Mas o canto gregoriano legitimo já se estratificava enquanto se desenvolvia a teorica dele e a notação. De primeiro viera a arte, a invenção como sempre sucede. As teorias que apareceram concomitantemente ao periodo de esplendor criativo eram confusas e indecisas. Só posteriormente com os ultimos seculos da primeira idade musical quando a arte do cantochão já se academizava é que aparece o periodo dos teoricos grandes dele — teoricos... gente que surge da morte e se alimenta do que passou.

Nós teremos ocasião de seguir sempre através desta Historia a luta da Arte não propriamente contra a Teoria, porêm, apesar da teoria... Os criadores geniais estabelecem um ou outro princípio teorico porêm êsses principios não têm pra êles função basica de teoria mas antes normalizadora estabilizadora de personalidade ou tendencias mais ou menos coletivas. Isso quer dizer que pros artistas grandes a teoria existe em função da Arte e não tem nem cheiro leve de lei, é norma. Só nos periodos de estratificação dûa modalidade artistica é que verdadeiramente a Teoria se organiza tirando das criações do passado regras que se fingem de leis. Mas então essas leis não servem mais geralmente porquê provindas duma arte caduca, arte que tambem não *serve* mais. Porquê não representa mais a atualidade social duma civilização. Ao lado dessas leis surgem tendencias novas com formas novas, timidas no comêço, confusas, abandonadas ás vezes, retomadas ás vezes, manifestações inda precarias da inteligencia organizadora que tanto custa a se afazer com as mudanças pererecas da sensibilidade e da vida social. E essas tendencias novas, essas normas novas, são abafadas, martirizadas, pela inercia natural dos teoristas e artistinhos repetidores, que só podem encontrar no caminho frequentado do passado aquela pasmaceira de vitalidade a que se afazem tão bem os comedores de cadaveres e os que têm os braços caidos. Não carece a gente se erguer contra teoricos geniais que nem Aristoxeno e Guido. Fazem papel nobrissimo e estão no destino deles: intelectualizam, dão uma compreensão crítica e util do passado. E as teorizações e as criticas deles são ainda e sempre uma criação. Aliás não carece nem mesmo a gente se lamentar por causa da inercia dos homens em geral e da pobreza ativa em odios e mesquinharias dos que trazem os braços caidos. E' muito provavel que do proprio martirio a que sujeitam os artistas novos êstes tirem parte grande da inquietação, da dúvida penosa e interrogativa que aguça-lhes a sensibilidade e escreve-lhes na inteligencia afogueada por tanta malvadeza quotidiana aqueles decretos e invenções em que num

atimo a obra-de-arte reveladora se manifesta no espirito. Se manifesta nova, inconsciente por assim dizer, fatalizante, representando o tempo social e a alma nova que os tempos sociais dão pros homens. Porêm si a gente não carece de lamentar êsse estado-de-coisas repetido com paciencia burra pelos homens através da historia, nem se erguer contra os teoricos geniais que facilitam a compreensão do passado... e a repetição dele, sempre a verificação dessa constancia com que as teorias sucedem ás artes consola e fortifica o artista na solidão assú em que vive correndo em busca do amor humano. Mas os homens se afastam dele... Pois então que venha como consôlo que é sempre renovação de energia essa esperança de que "dia virá".

Na Grecia já o periodo teorico é propriamente o sec. IV a. C. com Aristoxeno e os seculos seguintes. Agora tambem a fase dos sistematizadores do gregoriano vem com os tempos derradeiros da primeira idade musical, Guido d'Arezzo dominando. Já então, porêm, a monodia cristã não representava mais a sensibilidade social historica do Catolicismo transformada pela mudança gradativa do homem-só medieval que os barões representavam pelo conceito mais praticamente terrestre dos homens-sós reunidos que os burgos e sobretudo as cidades republicanas iriam representar. Surge periodo novo, verdadeira Idade Media musical, caracterizado pela polifonia que se manifesta tal e qual uma socialização, uma republicanização de melodias.

O cantochão perdia a sua eficacia de representação historica do Cristianismo. Porêm não perdeu nada da eficacia com que representa a essencia ideal e mais intima do Catolicismo e continúa assim como a manifestação maxima caracteristica e original da musica religiosa catolica. Atingiu como arte musical nenhuma a perfeição simples e ao mesmo tempo grandiosa com que interpreta a propria essencia do Catolicismo, religião da alma se considerando por si mesma pobre, fraca e miseravel, mas, porêm, fortificada pelo contacto intimo e fisico da Divindade.

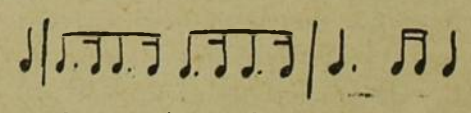
Essencia anonima do gregoriano. — Como a arte popular a musica gregoriana é por essencia anonima.

O que faz a intensidade concentrada da arte popular é a maneira com que as fórmulas melodicas e ritmicas se vão generalizando, perdendo tudo o que é individual ao mesmo tempo que concentram em sinteses inconscientes as qualidades, os caracteres duma raça ou dum povo. A gente bem sabe que ûa melodia popular foi criada por um individuo. Porêm êsse individuo capaz de criar uma fórmula sonora que iria *ser de todos* já tinha de ser tão pobre de sua individualidade que se pudesse tornar assim, menos que um homem, um humano. E inda não basta. Rarissimamente um canto de deveras popular é obra dum homem apenas. O canto que vai se tornar popular nesse sentido legitimo de pertencer a todos, de ser obra anonima e realmente representativa da alma coletiva e despercebida, si de primeiro foi criado por um individuo tão pobre de individualidade que só pôde ser humano — e que riqueza essa! — o canto vai se transformando pouco ou muito, num som, numa disposição ritmica gradativamente e não se fixa quasi nunca porquê tambem a alma do povo não se fixa (1). Porêm dentro dessa mobilidade exterior o canto popular conserva uma estabilidade essencial em que as caracteristicas mais legítimas e perenes de tal povo se vão guardar. Dentro da mobilidade exterior dele o canto popular é imovel. Assim o cantochão. Tem essa imobilidade virtual da musica popular. Descobriu e realizou aquelas formas sinteticas perfeitas em que guardou as essencias mais puras da religião catolica.

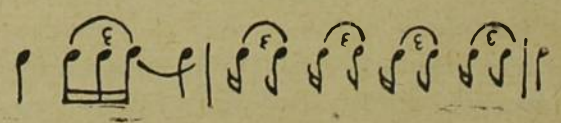
Uma semelhança tecnica do gregoriano com a musica popular está em que como esta geralmente se contenta de fórmulas melodicas curtas e pouco numerosas que se repetem, reaparecem constantemente se combinando sempre em organizações novas. Peter Wagner (Handbuch der Musik Geschichte, G. Adler) lembrando essa coincidencia do gregoriano e da musica dos povos primitivos, observa que mesmo nas vocalizações tão ricas do Gradual a gente encontrará pouco mais dumas 50 figuras

---

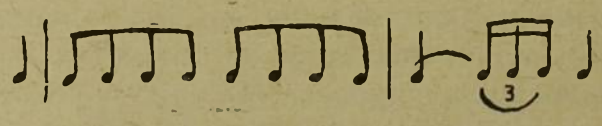
(1) Certas melodias populares conservam o nome do artista que as criou. O *Luar do Sertão*, de Catulo Cearense, o Hino Nacional, de Francisco Manuel. Porêm si se conservam intactos é porquê a reação erudita dos que... sabem musica, as bandas, os professores de grupos escolares, etc., incutem a peça e a repetem constantemente aos ouvidos do povo na forma que os manuscriptos e os impressos propagam. E' assim mesmo... A raça brasileira não tem nada de violenta e menos de belicosa. Somos briguentos dentro da nossa casa, porêm não somos marciais. Povo sossegado e bastante molengo não tem dúvida. Ora muitos musicos já me têm confirmado esta observação: ha uma tendencia muito forte em nosso povo pra modificar a ritmica rija de certas frases do Hino Nacional



etc. pra fórmulas mais moles e moleironas



etc., e mesmo:



etc.).

Si essa melodia esplendida não fosse oficializada e conservasse por isso a sua forma erudita, de certo já muito se teria modificado no povo. E inda outra pergunta fica: si não fosse oficializado e por isso repetido sempre o hino de Francisco Manuel se tornaria mesmo popular?... Duvido.

melismaticas diferentes que se repetem em ordens novas.

Pobreza especifica do gregoriano. — O canto gregoriano é pobre. Abandonou a Terra e as sensualidades terrestres. Si de primeiro o Cristianismo foi pobre necessariamente porquê não só lhe faltavam adeptos e fartura como principalmente porquê era obrigado a se esconder, depois triunfou se enriqueceu e dominou. Todas as bellezas o enfeitaram e não faltaram mesmo templos e cerimonias faceiras com que atraisse não a fé porêm a curiosidade humana que se posta já no caminho da fé. A arquitetura, a pintura, a escultura e todas as artes menores, gastaram seculos ao inteiro serviço do Catolicismo. Enfeitaram terrestremente o Catolicismo. Nenhuma delas deu um genero artistico que sintetizasse a essencia popular anonima e universal da religião de Cristo. Com a musica não foi assim ao menos durante êsses primeiros onze seculos de civilização europea. E si até o edito de Constantino a musica cristã foi necessariamente pobre depois foi voluntariamente pobre. Não se tornou nem enfeite nem divertimento, que nem as outras artes aplicaveis á religião. Se empobreceu tanto, não só de meios de realização artistica como de concepção estetica mesmo que deixou de ser uma arte de verdade pra ser elemento de valor intrinseco indispensavel dentro do cerimonial religioso. Tomou função liturgica verdadeira. Junto dessa pobreza especifica como estetica, se acumulam as pobrezas de realização artistica.

A musica gregoriana abandonou tudo, conservando apenas o som.

Abandonou o metro principalmente. Depois daquela metrica soberba que da Antiguidade mais remota se viera afinando até o apogeu das artes ritmicas da Grecia o Cristianismo uniformizou os valores de duração num só, quasi rapido e de modo geral sempre o mesmo. Desconheceu sobretudo as combinações de valores de duração pra que a palavra se erguesse mais saliente e mais exacta.

Abandonou tambem os generos. Si ainda alguns musicos cristãos *cromatizaram* e si mesmo pelos mais requintados a enarmonia subtil e dificil não foi esquecida, a musica gregoriana foi unanimemente diatonica. Uniformemente diatonica.

Abandonou os instrumentos. Todos. Mesmo o orgão que se tornaria mais tarde tão caracteristicamente cristão pra nós, a ponto de tomar na musica profana uma funcção descritiva ambientadora, tal e qual os dois sons do cuco e o oboe... pastoril, o proprio orgão raramente esteve nas igrejas da primeira idade musical. Vivia nos cerimoniais profanos dos imperadores de Bisancio e ainda profano nas festas do ocidente europeu. Nas suas proporções menores foi mesmo instrumento caseiro.

A Igreja se contentou com a voz "que põe a gente em communicação directa com Deus". Porêm mesmo só com a voz podia reproduzir aquela bulha guassú dos coros romanos. E dentro da tradição repetir a pompa famosa dos 4000 cantores do templo de Salomão. Nada disso. Se contentava de vinte e poucos mais cantores nos templos munificentes. S. Pedro já nos tempos polifonicos de Palestrina chegou a ter o maximo raro de 33 coristas.

Está se vendo bem quanto a musica gregoriana era pobre. Porêm dessa pobreza não apenas estetica mas real e elementar tirava a sua qualidade melhor: Se apagava pra se igualar. Tinha função liturgica, já falei. O papel dela não era encantar nem atrair. Tal papel a gente ha-de ainda encontrar noutras manifestações de musica religiosa... O papel da musica gregoriana foi realizar o cerimonial (1). Nas práticas de religião o celebrante é simbolo quasi sempre do público dele. Cada qual realiza a cerimonia em si mesmo. O cantochão não extraia os crentes da cerimonia que cada um realizava orando, a pobreza dele não era espectaculo, a sua uniformidade não era atracção, a humildade dele nem doia nem repugnava. O cantochão desaparecia praticamente e era apenas uma lembrança perene que retrazia o crente distraido prá cerimonia dele.

Em muitos dos criticos e historiographos que não sendo crentes elogiam essa manifestação suprema da arte musical catolica se nota no elogio além duma sinceridade natural pelas belezas artisticas exteriores do genero uma incompreensão dolorosa. A gente tem a impressão que elogiam muitas vezes porquê o preconceito proibe-lhes afirmar com franqueza como entendem pouco e se elevam pouco diante do que teve e tem consagração universal. E elogiam ainda porquê se espantam diante dessa manifestação chocante de pobreza e tão desnecessitada de encantos. Combarieu sentiu bem isso no capitulo curioso que escreveu na Historia da Musica sobre a "Beleza original do Cantochão". De certo que a gente pode, estudando tal peça gregoriana, como o *Te Deum* ou como essa pura entre as mais puras, *Salve Regina*, de Ademar de Monteil (sec. XI), ficar extasiado ante a boniteza intrinsecamente artistica dessas melodias, porêm aquele que escutar com intenções de contemplação estetica pura ua missa gregoriana sente imediato a monotonia, se cansa. Pudera! o cantochão foi emperrando na pobreza dele porquê nunca teve como destino dar comoções esteticas puras. O cantochão não é prá gente ouvir, prá gente se deixar ouvir. Não é arte no sentido de contemplação pura e livre, é manifestação activa de religiosidade e seria absurdo observar sob ponto-de-vista integralmente e

---

(1) Sobre isso se conta uma anedota estupenda de Pio X. A um padre horrorisado com as restrições do Motu Proprio que lhe perguntava o que se havia de cantar agora durante o Oficio, Pio X, se rindo, bondoso, respondeu: Mas, meu filho, não se canta *durante* o Oficio, canta-se o Oficio.

unicamente artistico o que está além do dominio das artes desinteressadas, visando a propria finalidade interessada do homem.

E é por isso que a pobreza especifica do gregoriano se torna qualidade especifica e conservada do destino dele.

Caracter artistico do gregoriano. — Dentro já da critica artistica outras qualidades êle tem. Sendo musica puramente vocal o abandono do ritmo metrico e de combinações ritmicas musicais lhe deu a possibilidade de realizar a ritmica natural da palavra falada. Essa desartistificação metrica que lhe é tão inerente permitiu ao cantochão solucionar ainda na manhã da musica o maior e mais intrincado problema da musica vocal: a união da palavra e do som. Atingiu a naturalidade do falar com perfeição subtilissima de expressão psicologica e fraseologica. A propria incidencia de figuras melismaticas e vocalizações se dão sempre em vista da expressão e não á tonta. E pela sua colocação geralmente nos finais e nas cesuras ou sobre palavra de importancia muito grande, em nada prejudica a expressão fraseologica. "No canto gregoriano o costume da vocalização se desenvolveu na mais artisticamente elevada capacidade de emprêgo dela". Sob o ponto-de-vista da união da palavra e da musica o canto gregoriano é a expressão mais realista que a musica possui. E o realismo dele consistiu não em sublinhar pela musica a expressão sentimental da frase porêm no objectivar com respeito a realidade psicologica da fraseologia. E foi exactamente observando êsse realismo que a escola de Solesmes lhe pôde fixar pela teoria dos acentos dinamicos a maneira de cantar.

A essa solução do problema da frase cantada se prende a qualidade de expressão do gregoriano. Si a gente considera a qualidade de expressão musical dum Debussy, dum Schumann e mesmo dum Palestrina, é forçado a concluir que o cantochão é inexpressivo ou raramente expressivo. Seria si a expressividade que tem não proviesse de outra maneira de encarar a expressão cantada. A musica europea (principalmente do sec. XV em diante) visa expressar os sentimentos. E' sentimental no sentido etimologico da palavra. Os musicos têm um poder de fórmulas ritmicas melodicas, harmonicas, mais ou menos compreensiveis pela afetividade dinamogenica de que originam-se, fórmulas sonoras que são evolutivamente simbolos da sentimentalidade geral. Essa expressão dinamogenica é uma deformação legitimamente artistica (mas que nem por isso deixa de ser deformação) que consiste em acentuar, pôr em relêvo, engrandecer a expressão dos sentimentos pra que o efeito seja seguro imediato e mais forte. Ora o gregoriano se afasta quasi sempre dêsse criterio de expressividade. Pode-se dizer mesmo que êle sistematicamente abandona a expressão sentimental assim simbolizada e deformada. Enfim: êle não tem aquela teatralidade consciente com que a musica e as outras artes em geral transportam a realidade pra um expressionismo sistematico que consiste em sublinhar e reforçar a realidade psicologica. O cantochão é raramente sentimental. Não me lembro que tratadista observava que o gregoriano parece se esforçar aplicadamente em contrariar pela evolução da melodia o sentimento das palavras musicadas. Só numa ordem muito geral e vaga se poderá falar que tal antifona é mais vibrante, tal hino mais solene e tal prosa mais suave. São essas qualidades que se aplicam normalmente a todas as melodias gregorianas. Ainda o arroubo das doxologias, o extase alegre dos finais aleluiaticos, são os poucos elementos por onde a gente pode lembrar tendencias intermitentes do gregoriano prá expressão sentimental. E quasi nada mais. E' que o realismo dele o levou pra outro sistema de expressividade. Esta não consiste em adquirir aquela dramaticidade, aquela realidade psicologica que vem sendo a maneira mais comum de expressão artistica através de todos os tempos, porêm, em realizar a expressão normal da fraseologia, deixando se expressar pelo sentido das palavras a expressão dos sentimentos. Os cambiantes das frases quotidianas deixam as palavras agirem pelo sentido que têm. Na expressividade artistica comum não mais os cambiantes, porêm as diferenças de realização das frases acentuam e fortificam, deformando, o sentido das palavras. Enfim: neste gênero de expressão a dinamica dos sentimentos prevalece sobre a realidade oral da fraseologia. O realismo era tão intimo á maneira gregoriana de cantar, que sempre a realidade ritmica da fraseologia prevalece sobre a dinamica dos sentimentos. E' assim que, tendo solucionado estupendamente a união do som e da palavra, os artistas gregorianos não se esqueceram jamais que a palavra era simbolo intelectual e que só por si já expressava os sentimentos. Deixaram a palavra falar. E' grandeza unica que só o gregoriano possui na musica de todos os tempos europeus.

Noto inda uma vez que não falei que o cantochão é sentimentalmente inexpressivo. Soube ter essa expressividade em certas ocasiões, porêm não é ela que lhe organiza em geral os monumentos mais caracteristicos. E é curioso de observar que pela maneira de expressividade que o gregoriano desenvolveu, o canto liturgico da Igreja catolica realiza de verdade uma forma de arte pura. De arte, no sentido mais estetico, mais desinteressado da palavra. E por isso quando a musica artistica quiser se desenvolver no sentido da expressão sentimental é nas fontes populares que irá buscar elementos e exemplo. O gregoriano não lhe poderá servir de fonte.

MARIO DE ANDRADE.

Questões militares e navaes

POLITICA NAVAL

O desapparecimento da esquadra allemã desarticulou o conjugado das forças navaes no Mar do Norte que era a expressão do antagonismo economico anglo-germanico. O desequilibrio resultante desse acontecimento reflectiu-se em todos os mares, procurando as potencias maritimas redistribuir as suas esquadras de accôrdo com a nova situação politico-economica e tendo em vista a probabilidade de futuros conflictos. Movimentos dessa natureza raro deixam de ser indicações tangiveis de subsequentes propositos extra-territoriaes das nações, quer estes venham a ter o aspecto offensivo, quer defensivo, com modalidades economicas, politicas ou militares.

A situação naval que se criou na Europa de 1903 a 1914, inicio da guerra, resultou do advento da Allemanha nas competições economicas, corollario do transbordamento da sua força. Alargando o campo de sua actividade, ella deixou de ter apenas como rival a França, que tinha vencido em 70, prescindindo de esquadras, graças apenas á sua situação geographica. De então em deante começa a concorrer com a Inglaterra, disputando-lhe o commercio maritimo. Dahi, na Allemanha, Von Tirpitz e o apparecimento da esquadra; e nas Ilhas Britannicas, Lord Fisher e a Home Fleet.

Data de 1903-1904 o inicio da famosa concentração naval ingleza em aguas territoriaes, devendo-se notar que só mesmo esta ameaça ao seu coração poderia levar a Inglaterra a diminuir a segurança de sua linha mediterranea de communicações, que vae de Gibraltar ao Oriente e que lhe é tão necessaria á vida, que a chamam a trachéa do Reino Unido. Aliás, para equilibrar esta nova situação, a Inglaterra promoveu habilmente uma alliança com o Japão, afim de resguardar os seus interesses além do Suez.

Na phase que antecedeu á guerra, de um modo geral, o dueto armamentista do Mar do Norte, não só em si, como pelas suas consequencias historicas, é o facto mais importante, visto do angulo estrategico. Naquelle periodo, excluidos Tsushima e as acções de Porto-Arthur, da guerra russo-japoneza (que, mesmo assim, deixam de ter projecção mais ampla), nada de maior realce se passa com as outras nações. Os Estados-Unidos não tinham attingido ainda á plethora productiva de hoje. Entretanto previam-n'a. Olhando para Oeste, abriam o canal de Panamá. A inquietação do ambiente europeu levava-os a iniciar com intelligencia a construcção da sua moderna frota de guerra, anterior á mercante.

O Japão surge com espanto do mundo entre as grandes potencias, depois de vencer a Russia. Mas não define ainda as suas tendencias expansionistas. Assimila e aperfeiçoa a arte da construcção naval e por tal forma organiza as suas esquadras, que logo hombreia com as primeiras. Na França o poder naval reflecte a instabilidade politica, prejudicado aquelle sempre pela ausencia de directrizes certas desta ultima. As fronteiras terrestes evidentemente absorvem a attenção do governo francez. A mais premente das necessidades maritimas da grande republica latina é de livremente atravessar o Mediterraneo, para não perder o contacto com as possessões africanas, principal fonte de seu abastecimento em caso de guerra.

A Italia, até certo ponto, teve os seus interesses collidindo com os da França no Mediterraneo e procurou sempre equilibrar a sua esquadra á desta ultima, levando, porém, a vantagem de não ter necesidade de dividil-a para zonas tão afastadas afim de proteger o seu territorio.

Terminada a guerra, alterados os valores navaes, em parte devido á menopausa promovida pelo tratado de Washington, é curioso olhar-se para a carta maritima do mundo, assignalando as posições das esquadras, indices das tendencias politicas e economicas dos povos.

Observa-se á primeira vista que a Inglaterra e os Estados Unidos convergem para o Oriente, ao passo que o Japão ahi se consolida, procurando equilibrar a influencia dos primeiros. A Inglaterra deixará de existir si na guerra não dispuzer das vias maritimas e se annullará entre as nações, si, na paz, desmembrarem-se os seus dominios. Dahi, para ella, mais do que para qualquer outro paiz, a importancia da dupla funcção da esquadra — concorrer para a estabilidade politica do Imperio e assegurar-lhe a propria existencia. Ella importa 50 °|° da carne que consome, 70 °|° de cereaes, 93 °|° de lã, 93 °|° de oleos combustiveis, etc... que lhe vêm em maior parte do Oriente: India, Australia e Nova-Zelandia. A ligação com estes dominios é garantida por uma successão de bases maritimas, através dos mares mediterraneos e asiatiços: Gibraltar, Minorca, Malta, Porto Said, Aden, Bombay, Colombo e Singapura. Os imprevistos da politica européa e a falta de locaes adequados desaconselham, naturalmente, por ora, maior concentração de forças na zona daquelle ponto de convergencia. Fizeram-na, entretanto, os inglezes, na ante-sala de Malta, no Mediteraneo, onde mantêm o corpo principal da esquadra (8 modernos encouraçados, flotilhas de cruzadores, destroyeres e submarinos). Aguarda esta força, sem duvida, o melhoramento de Singapura, cuja transformação em base naval de primeira ordem foi uma victoria do ponto de vista inglez na

conferencia de Washington. Esse proposito do governo de Londres caracteriza bem o deslocamento do centro de gravidade da politica naval contemporanea, sendo Singapura, como é, o logar geometrico das possessões britannicas no Oriente e a "chave" para o Pacifico. Estrategicamente nenhum ponto tem tanto valor quanto este, naquella zona, desde que se attenda aos interesses dos dominios adjacentes. O arsenal de Cockatoo em Sydney não comporta os grandes navios de linha e por isso a Australia e a Nova-Zelandia insistem pela execução do plano de Singapura, convindo aqui assignalar a crescente influencia que os Dominios vão adquirindo na politica do Imperio, que, não raro, se desvia, cedendo ás inspirações de suas vastas e poderosas colonias.

No caso de uma acção imprevista, certamente os cruzadores de batalha inglezes de um salto chegarão ao Pacifico, seguidos dos encouraçados; mas a falta de bases convenientes deixal-os-á posteriormente em situação precaria. Talvez, por isso, nota-se que a intenção ingleza actualmente é, antes de tudo, não deixar que suas linhas maritimas se desfaçam a uma investida feita de surpreza. Nesse intuito, concentram naquelles mares, seus mais modernos cruzadores, que são por excellencia os protectores do commercio maritimo de longo raio, havendo actualmente treze dessas unidades cruzando entre differentes estações. A experiencia custosa que lhes adveio das façanhas épicas do cruzador allemão "Emdem", que em certa época lhes paralyzou a navegação no oceano Indico, dilatou, sem duvida, um dos aspectos da guerra maritima, que tem o seu corolario nessa distribuição estrategica das forças.

Os Estados-Unidos concentraram o grosso da sua esquadra na costa do Pacifico. Consta ella de doze dos mais poderosos encouraçados, resentindo-se, entretanto, de inferioridade em cruzadores, aos quaes estaria reservado, na guerra, um importante papel, dadas as enormes distancias no provavel theatro de operações. Considere-se, por exemplo, o triangulo Panamá — São Francisco — Honolulu (Haway). Dos dois primeiros pontos ao terceiro as distancias são respectivamente 4.660 e 2.060 milhas; de Honolulu á ilha de Guam 3.330 milhas e assim por deante. Observando-se as bases mais importantes, provaveis objectivos, percebe-se logo que, militarmente ,o canal de Panamá é para os Estados-Unidos, com pouca differença, o que Gibraltar é para a Inglaterra. Só elle permittirá uma concentração, dentro de tempo razoavel, em qualquer das costas do Pacifico ou do Atlantico. O Panamá, todavia, é apenas uma parte do problema naval americano no Pacifico. A outra, porventura de importancia tão notavel como a primeira, é o archipelago das ilhas de Hawai, posto avançado naquelle extenso oceano. As grandes manobras navaes, tendo como motivo o ataque e defesa daquella base, revelaram com mais clareza as intenções estrategicas dos Estados-Unidos. Resultou dessas manobras, como occorreu com as do Panamá, a convicção da necessidade, aliás prevista, de se melhorarem as defesas locaes, ficando além disto evidenciadas certas insufficiencias na frota. Depois de taes exercicios a esquadra reunida visitou a Nova-Zelandia e a Australia — *"show America"*.

Neste exame a largos traços da situação, deve-se levar em conta que o pacto de Washington, impedindo a fortificação das Philipinas, da ilha de Guam e das ilhas Aleutas ,limitou consideravelmente a acção naval americana no Pacifico. As primeiras dessas ilhas estão a mais de 4.500 milhas de Hawai, limite extremo das bases fortificadas para Oeste; e, sob tão importante aspecto, ficam os Estados-Unidos em situação inferior á Inglaterra e ao Japão.

O japonez tem o habito de envolver no mais denso mysterio tudo quanto diz respeito ás suas questões militares. Disso resulta que a imaginação alheia lhes attribue um poder que, não raro, excede a realidade. O que é incontestavel, porém, é que o Japão se constituiu em potencia de primeira ordem no Pacifico e, como consequencia, parece querer praticar uma especie de "monroismo" no Oriente, attitude que, aliás, não é destituida de certa logica.

Em aguas territoriaes são, para elle, pontos de importancia capital, a communicação com a China e a defesa de Yokohama e Osaka, principaes portos commerciaes do imperio.

Sobre movimentos da esquedra nipponica, sabe-se apenas que nas ultimas manobras elles presuppunham ataques de forças inimigas superiores ás suas costas. O programma naval japonez consta de cruzadores, destroyers e submarinos, apresentando os primeiros um typo que é de notavel efficiencia.

O Japão parece querer attenuar a inferioridade em que ficou, em virtude da relação do poder naval fixado com a Inglaterra e os Estados Unidos de 5.5.3, com a superioridade especifica de material e pessoal, o que, dada a indole do seu povo, certo em parte poderá conseguir.

No Pacifico, os japonezes, pela desnecessidade de dispersar as suas forças e pela sua situação geographica, terão actualmente em caso de uma acção imprevista, franca superioridade inicial. O grosso de suas forças — constituido de cinco poderosos encouraçados e tres cruzadores de batalha — forma um conjuncto homogeneo que poderá levar a bom termo objectivos de valor, sobretudo pela rapidez com que realizará certas operações de influencia decisiva no Pacifico.

Ha uma serie complexa de questões no Oriente. O contraste entre o poderio japonez, opprimido dentro das suas ilhas vulcanicas, e a fraqueza chineza, num paiz vasto e rico, em cujo sólo se chocam interesses das grandes potencias, traduzidos

em geral por guerras civis de origem duvidosa, é sem duvida uma semente balkanica naquelle hemispherio. Tal situação é talvez de prognosticos peiores do que a conhecida pendencia americano-japoneza, com todos os amargores do seu aspecto moral.

Assignalada em largos traços a situação no Pacifico, vale a pena olhar-se tambem para as actividades navaes da Italia e da França no Mediterraneo. O poder naval do primeiro desses paizes decahio, mas a Italia tem recursos proprios que permittem restaurar o seu. Adoptaram elles nas ultimas manobras, o thema da possibilidade de um comboio vindo de Leste poder attingir seus portos, encontrando forças inimigas vindas de Oeste. Significativa, talvez, é a criação da base naval na Ilha de Rhodes, dominando estrategicamente a Asia Menor e contrabalançando a base ingleza de Malta — expossessão italiana.

Os italianos não realizam, comtudo, programma naval de maior vulto. Preferem desenvolver a aviação e a construcção de navios pequenos, elementos que, acreditam, decidirão o dominio naval no Mediterraneo.

Ponto de vista identico tem a França, devido sobretudo á influencia da "jeune ècole". Esta ultima nação, impossibilitada talvez de concorrer com as outras potencias maritimas, limita, por assim dizer, sua politica naval á defesa dos portos e do livre trafego no Mediterraneo para as suas colonias africanas. Concentra esforços num largo plano de defesa de costas e na construcção de submarinos. Pretende augmentar para 58 o numero dessas unidades de alto mar e para 48, as que se destinam a operaçeõs de littoral.

Esboçados esses factos, fica-se a conjecturar si elles indicam ou não uma tendencia para o equilibrio entre os povos. Parece que não. Reflectem antes a intensidade das luctas economicas. Só depois de acertadas estas, é que se poderá com probabilidades de exito cuidar honestamente do desarmamento.

O. M. M.

A MENTALIDADE PROPRIA PARA A GUERRA

A historia de todas as guerras encerra anomalias que só hoje, apesar de sua antiguidade, vão recebendo explicação scientifica. Fóra de um circulo aliás muito restricto, de profissionaes estudiosos, talvez não existam entre nós umas cem pessoas sufficientemente informadas a tal respeito.

Os historiadores de todos os tempos admittiram, em relação aos grandes successos militares, a theoria do genio, fazendo do chefe victorioso o super-homem do dia, e attribuindo aos vencidos uma ausencia de virtudes pessoaes correspondente aos exitos do partido opposto. Ficavam sem explicação numerosas catastrophes, como Waterloo e Zama.

Essa theoria, salpicada de tantas excepções, tornou-se insubsistente a partir de 66 e 70, porque as batalhas de Moltke não são commandadas de penacho ao vento, mas conduzidas friamente, como exercicio de officios vulgares...

Em nossos dias, quando as dimensões dos campos de batalha se contam por centenas de leguas, Ludendorff obteve dos maiores successos militares que a historia registra, sem um unico gesto theatral á frente de suas tropas. Ha, não obstante, algumas decadas que o criterio scientifico empolga uma *élite* militar e raros pesquisadores civis, principalmente em França. Realmente. Examinando-se a parte technica das batalhas de Alexandre, não é possivel desconhecer que no terreno tactico não faltaram recursos de toda a especie aos exercitos vencidos. Apesar de sua superioridade numerica, da fartura de seus recursos materiaes, da calculada escolha do terreno para a luta, os extraordinarios exercitos de Darios foram demolidos totalmente, ao contacto da phalange macedonica! Em Arbeles, o vencido teve para mais de cem mil baixas e o vencedor, pouco mais de cem, resultado que nada tem a ver com as boas ou más condições estrategicas.

Como se explicar isso? Quasi todas as victorias de Annibal têm esse caracter paradoxal. Ahi, a mentalidade inferior de povos subditos de Carthago — a barbaria hispanica — impulsiona exercitos de fracos recursos materiaes e impõe á expansão latina uma parada que é quasi um collapso.

As proprias legiões, que haviam vencido a Annibal, estacam na peninsula iberica, ante os muros de Numancia, por falta de espirito offensivo. As nossas batalhas dos Guararapes, como de resto todos os rencontros da ultima guerra hollandeza, revelam-se anomalas, quando se comparam os elementos em presença com o resultado da lucta.

Para explicar o morticinio infligido ao mais forte pelo mais fraco, o espirito da antiga cavallaria criou as regras do heroismo e do valor pessoal indomado: foi assim que as velhas gerações se alimentaram de Carlos Magno e dos doze pares de França.

Desse modo, o super-homem preencheu o vacuo dos seculos e deu facil explicação ás anomalias da historia.

Que encantos não encontra o mathematico em suas formulas intrincadas, que lhe revelam minucias desconhecidas da maioria que lê! Assim, o psychologo vai encontrar no campo da historia numerosas particularidades, que nem a todos se revelam.

Vejamos a batalha do Passo do Rosario, cujo centenario festejaremos em breve. Batalha ganha, batalha perdida, batalha indecisa — pouco importa ao caso. Sob o ponto de vista psychologico, note-

mos a dupla mentalidade dos nossos combatentes: parte do exercito que se bateu em 20 de Fevereiro de 1827 comportou-se de modo brilhante; parte eclipsou-se aos negros fumos do rencontro celebre.

Emquanto a infantaria arremettia para a lombada das cochillas em que se instalára o exercito platino, a maior parte da cavallaria, quasi toda miliciana, dava a cartada por perdida e voltava as costas ao inimigo. Ora, esses homens, que a galope largo se afastavam do terreno da lucta, não eram inexpertos recrutas, apanhados de roldão nos grupos alegres dos rapazes de avenida. Eram em grande parte veteranos, costumeiros nos entreveros das guerras anteriores e os chefes chamavam-se José de Abreu, Caldéron, etc.

A conducta diversa dos homens de pé e de cavallo mal se explica á luz do criterio antigo; as velhas lendas dos grandes homens não bastam para explicar este caso reverso.

A explicação desse insuccesso não estará na falta de valor pessoal dos combatentes, entre os quaes havia truculentos lidadores, reconhecidamente bravos. E' que o exercito que se bateu em 27 não era homogeneo sob o ponto de vista moral. A infantaria de linha compunha-se de homens que viviam segregados da sociedade civil, sob o duro regimen militar da época e, por consequencia, de individuos que não partilhavam sinão remotamente das emoções da massa popular. A cavallaria miliciana envolvia-se nas agitações politicas e os seus soldados constituiam, individualmente, particulas da opinião publica. Sabendo-se como a guerra era impopular, comprehende-se bem o espirito de uns e de outros combatentes: por isso, emquanto predominaram os milicianos, as operações de guerra achavam-se compromettidas, dada a inconveniente preparação psychologica das massas.

A esse factor imponderavel attribue a escola moderna a maior importancia, como causa predominante dos exitos militares. E' que em todos os tempos, as victorias e as derrotas foram sempre preparadas no terreno moral.

Uma tropa não se bate só por que a mandam bater-se. E' tão absurdo isso como o dar uma faca a um individuo e dizer-lhe que se mate a um nosso aceno.

Os officiaes de estado maior, que se encarregam normalmente da preparação technica das guerras, sabem perfeitamente que a preparação psychologica pertence aos governos, aos publicistas e aos educadores da mocidade. Desejariam, no entanto, dizer algumas palavras que acautelassem a formação moral das populações brasileiras. Obrigados a meditar sobre a fallencia tantas vezes verificada das subtilezas que constituem boa parte da arte da guerra, concluem razoavelmente, em face da batalha antiga, pelejada a ferro frio, que não é admissivel que um só homem victime a dez ou mais adversarios.

Consequentemente, os vencedores de Cannes, de Pharsalia, dos Guararapes e de tantos outros rencontros celebres, immolaram ruinas vivas e não homens.

Problema summamente complexo, como todos os problemas de psychologia, não se pense em darlhe solução geral e exacta, pelas folhas de um compendio. Cada caso exige solução propria.

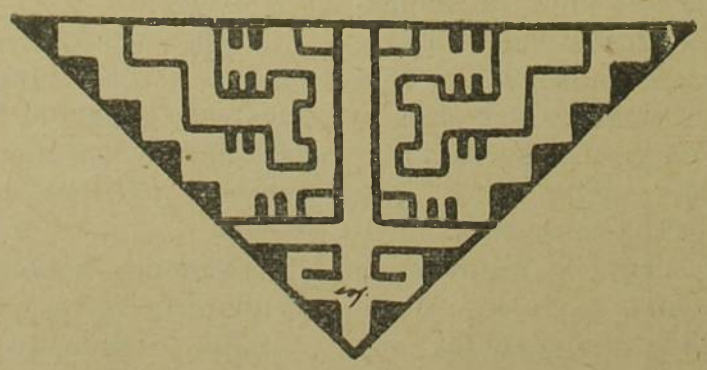
Certo é, porém, que mesmo as nações de tradição pacifica, como o Brasil, não devem proscrever a criação de uma mentalidade activa — honesta, util, absolutamente sadia.

Amando o dom christianissimo da paz, á sombra do qual as artes immortaes dão ao mundo a frescura eterna de um sopro divino, conservemos a alma do povo na combatividade que cria e guarda a todos os imperios. Para que insistir nas sendas tortuosas, incutindo na mocidade o medo exagerado da guerra, o risivel despreso da força physica e a mentalidade debil dos que só vêm o mundo pelos prismas sentimentaes da paz universal?

O espirito greco-romano não nos domina apenas pelos preceitos de ordem legal que deu ao mundo, mas pela belleza de uma outra ordem de idéas a que deu vida, posto que ao culto da força ainda se permittem as mais queridas abstracções.

Um povo que não se prepara psychologicamente senão para as lides suaves da vida, é um povo que morre porque quer.

F. DE PAULA CIDADE.



Theatro e Musica

O QUARTETO DE LONDRES

O favor publico não tem faltado ás realizações do emprezario Viggiani, sempre marcadas pelo successo artistico, como acaba agora de acontecer com o admiravel quarteto de cordas que ouvimos no Teatro Lirico. A musica de camera ainda não desperta o interesse do nosso publico, e as tentativas levadas a efeito por esforços de artistas nacionais falharam no meio da indiferença geral. Mais feliz é S. Paulo que já possui um conjunto estavel — o Quarteto Paulista, cuja disciplina e apuro artistico tivemos occasião de aplaudir o ano pasado.

O renome de que veio precedido o Quarteto de Londres atraiu ao Lirico animadora concurrencia, aumentada no segundo concerto. Os aplausos incessantes, os pedidos de bis, os extras, confirmaram a fama que os annuncios estadeavam. Nunca appareceu aqui um conjunto de cordas tão perfeito. Cada um dos executantes que o compõem é um artista consumado em seu instrumento, e embora não percam eles a individualidade propria, de tal modo se afinam e relacionam que actuam como um instrumento unico. Nunca se perde o menor desenho de uma parte, e nos pianissimos como nos fortes o ouvido segue sem o menor esforço o canto dos quatro timbres, maravilhosamente coordenados. E' uma tecnica quartetista perfeita.

A' altura dela estão as qualidades interpretativas do grupo. Nos quartetos em ré menor de Mozart, em fa maior de Doorak, em la maior e fa maior de Beethoven, em ré maior de Haydn, em sol menor de Debussy, nas peças menores de Borodine (Nocturno), Mendelsohn (Canzonetta) Kreiler (Scherzo), etc., o Quarteto de Londres mostrou a riqueza, seriedade e versatilidade de interpretação que o tornaram celebre.

E' de esperar que o successo destas audições animem os nossos artistas a um novo esforço no sentido de dar ao meio musical do Rio um elemento que lhe falta no conjunto das nosas manifestações artisticas. — M. B.

Literatura

A PROPOSITO DE LIVROS P'RA MENINO

O menino brasileiro está precisando de um livro de historias. Mas um livro de historias em que elle sinta gôsto do Brasil.

Aquelle Chiquinho do *Tico-Tico* foi muito bom que morresse. Que desapparecesse. Muito côr-de-rosa, muito cheio de luxo, muito extrangeiro, uma como febre amarella matou-o em dois tempos. Ha uma febre amarella para os Chiquinhos, para os Mutts, para os Jeffs; elles não se aguentam no Brasil.

Chiquinho não prestava para o Brasil. Muito postiço. O sr. Henrique Pongetti diz muito bem do fallecido heroesinho do *Tico-Tico*: era "um menino louro extrangeiro que os nossos paes com preguiça de fantasiar, copiaram como as mães pobres copiam as bonecas dos ricos."

Ultimamente espirrou de dentro de um livro, com uma guela estridente de responder a Palhaço — que — é, um moleque chamado Gasparino. Esse moleque leva vantagens enormes sobre o Chiquinho: creando-o, creou Dona Mimosa Ferraz uma figura muito mais interessante para a imaginação do menino brasileiro do que o fallecido Chiquinho.

Mas não é ainda o Gasparino o livro de que precisa o menino brasileiro. Muito caricaturesco. Gosto de sua camisa de meia encarnada e preta. Do seu annel de cobre no dedo fura-bôlo da mão direita. Do seu cabello pixaim. Mas ao lado disso eu o quizera mais vida e menos caricatura. E mais brasileiro. Mais misturado ás cousas do Brasil. Chupando cajú. Trepando em goiabeira. Tocando flauta de canudo de mamão. Pegando lagartixa com haste de folha de coqueiro. Armando arapuca pra curió com rodelinhas de banana. Empinando "tapioca" de papel de venda. Descascando a quicé canna caianna. Ficando doente de engulir caroço de pitomba. Tomando remedio pra lombriga com garapa de tamarindo. Andando com os pés atados a guengas de côco. Fazendo bôlos de areia tambem com guengas de côco. Armando gaiolas de passarinho com pedaços de caixa de charuto e varas de bambú. Armando jangadas de bananeira. Atolando-se na lama preta dos mangues atraz de gaiamum e carangueijo. Comprando grude e bôlo de gomma de tabuleiro.

Um livro para menino, em que o heroe se misturasse assim ás cousas do Brasil, e falasse brasileiro, seria uma delicia. Gasparino ainda não é isso. Mas possuindo-o, o pequeno brasileiro de hoje está em superioridade estupenda sobre o menino do

meu tempo — que não tinha outro geito sinão aturar o tal Chiquinho côr-de-rosa.

O exquisito é que esteja tardando um livro p'ra menino com bem gôsto do Brasil. Exquisito porque a lingua da gente é ideal para um livro desses. E' ideal pelos seus "ões" e "ãos" e "ús", tão gostosos para a suggestão de falas de bichos, de velhos de surrão, de gigantes, de papões, de carrapatús — falas grossas, tonitroantes, enormes; e sobretudo pelos "inhos" que em português, e sobretudo em brasileiro, parecem tirar os ossos ás palavras, amollecendo-as para a bocca e para o ouvido do menino.

Isto quanto á lingua. Quanto á materia plastica. Por outro lado, não falta á tradição da gente brasileira muito romance, muita aventura. Aventuras de colonos no mar. Aventuras de bandeirantes pegando indio brabo. Aventuras de pernambucanos fundando engenhos de assucar.

Não ha motivo para que o menino brasileiro esteja hoje a crescer tão tristonhamente sem suggestões vivas e frescas do Brasil. E entregue a bonecos de Nuremberg, brinquedos do Japão, jogos ingleses, fitas de cinema americanas, cantos portugueses, livros franceses, chocolates suissos. Afastado, distanciado, separado da sua terra, da sua gente, dos sãojoões de engenho, dos nataes com lapinha, dos palhaços-que-é, dos bichos, das arvores, das fructas, das cousas todas do Brasil — tão gostosas para dellas se fazer brinquedo, se fazer jôgo, dansa, geléa, canto, historia.

Nos tempos dos avós da gente, havia os escravos que contavam aos sinhôzinhos historias de bichos e cousas da terra; e os sinhôzinhos cresciam mais brasileiros. Nós precisamos de livros que façam ás vezes da bocca dos escravos.

Essa gente de pau brasil e terra roxa, que com todo o seu ridiculosinho de escola, é, á falta de outra gente, a mais interessante, hoje, no Brasil, bem podia cuidar disso. O sr. Oswaldo de Andrade bem podia montar em São Paulo uma fabrica de fazer brinquedos de menino. Alguns brinquedos podiam ser talhados em pau brasil. E isso daria nome á fabrica. Eu aliás imagino que foram os brinquedos de meninos — figuras de bichos exquisitos — das primeiras cousas que se fizeram no Brasil, em madeiras da terra, depois daquellas nossas senhoras e daquelles sãojoões de que falam os chronistas.

Gilberto Freyre.

JOSE' PATRICIO DE ASSIS — "Estudinhos de Português" — Bello Horizonte, 1926.

A materia deste livrinho não justifica bem o seu titulo, mau grado a modestia do diminuitivo. A palavra estudo implica um elemento pessoal de pesquisa e invenção que falece totalmente a estes artigos de mera vulgarização. Há neles coisas boas e coisas más ou somenos. O autor, vê-se, é um estudioso, mas não me parece ainda em posse de orientação muito segura. Confunde lamentavelmente autoridades, chegando a este disparate impagavel de abonar uma expressão do bom padre Manuel Bernardes com citações de... Guilherme Belegarde e Mario Barreto. Francamente, patricio José!

Taxando de barbarismo o emprego do verbo *carecer* no sentido de *precisar*, escreve: "Embora alguns lexicografos autorizem tal emprego, infelizmente generalizado entre nós, a filologia moderna condena-o, não obstante o tivessem perpetrado escritores de primeira agua, como Herculano, Camilo, Castilho, Alencar, etc."

Ora, o emprego generalizado e a adopção por escritores de primeira agua não bastam para legitimar uma expressão? O contrario é pura gramatiquice.

Gramatiquice tambem insistir na *lotaria*, no *telefonio*: todo o mundo sabe que dá azar falar assim. Pois o sr. Assis não quer que digamos *hospedaria* em vez de *hotel?* Isso já não é mais gramatiquice. E'... ingenuidade.

O bom criterio etimologico manda levar em conta a evolução do vocabulo dentro da lingua, e assim entende o sr. Assis que a proposito das grafias *licção, hontem, lucta, fructo* passa um quinau justo nuns tantos sujeitos que se querem mostrar muito sabidos em latim e só conseguem provar que nada tomam de português. E' por isso de lastimar que no caso da conjuncção *se* abandone o sr. Assis aquele criterio, apoiando-se na autoridade anacronica de Julio Ribeiro, Castro Lopes e J. F. de Castilho. Deste ultimo transcreve êle: "Ora, a nossa condicional descende do latim, onde se escreve *si;* para escrever *si* temos, pois, a regra etimologica; para escrever *se* qual teremos?"

Respondo eu: nos monossilabos atonos o *i* final longo passa a *e;* o latim *si* deu o português *se*, o latim *qui* deu o português *que*, que ninguem escreve *qui*, embora num como noutro caso a pronuncia brasileira identifique o *e* reduzido com o *i* atono. Assim aprendi com os mestres brasileiros Silva Ramos, Sousa da Silveira, Antenor Nascentes...

O sr. Assis pratica ainda o sport enfadonho da caça ao galicismo, herança colonial do nacionalismo luso irritado pela invasão de Junot. O galicismo é apenas um caso particular da influencia do pensamento francês, que é enorme entre nós. Pode-se contrabalançá-lo com o estudo do inglês, do alemão. Mas então virão fatalmente os anglicismos, os germanismos. E' inutil reagir contra extrangeirismos como *editar, banal, detalhe* e tantos outros, perfeitamente assimilados, de uso corrente geral, vocabulos simples, elegantes e ageis.

Manuel Bandeira.

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO — "Pathé-Baby" — Editorial Helios Limitada — São Paulo, 1926.

"Pathé Baby" é o "Voyage de Sparte" do Snr. António de Alcantara Machado e não o livro de reportagem de que fala o Snr. Oswald de Andrade no prefacio. O escriptor paulista demandou o occidente europeu com o mesmo objectivo, no fundo, que levou Barrès á Grecia. Elle não foi espiar apenas por espiar ou para escrever do que viu. Tão pouco cuidou de exercer a funcção de reporter, que é a de vêr pelo maior numero e para o maior numero. Teve um proposito mais sério: tomou a transatlantico em Santos para fazer a "mise-au-point" de suas idéas geraes. "Pathé Baby" é, em verdade, um apparelho de auto-didactismo.

Mas, si o Snr. António de Alcantara Machado tinha o intuito de verificar a exactidão da ordem moderna de seu espirito, mediante a prova européa, nunca pretendeu, nem consentiria nunca que essa prova estabelecesse a confusão na somma de suas idéas. Por isso mesmo, depois de contemplar o Moysés de Miguel Angelo, não foi obrigado a recolher-se ao hotel, como Barrès, de volta da Acropole, para "analyser son désarroi" e desassociar as impressões directas e authenticas das que lhe vinham atravez de Chateaubriand, de Byron ou de Lamartine. O autor de "L'ennemi des lois" sentia que uma nevoa espessa de literatura se interpunha irremediavelmente entre os seus olhos lorenos e o friso das Panathenéas. Emquanto o autor do "Pathé Baby" pôde olhar com tranquillidade os frescos de Giotto, sem ser incommodado pelas assombrações livrescas, e observar calmamente que o São Francisco de Cimabue tem cara de cabôclo brasileiro. Quando, por desfastio, em Veneza, elle topa com os fantasmas de Musset, de Wagner, etc., é que os convocou elle proprio, para o passeio de gondola, em falta de melhor companhia. Ainda assim, os espectros acabam dando-lhe vontade de rir.

O Snr. António de Alcantara Machado não voltou da Europa tendo verificado apenas que tudo aquillo é "gostoso e ridiculo", como diz o Snr. Oswald de Andrade. Elle fez sobretudo, na viagem, uma "prova de resistencia", que lhe serviu tambem para chegar áquella conclusão excellente:

Nosso céo tem mais estrellas,
Nossas varzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Agora, póde se deixar ficar em São Paulo, satisfeitão com o juizo ordenado e preciso que formou provisoriamente sobre o mundo. Ou, pelo menos, sobre o velho mundo. A viagem á Europa valeu-lhe essa tranquillidade e esse contentamento comsigo mesmo e com sua terra. A nós, valeu um livro que está sosinho no meio de toda a moderna prosa nacional. Um livro intelligente de verdade e escripto com uma justeza concisa e um imprevisto de expressão, que consolam de todos os fazedores de phrases apparecidos nos ultimos e nos penultimos annos.

Rodrigo M. F. de Andrade.

UMA NOVELA INÉDITA DE ANNIBAL MACHADO

Em Annibal Machado o homem esmaga completamente o autor. O seu trabalho é feito todo inteiro sem plano preestabelecido, sem traçado geometrico de construcção. Compõe-se de peças desarticuladas mal cozidas umas ás outras, entretanto, sem a inversão modernista mecanica dos processos passadistas. E' o espirito de abandono o mais completo á vida que leva o autor áquele modo descontinuo de composição. A creação artistica nele é sempre accidental, nunca provocada. A sua obra é o resultado de grandes experiencias subjectivas, o precipitado de fortes reacções intimas. O homem escreve pra se livrar de uma carga muito pesada de impressões. No fim de cada capitulo a gente parece ouvir o *uff* de quem se descarregou de um fardo enorme. E' somente em virtude dessa pressão que se exerce de dentro para fóra que Annibal Machado se dispõe ao trabalho de creação artistica. Suas ideas e impressões caem de maduras. Um accidente qualquer desperta nele uma evocação muito forte que o obriga actualizar vivamente o passado pela arte. E' muito pouco descriptivo. Cálca sempre o homem á realidade. Descreve apenas os estados successivos ou simultaneos da sensibilidade. Não faz literatura ou pelo menos muito pouca. Essa despreocupação do efeito literario o leva a um processo muito directo de anotar sensações. Existe uma ausencia quasi total de jogo, de brincadeira na sua arte. Creou um tipo e, em logar de seguil-o como um espectador, identificou-se com ele. Onde acaba Annibal Machado e onde começa João Ternura? Não é possivel dize-lo.

Seria dificilimo apanhar João Ternura todo num traço. Não consigo mesmo salientar o feitio predominante de sua natureza intima. Ele não se compõe de uma aglomeração sistematica de ideas mas de um conjuncto caprichoso de impressões. A gente apreende que ele tem personalidade bem forte mas não se consegue defini-la. Ninguem desmente melhor a definição "L'homme? c'est un théorème qui marche" do que João Ternura. E' de uma natureza profundamente sensual. Muda e se diversifica segundo a onda mobilissima de suas sensações. E' um expansivo. Nunca se vê Ternura carrancudo e concentrado. E' desses que despejam toda a sua

substancia emotiva de momento numa carta, numa meza de café, numa esquina de rua. Sendo um simples, um ingenuo, um sentimental, comove sempre a gente pela sinceridade ardente de suas expansões. Nele, a curiosidade activa do real, o apego á vida objectiva se desdobram em sonho. O sensual, o amoroso das figuras exteriores se faz com facilidade um imaginativo. Os delirios, as alucinações, os devaneios ideativos de João Ternura ficam á primeira vista incompreensiveis. A gente pergunta a si propria si aquela poderosa maquina nervosa em continua vibração, que é o heroe do livro, pode fugir ao contacto da vida por um desvio puramente imaginativo. Porque essa tendencia invencivel ao sonho em quem a realidade desperta tanto interesse? Acabamos por compreender que João Ternura não tem a unilateralidade de uma existencia psicologica linear. Está em ligação muito directa com a vida sem a intervenção de meios literarios que simplificam e alinham a realidade. Neste caso, as impressões, sem esses elementos intermediarios que as canalizam e as amortecem, causam profundas exaltações intimas, grandes abalos nervosos que dão logar a uma combinação estranha dos acontecimentos, a uma representação anormal das figuras exteriores. São elementos de sua propria experiencia que Ternura combina de uma maneira diferente da comum. Não idealiza nem corrige o possivel da vida mas apenas o multiplica pela deformação.

O céo moral do nosso heroe é pouco carregado. Raramente uma nuvem o tolda. A natureza sensual dele imprime nos seus actos uma espontaneidade quasi instinctiva. Por isso mesmo a consciencia não põe em inquietação o seu sentimento moral. Em todo caso a sua seriedade diante da vida acusa responsabilidade. Mesmo quando menino Ternura sem que fosse um circumspecto não era um brincalhão. Não ria quasi nunca. Foi sempre um sentimental e a sensibilidade leva tudo a serio. O riso é um puro precipitado intelectual. Afinal, não preciso dizer que João Ternura é um camaradão de quem eu gosto imensamente, apezar de sua vida um tanto particularizada.

O trabalho de Annibal Machado é dos mais interessantes que têm aparecido entre nós, nos ultimos tempos.

Martins de Almeida.

MACHADO DE ASSIS

Parece que Machado de Assis terá agora a sua figura perpetuada num bronze. E' uma idéa já velha, mas que não perdeu ainda a sua opportunidade. Sempre é alguma cousa que se faz pelo fino espirito que nos legou uma meia duzia de figuras desencantadas e varias paginas que ficarão na memoria dos homens.

No entanto nunca a figura do creador de "Quincas Borba" nos pareceu tão extranha, tão afastada da nossa sensibilidade do que nessa hora de inquietação e de certa perplexidade. Não sei se os homens de amanhã terão tempo de lel-o. Se tiverem hão de sorrir com doçura, mas tambem com uma certa incapacidade de comprehensão, para o seu aspecto de sybarita e de sceptico impenitente. Quanto a nós, a verdade é que estamos ainda ligados de certa maneira a esse seculo XIX que foi o seculo de seu espirito. As camadas espirituaes que precederam ás nossas da actualidade ainda fazem echo no sulco que ellas proprias traçaram na nossa sensibilidade. Quasi todos nós já tivemos aqui no Brasil o nosso periodo de "machadismo". Talvez seja por isso que ainda sentimos e comprehendemos, comprehendemos mais do que sentimos, o determinismo psychologico em que se formaram os espiritos como o desse frio desencantado. Impossivel lel-o actualmente sem ter em vista esse determinismo.

O grande peccado do creador de "D. Casmurro" foi mesmo esse, — o de ser um caso isolado, um accidente notavel na curva da nossa evolução intellectual. Será, pois, sempre necessario que a nossa critica o examine nessa posição particularissima.

Vivendo numa época que foi, talvez, a dos maiores surtos da nacionalidade, elle ficou indifferente a todas as idéas vitaes e tumultuosas da época. Ninguem praticou entre nós em grão tão elevado a arte pela arte. Nos seus livros elle não nos revelou nunca o homem nas suas relações com o meio physico e social. Via as suas personagens sob o puro aspecto psychologico, "como um systema de idéas e de paixões" que interessavam infinitamente o analysta que havia nelle, mas a que o homem ficava cheio de indifferença. Elle podia dizer como Stendhal: "E'crire autre chose que l'analyse du cœur humain m'ennuie".

Mas faltou-lhe tambem a intensidade psychologica, a revolta disciplinada do creador do "Le Rouge et le Noir", aquella intensidade que nos faz imaginar um Stendhal que fosse uma alma russa com uma intelligencia franceza. Machado ao contrario foi uma surdina cheia de timidezes. Que documentos finos e poderosos não nos deixaria elle se a sua arte possuisse um pouco mais de vibratilidade, e se a sua ironia, em vez daquelle ar de experiencia cançada, tivesse a nervosidade estouvada de um Lima Barreto! Faltou-lhe assim a chamma dos grandes renovadores que são, afinal, os unicos creadores verdadeiros. O que a sua obra deixa logo transparecer, em traços permanentes e sempre bem definidos, é uma timidez acanhada ante a menor vertigem de inquietação. Evitava sempre os grandes giros especulativos. No maximo um passeiosinho medido naquella sua attitude de uma resignação ironica para tudo aquillo que o seu espirito collocava para além de seu raio de penetração. Escreveu mais para divertir-se e tambem para divertir a melancolia dos homens. Não pretendeu dar á sua pala-

vra a mais ligeira capacidade de acção. "Se não valia a pena..."

Com tudo isso Machado de Assis foi um dos melhores espiritos da nossa terra. Tinha o dom de crear com essa graça medida e com esse senso das proporções que revelam bem a natureza de seu espirito profundamente anti-romantico.

Está ahi porque a sua obra já é bem do passado apezar de sua apparente proximidade. A sua figura, essa está bem perto de nós, no nosso carinho e na nossa admiração. Mas a verdade é que a sua obra não terá nunca essa outra immortalidade, a maior e a mais bella de todas, a de renovar-se e de multiplicar-se em outras, numa fermentação admiravel de idéas. Será assim um fructo isolado, se bem que eterno, porque fructo de belleza e de intelligencia.

Nada mais justo do que a homenagem que se pretende prestar agora á sua memoria. E um busto é mesmo o que convem. Machado sempre foi um espectador divertido dos homens. Que elle fique, pois, no alto de um pedestal, a analysar a theoria infinita das creaturas que a sua ironia não quiz, ou não teve tempo de fixar...

Emilio Moura.

A Quinzena

DE MINAS

Significação politica de um discurso

Os commentarios e os sobresaltos a que deu causa o discurso do sr. Francisco Campos, pronunciado no banquete que lhe foi offerecido pela escolha do seu nome para Secretario do Interior, vem provar que a lei da acustica muda de formula passando do mundo physico para o mundo politico. No mundo politico que é todo resonnancia as palavras estão sujeitas a effeitos acusticos e a echos muito mais fortes.

Assim é, que a camada inferior dos nossos politicos de logarejo habituada como está ás sonoridodes retumbantes de um verbalismo ôco, assustou-se seriamente ante um programma de idéas organicas e constructoras que correspondem immediatamente a realidades. Desse susto nasceu a preoccupação de se procurar a significação occulta das palavras lucidas do sr. Francisco Campos.

Já se tenta com ousadia apalpar na consciencia do novo Secretario a inquietação pela longinqua presidencia do Estado...

E' natural que a sua desenvoltura larga de pensamento e a sua percepção lucida das necessidades fundamentaes do Estado causassem impressão funda. Na verdade, encontramos um homem publico que não tem a mentalidade retardataria de ideologo do 2.º imperio e que fala com um conhecimento profundo das realidades.

O sr. Francisco Campos desenvolveu no seu discurso o equacionamento dos nossos problemas fundamentaes em toda a sua complexidade sem lhes offerecer a formula vaga e indeterminada de uma solução simplificada e facil. Esmagou o idealismo pomposo de que se reveste a nossa instrucção classica indicando a necessidade urgente do ensinamento technico e profissional. Até agora para a comprehensão estreita dos nossos governantes, a educação profissional se resumia na fundação de institutos para cegos e surdos-mudos...

O sr. Francisco Campos relaciona a verdadeira educação profissional com a vida politica da nacionalidade mostrando como os phenomenos economicos que dependem directamente da organização de um corpo profissional e de um apparelhamento technico põem em movimento as engrenagens da machina governamental.

O homem de governo apalpou, sem se submetter a uma noção simplista dos nosos acontecimentos politicos e sociaes, as necessidades concretas da nação mostrando as forças occultas do inconsciente sociologico de uma collectividade.

Eis um fragmento de seu discurso:

"A nação não é, com effeito, apenas ordem juridica e ordem moral, funcção de autoridade e de governo: é tambem, e hoje, antes de tudo, uma usina e um mercado. Si a instrucção classica fórma os espiritos para a vida civica e para a actividade politica, somente a instrucção profisional pode preparal-os para as funcções do mercado, com os seus problemas proprios, os seus typos particulares de actividade social e economica, seus processos technicos definidos e inconfundiveis. Somente a nação que tem o seu mercado apparelhado, apercebido de orgãos e instrumentos perfeitamente adaptados ás funcções da sua vida economica, é que se pode dizer realmente emancipada e autonoma. A emancipação politica será, apenas, um ente de razão, si o mercado economico não se differencia e se organiza na mesma latitude em que se differencia e organiza a vida politica. Um paiz sem organização industrial e commercial, com toda a sua majestade, as suas dragonas, os seus parlamentos, as suas declarações de direitos, não passará de um embryão nacional, com uma vida de relação inteiramente artificial e inconsistente por insufficiencia dos seus orgãos de nutrição. Até aqui temos cuidado mais de nossa vida de relação do que da nossa vida de nutrição."

O novo ministerio

Começou a semana corrente por uma irreverente pilheria sobre assumpto serio e grave.

Justamente como manda a technica que seja aberta uma *boite á surprise*, foi, quando menos se esperava, servido ao publico, como prato do dia de segunda-feira, o ministerio que o presidente do futuro quadriennio teria organisado para seu uso e goso de todos nós, feliz Nação brasileira, tão feliz que lhe servem os seus governos, a tempo e a hora, sem que ella dê, para isso, um passo que seja. So lhe exigem que pague, isso sim, e não o que ella quer ou póde pagar, mas o que lhe exigem.

Naquelle dia memoravel nem um só reporter de serviço no palacio de Tiradentes, ex-Cadeia Velha, saiu dalli de mãos abanando, sem nada de bom a levar á sua folha. Antes, pelo contrario, todos levavam a sua provisão, valiosa e sensacional, que era o ministerio inteirinho e mais uns quantos altos servidores do paiz, que não estão acima, mas tambem não ficam abaixo dos ministros. Escusado dizer que cada um daquelles jornalistas se gabava, convencidissimo, de ser elle o unico confidente do segredo, dos tres segredos que se guardam, no dizer de Guerra Junqueiro, como se guardam diamantes.

Que furo, Deus do céo! Aquillo era entregar ao secretario e descer direitinho á caixa do jornal o vale de uma gratificação deste tamanho...

A' tarde, todos os vespertinos publicavam a esperada nominata. A confidencia fôra circular e geral. Não houve furo, nada de gratificação extra. Um logro.

Em compensação, ninguem acreditou no ministerio, a começar por alguns dos diarios que o estamparam, a titulo de curiosidade, em negrito entrelinhado e com titulos e subtitulos. Era barriga, diziam, e muita gente propoz-se demonstrar por A + B que "aquillo não era possivel, que aquelles ministros não serviam."

Permittam que, neste ponto, estranhemos a incredulidade da maioria dos jornaes e respectivos leitores. A combinação publicada está rigorosamente dentro da formula annunciada pelo autor e dono do ministerio — ministros geographicos e de partido, isto é, partido dos governadores. O pessoal pertence todo á elite que governa e jura que ha de sempre governar. Não será, positivamente, *le dessus du panier*, mas não deixa de ser, em geral, gente, que se póde dizer, na conta.

Póde, pois, não estar certa a lista publicada, mas os ministros não desmerecem. São todos de bom porte — ou, melhor diriamos, dado o pendor invencivel do Snr. Washington Luis pelas estradas — de boa bitola.

Isso de grande ministerio é para quem póde. Pobre não tem luxo.

Já viu V. S. o Novo OAKLAND SIX?

A Fabrica Oakland realizou um verdadeiro portento, conseguindo melhorar ainda mais a qualidade dos seus afamados carros. O novo Oakland de seis cylindros conta innumeros e importantes melhoramentos, dentre os quaes merecem especial destaque os seguintes:

Novo estylo de Carrosseria Fisher — uma verdadeira creação da época, que, conservando as bellas linhas do modelo anterior, revela ainda maior symetria e mais bello contorno; pintada em dois tons, numa bella combinação de côres Duco.

Compensador Harmonico — uma innovação mecanica de grande valor, exclusividade do novo Oakland, que proporciona ao funccionamento do motor a maior suavidade, eliminando por completo toda trepidação e vibração do vira-brequim.

Avanço automatico — o qual funcciona em conjuncto com o accelerador, trazendo evidentes vantagens para o chauffeur e para o funccionamento mais perfeito do motor.

Estes não são sinão alguns dos muitos aperfeiçoamentos do novo Oakland, que tem esmerado estofamento, radiador, nickelado, pharóes typo Banjo, freio nas 4 rodas, alavanca de mudança aperfeiçoada, rodas de madeira, etc., etc.

Experimente V. S. o novo Oakland, e se convencerá que elle mantem, com ampla vantagem, a primazia, na sua classe, que muito justamente, conquistou.

Preço no Rio de Janeiro:
Turismo Sport ... 11:600$000
(Sem pneu sobresalente)

Agentes autorizados na Capital:
STEINBERG & CIA.
AVENIDA RIO BRANCO, 31-33
Agentes autorizados nas principaes cidades do paiz

SEMPRE GANHANDO PREFERENCIA

46334

Atravéz das vitrines não se podem ver bem os artigos

ENTRE PARA VER DE PERTO:

Os nossos artigos,
As nossas qualidades,
Os nossos preços,

e só então poderá reconhecer a vantagem das offertas do

PARC ROYAL

"Se quizerdes ser rico, ou permanecer rico, lêde Henry Ford."
ARTHUR BRISBANE.

Minha vida e minha obra

por HENRY FORD, de collaboração com SAMUEL CROWTHER

Nova traducção de MONTEIRO LOBATO

Saido em 1922 acha-se este grande livro transladado para o allemão, francez, finlandez, italiano, hollandez, polaco, russo, sueco, dinamarquez, tchecoslovaquo, hungaro, hespanhol e arabe, sommando as varias edições mais de dois milhões de exemplares. Henry Ford produziu uma das mais significativas obras desta geração. — (THE CENTURY).

A sensação deste livro é menos de um livro escripto do que de um homem que se senta deante de nós e conversa com facilidade, em tom impessoal, acerca da sua vida, das idéas que o nortearam, dos principios em que baseou o seu trabalho e da convicção que o anima sobre os effeitos da efficiencia na felicidade humana. — (NEW YORK TIMES).

Henry Ford revelou-se neste livro a mais alta individualidade americana da sua geração. — (THE ATLANTIC MONTH).

Considero um dever meu para com o publico attrair a attenção de todo o mundo para este grande livro. — (EDWARD A. FILENE, em THE NATION).

E' o grande livro de um grande homem. — (ROBERTO BLATCHFORD).

EM TODAS AS LIVRARIAS — PREÇO: 4$000

Companhia Editora Nacional

RUA DOS GUSMÕES, 33 — S. PAULO

A

"Revista do Brasil"

E' a publicação que conta entre nós com o maior numero de collaboradores illustres e, ao mesmo tempo, a que se vende mais barato

Numero avulso	$700
Assignatura annual , ...	16$000
Tomada conjuntamente com a do "O Jornal" ou "Diario da Noite"	12$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇAO

Rua Rodrigo Silva N.º 14 (1.º andar)

RIO DE JANEIRO

Officinas graphicas da Companhia de Livros e Papeis